



SÃO GIÃO DA NAZARÉ

Trabalhos Arqueológicos

Fase III – Sondagens nos alçados e no solo



RELATÓRIO FINAL

Luís Fontes e André Machado

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DA U.A.U.M. / MEMÓRIAS, N.º 3, 2010

Ficha Técnica

Editor: **UNIDADE DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO MINHO**
Avenida Central, 39
P 4710-228 Braga

Direcção: **LUÍS FONTES E MANUELA MARTINS**

Ano: **2010**

Suporte: **EM LINHA**

Endereço electrónico: <http://www.uaum.uminho.pt/edicoes/revistas.htm>

ISSN: **1647-5836**

Título: **SÃO GIÃO DA NAZARÉ. TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS. FASE III –
SONDAGENS NOS ALÇADOS E NO SOLO. RELATÓRIO FINAL**

Autor: **LUÍS FONTES e ANDRÉ MACHADO**



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS

n.º 3

2010

SÃO GIÃO DA NAZARÉ Trabalhos Arqueológicos Fase III – Sondagens nos alçados e no solo

RELATÓRIO FINAL

Direcção de Luís Fernando de Oliveira Fontes

Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho
Dezembro / 2003

Os responsáveis da intervenção arqueológica e subscritores do pedido de autorização de trabalhos arqueológicos reservam-se todos os direitos autorais, nos termos da legislação aplicável, designadamente os consagrados nos Decreto-Lei nº 332/97 e 334/97, de 27 de Novembro (que regulamenta os direitos de autor e direitos conexos) e a lei 50/2004, de 24 de Agosto (que transpõe para a ordem jurídica nacional a Directiva nº 2001/29/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 22 de Maio, relativa a direitos de autor e conexos).

A consulta e utilização dos dados relativos à intervenção arqueológica por parte de outros investigadores ficam condicionadas, durante cinco anos, à autorização expressa da totalidade dos responsáveis da intervenção arqueológica (os subscritores do pedido de autorização de trabalhos arqueológicos). Após esse período ficarão acessíveis ao público, reservando-se sempre, nos termos legais, os respectivos direitos morais.

O presente relatório foi aprovado pelo IPA / Instituto Português de Arqueologia - ofício n.º 06700, de 07-06-04, ref. S-179.

INDICE

1 – Introdução

2 – Objectivos e metodologia

3 – Resultados

3.1 – Sondagens nos alçados

3.1.1 – Alçado Noroeste (S.1 e S.2)

3.1.2 – Alçado Nordeste (S.1, S.2, S.3, S.4 e S.5)

3.1.3 – Alçado Sudeste (S.1, S.2, S.3, S.4 e S.5)

3.1.4 – Corte longitudinal BB' (S.1)

3.1.5 – Corte longitudinal CC' (S.1 e leitura alçado)

3.1.6 – Corte transversal JJ' (S.1)

3.2 – Sondagens no solo

3.2.1 – x 103-104 / y 99-100

3.2.2 – x 104-106 / y 99-100

3.2.3 – x 104-108 / y 102,5-105

3.2.4 – x 108-112 / y 102,5-105

3.2.5 – x 116-120 / y 94-96

3.2.6 – x 116-120 / y 96-100

3.2.7 – x 116-120 / y 100-104

3.2.8 – x 119-120 / y 96-98

4 – Síntese interpretativa e propostas cronológicas

5 – Considerações finais e recomendações ao projecto arquitectónico

6 – Bibliografia

7 – Ilustrações

7.1 – Fotografias

7.2 – Desenhos

8 – Anexos

8.1 – Lista de contextos

8.2 – Lista de achados

8.3 – Lista de classificação de moedas

8.4 – Lista geral de inventário e classificação de espólio

8.5 – Relatório e desenhos em CD-ROM

8.6 – Fotocópias dos registos de campo

1. Introdução

Neste relatório apresentam-se os resultados obtidos na terceira campanha de trabalhos arqueológicos realizada em São Gião da Nazaré, nos meses de Abril e Setembro de 2002, no âmbito do projecto de conservação, estudo e valorização do referido monumento, promovido pelo Instituto Português do Património Arquitectónico / IPPAR.

Estes trabalhos correspondem à Fase III do projecto submetido à apreciação do Instituto Português de Arqueologia / IPA e aprovado pela Comissão de Avaliação do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos - ofício 1124, de 02.MAR.00, Ref. JN9-1(55-A). Os relatórios das Fases I e II foram também aprovados pelo IPA - ofícios 0556, de 23.JAN.01 e 1595, de 22.FEV.02.

Sob a direcção do arqueólogo Luis Fernando de Oliveira Fontes, primeiro signatário deste relatório, a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho alocou a esta Fase III da intervenção em São Gião da Nazaré a seguinte equipa: Vladimiro Pires, Técnico de Arqueologia (equiparado a Assistente de Arqueólogo); Manuel Abraão Pires, Motorista (e auxiliar técnico); Clara Rodrigues, Operadora de Sistemas Informáticos (digitalização e tratamento gráfico); e Alexandrina Alves, André Machado, Gonçalo Cruz, Jorge Ribeiro, Júlia Andrade, Paula Góis e Pedro Silva, alunos da Licenciatura em História, variante Arqueologia, da Universidade do Minho, no âmbito das cadeiras Estágio de Campo II e III (Foto 1).

O presente relatório foi elaborado com a colaboração do arqueólogo André Paes Machado, que também o subscreve.

Tal como nas anteriores fases, os originais da documentação produzida ficarão depositados na Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, à responsabilidade do primeiro signatário, até que se conclua o estudo de São Gião. Posteriormente deverão ser arquivados em local a indicar pelo IPPAR.

O espólio cerâmico está igualmente depositado na Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho e o metálico no Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, Braga. Após tratamento, que está em curso e posterior estudo, será também depositado em local a indicar pelo IPPAR.

Apresentam-se em seguida os resultados obtidos fazendo-se, para cada uma das sondagens, primeiro uma caracterização geral interpretada dos dados e depois uma descrição detalhada dos contextos identificados, seguida de uma classificação genérica do espólio recolhido. Esta informação é complementada com ilustrações (desenhos e fotografias), que se apresentam em Ilustrações.

Reservamos um capítulo para apresentar uma síntese interpretativa do conjunto dos dados proporcionado pela totalidade das sondagens, integrando já as informações fornecidas pelos trabalhos histórico-

documental de Pedro Penteadó e de análise de paramentos de Luis Caballero Zoreda.

Apresentamos também algumas recomendações relacionadas com as condicionantes arqueológicas, que qualquer projecto de intervenção arquitectónica deve satisfazer.

Nos Anexos recolhem-se todas as informações produzidas nesta Fase III da intervenção arqueológica, incluindo a fotocópia integral dos registos de campo.

2. Objectivos e metodologia

Tal como se referiu nos relatórios das Fases I (+ Aditamento) e II, os resultados então obtidos, a par dos proporcionados pela leitura de paramentos realizada pela equipa do CSIC, dirigida por Luis Caballero Zoreda, tornaram evidente, tal como já se antecipara no Plano de Trabalhos, a necessidade de realizar sondagens no subsolo e nos alçados das paredes, tanto para obter dados relativos à evolução arquitectónica do edifício, como para informar as valências de engenharia e de arquitectura, com vista ao desenvolvimento dos respectivos projectos de conservação, restauro e valorização.

Assim, seleccionaram-se para escavação arqueológica 8 quadrículas no solo, distribuídas pela porta axial, pela ala lateral Norte e pela cabeceira (Fig.1), e abriram-se 16 janelas de sondagem nas paredes, distribuídas por 6 alçados (Fig.2 e Fotos 2 a 5).

As zonas de escavação no solo foram referenciadas à quadrícula estabelecida na Fase I (orientada pelos eixos do monumento e calculada com a amplitude suficiente para abranger todo o sítio, atribuindo-se números aos eixos dos “xx” e dos “yy”). As sondagens nas paredes referenciaram-se directamente aos levantamentos topográficos dos respectivos alçados, identificando-se por números, ordenados sequencialmente em cada alçado (p.ex. Alçado Noroeste / S. 1).

A decapagem dos sedimentos fez-se por camadas naturais, adoptando-se um registo equiparável ao método Harris, suportado por descrições dos contextos estratigráficos em fichas e por registos planimétricos e altimétricos de estruturas, estratigrafias e alçados, em desenho, à escala 1:20, completado com registos sistemáticos em fotografia e em vídeo (ver Anexos 8.1 e 8.5). Na zona da cabeceira, a camada inicial de solo agrícola, rigorosamente delimitada no perfil, foi retirada com recurso a máquina retroescavadora (Foto 6).

O espólio, que já foi objecto de tratamento preliminar (lavagem e/ou limpeza, inventário e acondicionamento), foi referenciado aos contextos estratigráficos, individualizando-se em registo autónomo alguns achados particulares (ver Anexo 8.2). Relativamente ao espólio cerâmico, procedeu-

se à sua classificação genérica e isolaram-se alguns tipos específicos cuja classificação já tivemos oportunidade de discutir com a Doutora Helena Catarino, do Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra (ver Fotos 72 a 105 e Anexo 8.4). As moedas, após uma primeira limpeza nos laboratórios do Museu Regional de Arqueologia de D. Diogo de Sousa, também já foram objecto de uma classificação provisória, feita pelo Dr. David Ribeiro Mendes (ver Fotos 106 a 115 e Anexo 8.3).

Todas as referenciações documentais têm por base um código de identificação, que associa vários elementos, como o acrónimo da estação arqueológica - SGN (São Gião da Nazarés), o ano da campanha – 2002, a identificação da quadrícula – x103-104 / y99-100 ou Corte JJ' S.1, e o contexto – de (0001) a “n”.

No final dos trabalhos, as sondagens escavadas junto à porta axial e na zona da cabeceira, foram recobertas com tela geotêxtil e novamente aterradas com as terras da escavação, protegendo-se ainda esta última zona com um estrado de madeira, que prolonga o colocado a Sul, possibilitando a circulação de pessoas (Fotos 7 e 8)

3. Resultados

Notas prévias:

- a) Sempre que possível, procuramos indicar a correspondência entre os contextos por nós identificados e as unidades estratigráficas definidas por Luis Caballero Zoreda, adiante designado por LCZ, e as argamassas caracterizadas por Mário Cruz, adiante designado por MC.
- b) Para efeitos descritivos, designamos como **edifício original** aquele que generalizadamente se interpreta como correspondente a um templo cristão antigo e chamado igreja de São Gião da Nazaré. Esta designação não significa que se trate do edifício mais antigo no local, como, aliás, as escavações arqueológicas vieram a comprovar.
- c) Os diagramas estratigráficos foram desenhados com *ArchEd*, na versão desenvolvida por Cristoph Hundak, Petra Mutzel, Igor Pouchkarev, Barbara Reitgruber, Barbara Schumacher e Stefan Thome (programa obtido gratuitamente em <http://www.ads.tuwien.ac.at/arched>).

3.1 – Sondagens nos alçados

3.1.1 – Alçado Noroeste (S.1 e S.2) (Figs. 2 e 3; Fotos 9 a 12)

Com as duas sondagens que aqui se escavaram, pretendia-se obter informação sobre a empena original do edifício.

Em S.1 identificou-se com facilidade o alinhamento correspondente ao cunhal das fachadas NO/NE, que conserva o paramento original (0163) até cerca de 3,4 metros de altura acima do pavimento interior lajeado. Não se identificaram vestígios associáveis ao alinhamento original da empena.

Em S.2 colocou-se à vista o paramento da parede (0209), que aqui se apresenta muito perturbado, com fissuras, perda de argamassa e elementos pétreos dispostos obliquamente. Estas características diferenciam este troço de paramento, que corresponderá à primeira elevação moderna da empena original, cujo alinhamento aqui não se conseguiu definir.

As argamassas de reboco (0016 e 0029) recobriam indistintamente as duas sondagens. Estendem-se até ao beiral actual, pelo que deverão relacionar-se com a última accção de revestimento do edifício, que será contemporânea da colocação do telhado.

O conjunto dos dados proporcionados por estas duas sondagens revelam que a parede original conservou a parte superior de modo irregular, isto é, perdeu a linha de empena original, o que é concordante com a interpretação de ter atingido um estado de ruína. A maior solidez do cunhal justifica que se tenha conservado até uma altura superior à do restante paramento. A parede veio a ser colmatada e elevada, já em época moderna, na sequência do seu reaproveitamento na remodelação funcional do edifício primitivo, transformado em instalação agrícola.

Não se considerou necessário proceder ao desenho detalhado dos paramentos colocados a descoberto, registando-se apenas em fotografia.

Estratigrafia

0016 – Argamassa de reboco exterior da fachada, de coloração geral beije (com variações entre o esbranquiçado e o rosado), composta por areia e cal, apresentando-se esta em nódulos heterogéneos (1507 de LCZ; 3c+3d ou 3b de MC).

0017 – Argamassa de cal + areia e cal hidratada injectada, para preenchimento de fissura da parede (1506 de LCZ). Trabalho realizado em Dezembro de 2001, pela empresa STAP.

0029 – Idem (0016).

0163 – Cunhal da parede original do edifício, em alvenaria de blocos paralelepípedicos esquadriados de calcário, de médias e grandes dimensões, montados em alheta (1500 de LCZ).

0209 – Paramento de parede em alvenaria irregular de blocos calcários, com juntas largas e miolo preenchidos por argamassa arenosa e escassilhos de telha e de tijolo (1507 ? de LCZ).

3.1.2 – Alçado Nordeste (S.1, S.2, S.3, S.4 e S.5) (Figs. 2, 4 e 5; Fotos 13 a 16)

Com as cinco sondagens escavadas neste alçado, pretendia-se confirmar ou infirmar a existência de um primeiro anexo agrícola, mais baixo, associado à porta central que se percebia sob a argamassa de reboco. Os objectivos específicos eram encontrar a linha de empena/beiral correspondente a esse primeiro anexo e evidenciar a porta central original, desactivada com a construção da escada exterior de acesso ao piso superior.

Nas S.1 e S.2, que se viriam a alargar e juntar numa só, a S.5, conseguiu-se distinguir claramente o interface entre dois paramentos de paredes, a inferior correspondente ao primeiro anexo agrícola, de piso térreo (0042 + 0053), e a superior correspondente ao acrescentamento do anexo agrícola, com edificação de um piso superior (0041 + 0054).

Em S.3 e S.4 também foi possível distinguir, além da padieira em madeira da porta central (0037), das suas ombreiras e do enchimento correspondente ao encerramento do vão e conseqüente desactivação da porta (0038), as duas paredes correspondentes ao primeiro anexo agrícola mais baixo (0042 + 0053) e sua posterior elevação (0039 + 0041 + 0054) (identificadas com os mesmos contextos de S.1, S.2 e .5).

Num lado como noutro, a parede superior incorporava vigas (0036 + 0040) do piso sobradado do interior do anexo agrícola.

As argamassas de reboco (0023, 0024, 0027, 0028 e 0031) recobriam indistintamente as cinco sondagens. Estendem-se até ao beiral actual, pelo que deverão relacionar-se com a última accção de revestimento do edifício, que será contemporânea da colocação do telhado.

Com o conjunto de sondagens efectuadas neste alçado obteve-se resposta a todas as questões previamente formuladas, confirmando-se a edificação de um primeiro anexo agrícola, que posteriormente veio a ser elevado, recebendo um escada na fachada para acesso ao piso superior. Sobre a cronologia destas ampliações modernas, vejam-se as considerações apresentadas no capítulo 4.

Estratigrafia

0023, 0024, 0027, 0028 e 0031 - Argamassa de reboco exterior da fachada, de coloração geral beije (com variações entre o esbranquiçado e o rosado), composta por areia e cal, apresentando-se esta em nódulos heterogéneos (1507 de LCZ; 3b + 3c de MC).

0036 + 0040 - Vigas de madeira, de secção quadrada e/ou rectangular. Suportam o piso interior, sobradado.

0037 – Padieira de porta, em madeira, de secção rectangular (tipo prancha grossa) (1567 ? de LCZ).

0038 – Paramento de parede em alvenaria irregular de blocos calcários, de tamanho médio, escassilhos de tijolo e calcário e argamassa de areia e cal (1568 de LCZ).

0039 + 0041 + 0054 - Paramento de parede em alvenaria irregular de blocos calcários, de tamanho pequeno a médio, escassilhos de tijolo e calcário e argamassa de areia e cal (1507 ? de LCZ).

0042 + 0053 - Paramento de parede em alvenaria irregular de blocos calcários, de tamanho médio, escassilhos de tijolo e calcário e argamassa limosa (1507 ? de LCZ).

0055 - Argamassa arenosa (fragmentos utilizados como escassilhos para enchimento de juntas, associável à colocação do reboco identificado com os contextos **(0023, 0024, 0027, 0028 e 0031)**).

3.1.3 – Alçado Sudeste (S.1, S.2, S.3, S.4 e S.5) (Figs. 2, 6 e 7; Fotos 17 a 26)

As cinco sondagens escavadas neste alçado visavam: confirmar ou infirmar a existência de um primeiro anexo agrícola, mais baixo; esclarecer a forma original do vão de fresta sobre o arco triunfal e averiguar a sua relação cronológica com o elemento decorativo aí utilizado; e determinar o tipo de cobertura da cabeceira.

Os objectivos específicos eram: encontrar a linha de encosto da cobertura sobre o arranque da abóbada da ábside central; evidenciar a guarnição original da fresta; identificar o arranque e/ou encosto da cobertura do compartimento setentrional da cabeceira; e evidenciar a linha de empena correspondente ao primeiro anexo agrícola.

Em S.1 e S.3, após a decapagem das argamassas de reboco superficial (**0018, 0020, 0051**), evidenciou-se o paramento original do edifício, em toda a área das sondagens, não revelando quaisquer vestígios relacionáveis com coberturas. Como tal, consideramos suficiente o registo fotográfico final, dispensando o desenho.

Na S.2, após retirada do reboco de revestimento (**0019**), evidenciou-se com clareza o limite original da “fresta”, definido por uma ombreira em alvenaria construída com a parede (**0044**), configurando um vão com cerca de 0,35x0,45 m, perfeitamente centrado em relação ao parapeito e que mais apropriadamente se poderá considerar janela, ainda que pequena, e não fresta. A ombreira integra, no topo, um fragmento de friso / imposta esculpado, em calcário branco, sem articulação com qualquer outro elemento decorativo, aparentando por isso ter sido reaproveitado. Numa fase posterior, o vão foi reduzido a fresta, por espessamento das faces interiores das ombreiras com alvenaria tosca de tijolo, com alguns blocos calcários e camadas de argamassa grosseira (**0043**), descentrando a abertura em relação ao parapeito.

Em S.4 também se retirou a camada superficial de reboco (0021), que recobria duas outras camadas de argamassa indiferenciadas (0047 + 0048) e sob as quais se identificaram paramentos de paredes correspondentes a três unidades construtivas distintas, a saber: parte superior do cunhal NE do edifício original, que aqui se conserva até 3,8 metros de altura em relação ao piso interior de *opus signinum* (0044); parede do segundo anexo agrícola, incluindo a ombreira meridional da janela do piso superior (0058); e o paramento da parede correspondente ao seu entaipamento (0057).

Na sondagem 5, sob o reboco superficial (0022) distinguiram-se dois outros rebocos (0032 + 0033), que recobriam indiferenciadamente dois paramentos de paredes diferentes, a inferior correspondente ao primeiro anexo agrícola, de piso térreo (0046 + 0053), e a superior correspondente ao acrescentamento do anexo agrícola, com edificação de um piso superior (0045 + 0052).

O conjunto dos dados proporcionados por estas sondagens permitiram esclarecer apenas parte das questões colocadas previamente, designadamente: não se identificaram vestígios correlacionados com o encosto da cobertura da ábside central e da possível ábside setentrional, nada se podendo avançar relativamente à sua configuração; a conservação do cunhal NE até cerca de 3,8 metros de altura, não é concordante com a projecção da presumida linha de empena da fachada original, o que poderá significar, considerando a provável existência de um piso superior, que a cobertura original, sendo de duas águas, teria vertentes menos inclinadas; confirmou-se a reutilização de elementos decorativos como simples material de construção na janela sobre o arco triunfal; confirmou-se a existência de dois anexos agrícolas modernos, um primeiro mais baixo, de piso térreo e o segundo correspondente à elevação de um piso sobre o anterior.

Estratigrafia

0018 + 0019 - Argamassa de reboco exterior da fachada, de coloração beije rosada (1018 de LCZ; 3c ? de MC).

0020 + 0021 + 0022 – Argamassa de reboco exterior da fachada, que se estende até ao beiral, de coloração geral beije e variações amareladas e acinzentadas (1019 + 1068 de LCZ; 2a, 3b ? e 3c de MC).

0032 – Argamassa arenosa de coloração beije amarelada (2a de MC).

0033 – Argamassa arenosa com cal, de coloração beije esbranquiçada (3b de MC).

0043 – Argamassa de reboco de coloração alaranjada (1017 de LCZ; 3c ? de MC).

0044 – Argamassa ligeiramente alaranjada e bastante compacta, correspondente ao enchimento da parede original (1000 de LCZ; 5b de MC).

0045 + 0052 + 0058 - Paramento de parede em alvenaria irregular de blocos calcários, de tamanho pequeno a médio, escassilhos de tijolo e calcário e argamassa de areia e cal (1027 ? de LCZ).

0046 + 0053 - Paramento de parede em alvenaria irregular de blocos calcários, de tamanho médio, escassilhos de tijolo e calcário e argamassa limosa (1027 ? de LCZ).

0047 + 0048 – Argamassas de enchimento, de coloração alaranjada e acinzentada (2a e 3b de MC).

0051 – Argamassa grosseira de enchimento, com fragmentos de telha (1008 e 1009 ? de LCZ).

0057 - Paramento de parede em alvenaria irregular de blocos calcários, de tamanho pequeno a médio, escassilhos de tijolo e calcário e argamassa de areia e cal (1028 de LCZ).

3.1.4 – Corte longitudinal BB' (S.1) (Figs. 2, 8 e 9; Fotos 27 e 28)

Com a sondagem escavada neste alçado pretendia-se detectar a linha da empena original do edifício, bem como vestígios relacionáveis com apoios da cobertura correspondente.

Por baixo das caiações (**0026**) e da argamassa de revestimento (**0056**) que acompanhou a elevação correspondente ao segundo anexo agrícola, distinguiram-se claramente os paramentos correspondentes à parede original (**0064**) e posteriores acrescentamentos relacionados com a adaptação do edifício a anexo agrícola: primeiro anexo agrícola mais baixo (**0063**) e segundo anexo agrícola com piso superior (**0060 + 0061 + 0062**).

Não se identificaram quaisquer vestígios que pudessem relacionar-se com a cobertura original, confirmando-se apenas a sequência de elevação da empena correspondente aos anexos agrícolas modernos.

Estratigrafia

0026 – Caiações periódicas (1534 de LCZ; 1 de MC).

0056 – Argamassa dura de areia fina e cal, com uma caiação (1062 de LCZ; 4a de MC).

0060 – Argamassa grosseira de areia e cal: remate da cumeeira (1586 e 1068 de LCZ).

0061 – Traves de madeira da armação da cobertura (1586 e 1068 de LCZ).

0062 – Paramento de parede em alvenaria irregular de blocos calcários, de tamanho pequeno a médio, escassilhos de tijolo e calcário e argamassa branca com telhas pelo meio (1057 de LCZ; 4a de MC).

0063 – Paramento de parede em alvenaria irregular de blocos calcários, de tamanho médio, escassilhos de tijolo e calcário e argamassa limosa.

0064 – Paramento de parede em alvenaria irregular de blocos calcários, de tamanho médio, escassilhos de tijolo e calcário e argamassa de areia e cal (1000 de LCZ).

3.1.5 – Corte longitudinal CC' (S.1 e leitura alçado) (Figs. 2, 10, 11 e 12; Fotos 29 a 31)

Com a sondagem aqui escavada (inicialmente com 1 x 0,5 m e depois aumentada para 1 x 1 m) pretendia-se definir com rigor o limite inferior do vão que se identificava no paramento oposto da parede (interpretado como porta de acesso ao compartimento superior da quadra central do transepto).

Sob as várias demãos de cal (**0030**), suportadas por uma camada de argamassa de reboco (**0035**), identificou-se uma segunda camada de argamassa de reboco, parcialmente picada (**0034 + 0049**), que por sua vez recobria a parede original (**0050 + 0065**), o interface correspondente ao vão da porta (**0164**), bem como o enchimento correspondente ao seu encerramento (**0059**).

Os dados proporcionados por esta sondagem confirmaram a existência do vão correspondente a uma porta de acesso a um compartimento superior na quadra central do transepto, e permitiram identificar, confirmando os dados das outras sondagens, a sucessão de rebocos relacionados com a existência de um primeiro anexo agrícola, em que o vão de porta da quadra central do transepto já estava encerrado, e posterior sobreposição associada à ampliação do anexo agrícola com um piso superior.

Estratigrafia em S.1

0030 – Caiacões periódicas (1038 de LCZ; 1 de MC).

0035 – Argamassa amarelada de reboco que recebia a cal (1049 de LCZ; 3b de MC).

0034 + 0049 – Argamassa mais dura e espessa que as restantes, com uma película de cal na superfície. Apresenta zonas com sulcos de picagem. Em determinadas áreas incorpora fragmentos de telha (1048 de LCZ; 3e e 4e de MC).

0050 + 0065 – Paramento de parede em alvenaria irregular de blocos calcários, de tamanho médio, escassilhos de tijolo e calcário e argamassa de areia e cal (1000 e 1053 de LCZ; 5b de MC).

0059 – Paramento de parede em alvenaria irregular de blocos calcários, com juntas largas preenchidas por escassilhos de calcário e de telha, com argamassa de areia e cal (1077 de LCZ; 4a de MC).

0164 – Interface correspondente ao vão da porta de acesso ao compartimento superior da quadra central do transepto (1045 ? de LCZ).

Neste corte longitudinal CC', que corresponde ao alçado distal da parede Norte da nave do templo, efectuou-se ainda um novo registo desenhado integral do paramento, à escala 1:20, cuja leitura interpretada se apresenta de seguida. Da sua análise releva, desde logo, a identificação de vestígios (vãos de portas, nichos e agulheiros) que poderão relacionar-se com a existência de um piso superior nos compartimentos da ala norte do templo original.

Estratigrafia geral do alçado

0030; 0035; 0034 + 0049; 0050 + 0065; 0059; 0164 – Contextos identificados na Sondagem.1, descritos acima.

0006 + 0107 – Camada com características de deposição natural, com sobreposição horizontal de lenticulas de limo e de areia fina, textura geral argilosa e elevada compactação. Cor geral castanha, incorpora na sua base fragmentos de telha, algum cascalho e conchas de moluscos. Sedimentação característica de fenómenos de inundação.

0008 + 0108 – Camada de destruição de coloração castanha acinzentada escura, formada por terra de matriz argilosa, compacta e que inclui muitos pontos de carvão, tijolo, cal, calhaus, cascalho e fragmentos de telha.

0010 – Camada de assentamento do piso lajeado do compartimento poente da ala setentrional, composta por terra pouco compacta, arenosa, de coloração acastanhada. Incorpora pequenas bolsas de argamassa de cor amarelada e algo friável, fragmentos de tijolo, pontos de carvão e de cal. Não foi escavada.

0011 – Pavimento lajeado do compartimento poente da ala setentrional do templo, formado por lajes calcárias de formato irregular e várias dimensões, dispostas horizontalmente e assentes em terra.

0012 – Murete sul da caixa sepulcral existente no compartimento poente da ala setentrional da igreja, em alvenaria regular de blocos calcários, escassilhos de calcário e de tijolo e argamassa arenosa de coloração esbranquiçada, com muitos pontos de cal.

0009 + 0109 – Aterro de violação das caixas sepulcrais existentes no compartimento poente da ala setentrional da igreja. Trata-se de uma camada de terra de coloração castanha, matriz arenosa e medianamente compacta, que incorpora muitos fragmentos de argamassa de cal, telha, calhaus e cascalho.

0166 – Igual ao (**0050 + 0065**) (1000 de Zoreda). Parede norte da nave central, com os seguintes vãos originais: arcos do transepto (**0167 + 0168**), porta superior nascente (**0164**), porta inferior poente (**0172**), porta superior poente (**0173**), dois nichos inferiores centrais (**0169** [1577 de LCZ] + **0171**) e um nicho superior centrado (**0174**). Incorpora ainda um silhar de secção quadrada (**0170** [1578 de LCZ]), saliente cerca de 30 cm, ao centro dos nichos inferiores.

0175 - Interface de ruptura correspondente à ruína/demolição da nave norte (apresenta terra argilosa castanho escuro, entre algumas pedras) (1040 de LCZ).

0176 - Interface de ruptura da coluna central dos arcos do transepto (associável à parede de encerramento).

0177 + 0215 - Interface de ruptura da imposta da coluna do duplo arco do transepto e do fecho do arco nascente, respectivamente (associável aos desmonte da parede de suporte das vigas do piso sobradado do anexo agrícola).

0178 - Enchimento do nicho (**0169**): alvenaria miúda de blocos calcários, fragmentos de telha, de tijolo e argamassa de areia e cal (1577 de Caballero Zoreda).

0179 - Idem, do nicho (**0171**).

0180 - Idem, do vão de porta (**0172**), em alvenaria grosseira de blocos calcários pequenos e médios, escassilhos de calcário e pouca argamassa, que preenche mal as juntas largas.

0181 - Idem, do vão de porta (**0172**) (1054 de LCZ).

0182 - Idem, nicho (**0174**) (1583 de LCZ).

0183 - Agulheiro ou cavidade para apoio de viga, de secção quadrangular, no compartimento central (1041 de LCZ).

0184 - Idem, compartimento poente (incorpora laje de calcário, fracturada, que forma uma espécie de mísula).

0185 – Idem (**0184**), sem mísula.

0186 – Interface de ruptura correspondente à perturbação associada ao desmonte da mísula de (**0184**).

0187 + 0188 + 0189 - Agulheiros ou cavidades para apoio de barrotes (1054 e 1055 de LCZ).

0190 – Igual ao (**0034 + 0049**). Recobre toda a parede, incluindo os vãos das portas, os enchimentos dos nichos e a fractura dos arranques das paredes da ala norte. Apresenta zonas com sulcos de picagem, associados à colocação de outro reboco posterior.

0191 + 0192 + 0193 + 0194 + 0195 + 0196 + 0197 + 0198 + 0199 - Agulheiros ou cavidades para apoio de vigas (pavimento sobradado do anexo agrícola).

0200 + 0201 + 0202 - Calços pétreos, agregados com argamassa de areia e cal, das vigas correspondentes aos agulheiros (**0196, 0197 e 0199**), respectivamente.

0203 – Idem (**0181**), associado à colocação do soalho sobradado correspondente à vigas (**0191 + 0192 + 0193 + 0194 + 0195 + 0196 + 0197 + 0198 + 0199**) (1054 de LCZ).

0204 - Interface de ruptura para colocação de nova padieira na porta (**0173**).

0205 – Alvenaria miúda e grosseira de enchimento da padieira da porta (**0173**) (1056 de LCZ).

0206 - Madeiramento da cobertura telhada do anexo agrícola (1585 de LCZ).

0207 – Idem 0035.

0208 – Idem 0030.

0210 - Idem 0050 + 0065

0211 - Reboco original da parede, especialmente conservado no intradorso dos arcos do transepto (1002 de LCZ).

0212 – Argamassa de areia, cal e fragmentos de telha, que preenche um possível agulheiro.

0213 – Interface de ruptura correspondente ao deslocamento para Norte do piso sobradado do anexo agrícola.

0214 – Pavimento de *opus signinum*.

3.1.6 – Corte transversal JJ' (Figs. 2, 13 e 14; Fotos 32 a 35)

Com esta sondagem pretendia-se detectar a linha de empena do edifício original e vestígios relacionáveis com os apoios da cobertura correspondente, bem como confirmar a sucessiva elevação das empenas dos anexos agrícolas posteriores. Inicialmente com 1,5 x 1 m, decidiu-se, a partir do plano 3, reduzir a sondagem para 1 x 0,75 m de forma a deixar evidenciada a sequência estratigráfica dos diversos tipos de rebocos e de argamassas.

Sob a camada de argamassa de reboco superficial (**0066**), distinguiram-se duas outras argamassas de reboco, uma superior (**0067**) de enchimento da parede que elevou o primeiro anexo agrícola e uma inferior que se apresentava parcialmente picada (**0069 + 0070**) para receber a argamassa posterior e noutra parte alisada (sem picagem), na zona correspondente à empena do primeiro anexo agrícola (**0068**).

Feita a opção por escavar apenas a metade setentrional da sondagem, confirmou-se a sequência evidenciada pelas argamassas, distinguindo-se três paramentos diferentes de parede: na parte inferior o paramento original do edifício (**0071**), que aqui se conserva até 4,10 m acima do piso interior de *opus*, ao centro o paramento correspondente à empena do primeiro anexo agrícola (**0073 + 0074**) e na parte superior o paramento do segundo anexo agrícola correspondente à elevação do primeiro (**0075**).

O conjunto dos dados proporcionados por esta sondagem confirma a sequência construtiva evidenciada nos alçados Nordeste, Sudeste e Corte

Longitudinal BB', fundamentando de modo inequívoco a interpretação da sequência construtiva de época moderna.

Estratigrafia

0066 – Idem (0035) da S.1 do Corte Longitudinal CC'.

0067 + 0075 – Idem (0045 + 0053 + 0058) das S.4 e 5 do Alçado Sudeste.

0068 + 0069 + 0070 – Idem (0034 + 0049) da S.1 do Corte Longitudinal CC'.

0071 – Idem (0050 + 0065) da S.1 do Corte Longitudinal CC'.

0073 + 0074 – Idem (0046 + 0052) da S.5 do Alçado Sudeste.

3.2 – Sondagens no solo

3.2.1 – x 103-104 / y 99-100 (Figs. 1, 15 e 16; Fotos 36 a 40 e 73)

Com esta sondagem, localizada junto à soleira da entrada ocidental do templo, pretendia-se identificar o piso exterior correlacionado com o acesso original ao edifício, que se presumia existir à mesma cota do piso interior de *opus*.

Originalmente com uma banquetta de 20 cm em relação à parede oeste da igreja, decidiu-se pelo alargamento, a partir do plano 4, até ao paramento da fachada, para clarificar a relação do lajeado exterior com a parede.

Sob o piso actual da eira, formado por uma camada de cimento sobre areia (0081 + 0082), por sua vez assente sobre um primeiro piso de cascalho e calhaus (0083), identificaram-se dois aterros diferentes, um a Norte relacionado com a destruição da soleira original e sua reconstrução mais elevada (0085 + 0088 + 0092 + 0094), que se manifesta até ao plano final da escavação rompendo toda a sedimentação subjacente, e outro a Sul (0217), que recobre outro aterro de abandono e revolvimento (0093), sob o qual se identificou um pavimento lajeado (0216), que encosta à parede original do edifício (0150 + 0099) e sobrepõe uma sepultura (0162 + 0100) escavada em camada arenosa (0098) e que a Sul é delimitada por um silhar esquadriado de grandes dimensões. No interior da sepultura conservavam-se restos osteológicos *in situ*, de um indivíduo de pequena estatura (após registo foram recobertos com areia, protegendo-se a zona com tela geotêxtil).

Os objectivos previamente definidos foram atingidos, tendo-se identificado um piso exterior lajeado que se desenvolve a uma cota condizente com a do piso interior. Este piso exterior lajeado relaciona-se

directamente com o templo, ao qual encosta recobrando o enchimento do alicerce do mesmo, sobrepondo-se ainda a um enterramento. Este pavimento é claramente contemporâneo da utilização do templo, sem que se consiga perceber se se relaciona com o momento da edificação ou com uma fase posterior.

Admitimos ainda que a vala de revolvimento associada à elevação da soleira possa dever-se, antes, devido à sua extensão para ocidente, à retirada de um silhar de grandes dimensões, semelhante ao que se identificou no perfil meridional ladeando os restos osteológicos, o que formaria uma espécie de caixa pétreo, tratando-se portanto de uma vala de violação de uma sepultura. De qualquer modo, a esta perturbação e correlacionada elevação de soleira, deve associar-se a elevação da padieira da mesma porta.

Estratigrafia

0081 – Piso moderno de cimento (tipo Portland).

0082 – Camada de areia fina, de coloração acastanhada (leito de assentamento do piso moderno de cimento).

0083 – Pavimento tipo “calçada portuguesa”, formado por elementos irregulares de calcário e fragmentos de telha (com dimensões variáveis entre 5-20 cm), em camada compactada e horizontal, com juntas preenchidas por argamassa argilosa.

0085 + 0088 + 0092 + 0094 – Camada de aterro de coloração castanha, de matriz arenosa, incorporando fragmentos de telha, de madeira, de ossos, cascalho, pontos de carvão e bolsas de argila. Integra ainda camadas de calhaus, de calcário, alguns deles reaproveitados de alvenaria. Estes contextos relacionam-se directamente com a elevação da soleira da porta (1504 de LCZ) e indirectamente com a elevação do lintel da porta ocidental (1512 + 1513 de LCZ).

0093 – Aterro de coloração cinzenta-acastanhada, matriz arenosa, pouco consistente, com pontos de carvão, fragmentos de telha e de ossos e bolsas de argamassa.

0098 – Aterro de coloração castanha-amarelada, matriz arenosa de calibragem regular, medianamente compacta; incorpora cascalho de calcário.

0099 – Aterro de fundação, composto por terra de matriz arenosa e argamassa com cascalho de calcário e fragmentos de telha e de tijolo, de coloração geral castanha-acinzentada, medianamente compacta.

0100 + 0162 – Aterro de sepultura de matriz arenosa, de coloração castanha-amarelada escura, muito compacta, delimitado pelo respectivo interface; incorpora restos osteológicos de um indivíduo jovem.

0150 – Paramento de parede em alvenaria irregular de blocos calcários, de tamanho médio, escassilhos de tijolo e calcário e argamassa de areia e cal (1500 de LCZ).

0216 – lajeado constituído por elementos de calcário, com dimensões entre os 10 e os 40 cm, dispostos de forma regular, com as suas faces dispostas de forma a fazer uma superfície horizontal (piso de circulação).

0218 – Argamassa de reboco exterior da fachada, de coloração geral beije (com variações entre o esbranquiçado e o rosado), composta por areia e cal, apresentando-se esta em nódulos heterogéneos (3c+3d ou 3b de MC).

Espólio

Para além dos fragmentos de ossos já referidos na descrição dos contextos sedimentares, recolheram-se bastantes fragmentos de telha curva, de características modernas, provenientes maioritariamente do contexto (0083), bem como fragmentos de cerâmica vermelha, vidrada e faiança, com grande predomínio das primeiras, recolhidos quase todos nos contextos associados ao aterro de elevação da soleira (0085 + 0088 + 0094). Parte destas cerâmicas apresentam características comuns aos fabricos regionais dos séculos XVII e XVIII, admitindo-se que algumas das produções vermelhas possam ser de épocas mais recuadas, designadamente os do aterro da sepultura (0100).

3.2.2 – x 104-106 / y 99-100 (Figs. 1, 17 e 18; Fotos 41 a 43)

Com esta sondagem, posicionada no alinhamento de outra feita no exterior, pretendia-se confirmar pelo interior do edifício a elevação da soleira, bem como definir a estratigrafia subjacente. Procurava-se, especificamente, verificar a eventual existência de outros pisos anteriores ao pavimento de *opus*.

Sob a camada superficial de terras de entulhos (0114), que recobriam parcialmente o pavimento interior de *opus* (0113) e encostavam à parede original (0115) e à soleira actual (0116), colocou-se a descoberto a preparação de cascalho e argamassa que constituía a parte inferior do pavimento de *opus* (0113), ao mesmo tempo que se evidenciavam diversos interfaces de ruptura (0117 + 0119), o mais importante dos quais correspondia à perturbação associada à elevação da soleira (0121), e respectivos enchimentos (0118 + 0120) e (0122).

Sob a preparação do pavimento de *opus* identificou-se um aterro regular, pouco espesso (0135), por baixo do qual surgiu uma camada lenticular de argamassa (0136), pouco espessa mas muita compacta, em deposição horizontal mas sem ocupar toda a área de escavação, características que permitem colocar a hipótese de se tratar de um piso térreo.

Sob esta camada de argamassa escavou-se um primeiro aterro homogéneo (0137), que recobria um ressalto da parede, tipo sapata de

alicerce, com argamassa (0144), bem como um segundo aterro (0138), que se desenvolvia abaixo do topo deste ressalto e que não foi totalmente escavado.

No conjunto, os dados proporcionados por esta sondagem revelaram uma sequência estratigráfica simples, destacando-se a sedimentação correlacionada com a edificação original. Nesta, importa destacar o que poderá corresponder ao piso térreo original, o que, a confirmar-se de modo mais explícito noutras zonas do edifício, testemunha a existência de uma primeira ocupação do templo anterior à definida pelo piso de *opus*.

Estratigrafia

0113 – Pavimento tipo *opus signinum*, formado por uma camada superior de argamassa de cal, areia fina e tijolo moído, de coloração geral avermelhada, assente numa base composta por cascalho, areia grosseira e cal. Formam uma camada única, bem compactada e horizontalmente regular, encostando às paredes sem espessamento ou ressalto.

0114 – Aterro de terra de matriz limosa mas com grãos de areia grosseira, de calibragem irregular, pouco compacta e de coloração castanha avermelhada. Incorpora pequenos fragmentos de calcário, de argamassa e de tijoleira.

0115 + 0144 – Parede original (ver descrição de 0150, na quadrícula anterior) + lenticula de argamassa amarela acastanhada, muito compacta, arenosa, sobre ressalto da parede (1500 de LCZ).

0116 – Soleira da porta ocidental, em mamposteria de blocos calcários, terra e escassilhos de calcário (1504 de LCZ).

0117 – Interface correspondente a um covacho, de forma irregular.

0118 – Preenchimento do covacho (0117), com terra de matriz limosa com alguma areia, muito compacta e coloração cinzenta escura.

0119 – Interface correspondente a um covacho, de forma subcircular, que poderá corresponder a um apoio de poste.

0120 – Aterro de preenchimento do covacho (0119), em terra de matriz limosa, alguma areia, compactação elevada e coloração castanha escura. Incorpora algumas pequenas bolsas de argamassa, fragmentos de tijolo, pontos de carvão e cascalho de calcário.

0121 – Interface da cova associada à elevação da soleira da porta ocidental (0116). Em relação directa e indirecta com, respectivamente, 1504 e 1512 de LCZ.

0122 – Aterro da cova (0121). Terra de matriz arenosa, compacta, de coloração castanha escura, que incorpora fragmentos de tijoleira, de telha, bolsas de argamassa e cascalho, bem como alguns fragmentos de *opus* na parte inferior. Em relação directa e indirecta com, respectivamente, 1504 e 1512 de LCZ.

0135 – Aterro de coloração castanha escura, matriz limosa, muito compacta, com fragmentos de tijolo, cascalho de calcário e pontos de argamassa e de carvão.

0136 – Lentícula de argamassa de coloração amarela acastanhada, matriz arenosa, muito compacta. Identificam-se alguns pontos de cal e de carvão. Características de piso térreo.

0137 – Aterro de matriz limosa e alguma areia grosseira, muito compacta, de coloração castanha, Incorpora pequenas bolsas de argamassa e pontos de carvão.

0138 – Aterro de matriz limosa e alguma areia, compacta, de coloração castanha escura amarelada. Inclui fragmentos de telha e de tijolo.

Espólio

Esta sondagem forneceu raros fragmentos de cerâmica, de classificação difícil, dificultada ainda por provirem de aterros modernos (0122). Trata-se de fabricos oxidantes, com características que se identificam em produções de grande amplitude cronológica, sem que se possa atribuir uma época precisa.

3.2.3 – x 104-108 / y 102,5-105 (Fig. 1, 19 e 20; Fotos 44 a 50 e 73 a 88)

A escavação desta quadrícula, correspondente ao compartimento poente da ala Norte do edifício original, foi determinada pelo facto de aí se conservar uma sedimentação com cota elevada, “selada” pelo muro de apoio ao soalho do piso superior. Era mesmo a única zona do interior do edifício que não tinha sido intervencionada nas anteriores campanhas de escavação arqueológica. Considerou-se, portanto, que aí se poderia obter uma leitura da sequência estratigráfica mais completa, que confirmasse ou infirmasse as leituras de paramentos já feitas, ao mesmo tempo que se esclareceria a questão de saber se o acesso ao piso superior, se poderia fazer por este compartimento.

Importa explicitar que os trabalhos arqueológicos só foram possíveis após desmontagem da referida parede de apoio do soalho, que ameaçava ruir, e que se decidiu escavar primeiro a metade nascente do compartimento, para obtenção de um perfil transversal de leitura das relações estratigráficas com as paredes do edifício. A escavação desta metade nascente decorreu no mês de Abril de 2002, escavando-se a metade poente apenas em Setembro. A descrição que a seguir se apresenta integra os resultados das duas metades.

Depois de se reposicionarem os prumos (0001) de apoio do soalho, que substituíram a parede desmontada, retirou-se a camada superficial de terras detríticas (0002 + 0101) relacionadas com a utilização recente do

espaço como estábulo, evidenciando-se então o piso térreo (0102) no qual foi rasgada a vala para fundação da já referida parede, vala aterrada com calhaus e terra, envolvendo lajes de maiores dimensões fincadas na vertical (0003 + 0110).

Após escavação do referido aterro da vala de fundação, iniciou-se a decapagem dos sedimentos subjacentes, que se apresentavam em camadas regularmente horizontais e numa sequência vertical contínua, sem perturbações significativas, distinguindo-se aterros de obra (0004 + 0103; 0104; 0005 + 0105), aterros de abandono (0106; 0008 + 0108; 0140) e pisos (térreo: 0006 + 0107 e lajeado + soleira: 0011 + 0010), correlacionáveis com as ocupações medieval e moderna do edifício.

Verificou-se que o pavimento lajeado tinha sido perturbado (0009 + 0109), e que recobria duas caixas sepulcrais rectangulares estruturadas por três muretes paralelos (0011 + 0012 + 0013), com orientação E/O, cujo enchimento de terra (0014 + 0015) se deixou para escavação futura.

Todos os sedimentos e estruturas se correlacionam com as paredes originais do edifício (0166 + 0210).

O conjunto dos dados proporcionados pela escavação desta sondagem revelou-se de grande importância, superando-se as expectativas colocadas inicialmente. Para além de se obter uma boa leitura da sequência estratigráfica correlacionada com as últimas transformações medievais do edifício e sua reutilização moderna, determinou-se a dupla funcionalidade do compartimento, como espaço sepulcral e nó de circulação interna e externa do edifício original, esclarecendo-se ainda que o acesso ao piso superior, à tribuna, não poderia efectuar-se por aqui, por força dos três vãos de porta identificados.

Relacionada com a porta Norte do compartimento, identificou-se ainda uma remodelação arquitectónica, de cronologia incerta mas que parece associar-se à pavimentação lajeada, configurando uma espécie de pórtico exterior, que se desenvolve para Norte mas do qual se ignora a planimetria completa.

Para além destes dados de natureza arquitectónica, importa assinalar a apreciável quantidade de cerâmicas modernas recolhidas neste compartimento, entre as quais se distinguem produções regionais portuguesas e produções importadas, testemunhando uma ocupação que pode balizar-se entre a segunda metade do século XVII e os meados do século XVIII.

Estratigrafia

0001 – Areia e gravilha onde assentam as tábuas que recebem os prumos de suporte do soalho do piso superior.

0002 + 0101 – Aterro detrítico, composto por terra de coloração acastanhada, de matriz argilosa e consistência variável, que incorpora cascalho, calhaus, tijolo e grandes quantidades de palha, pedaços de plástico e fragmentos de argamassa de reboco de cor esbranquiçada.

0003 + 0110 – Aterro da vala de fundação que serviu de alicerce ao muro que suportava as vigas do soalho do piso superior, formado por grandes blocos fincados, calhaus, cascalho e terra de matriz arenosa, com consistência variável (1039 e 1575 de LCZ).

0004 + 0103 – Aterro de abandono, formado por terra de coloração castanha escura, matriz arenosa, muito compacta, com alguns fragmentos de telha e cascalho.

0005 + 0105 – Aterro de abandono, formado por terra de cor cinzenta escura, matriz arenosa fina, muito compacta. Incorpora pontos de carvão e de argamassa branca, cascalho, alguns calhaus e pequenas bolsas de terra argilosa.

0006 + 0107 – Piso térreo de matriz limosa e lenticulas de areia fina, com elevada compactação, homogénea. De cor castanha-esverdeada, incorpora raros fragmentos de telha e lascas de calcário, bem como algumas conchas de moluscos e bivalves.

0007 + 0140 – Bolsas de argamassa de coloração amarelada e de matriz arenosa, pouco compacta. Incorpora lenticulas mais argilosas de cal, pontos de carvão e de tijolo.

0008 + 0108 – Aterro de abandono, composto por terra de matriz arenosa fina. Compacta, de coloração castanha escura. Inclui muitos pontos de carvão, tijolo e cal, bem como alguns calhaus, cascalho e fragmentos de telha.

0009 + 0109 – Aterro de revolvimento formado por terra de cor castanha e matriz arenosa, medianamente compacta. Incorpora abundantes fragmentos de argamassa esbranquiçada, telha, calhaus e cascalho.

0010 – Aterro de enchimento, de terra de coloração acastanhada, matriz arenosa e muito compacta. Inclui alguns fragmentos de telha, cascalho e pontos de argamassa.

0011 – Pavimento formado por lajes calcárias de formato poligonal irregular e dimensões variáveis, assentes de modo regularmente horizontal. Junto à porta Norte, duas lajes prolongam a soleira para o interior, apresentando rasgos laterais para colocação dos eixos das portas.

0012 – Murete em alvenaria regular de blocos calcários de tamanho médio, com miolo e juntas preenchidos com escassilhos de calcário e fragmentos de telha e argamassa arenosa de cor esbranquiçada, com muitos pontos de cal. Trata-se do murete Sul da caixa sepulcral meridional.

0013 – Idem (0012). Corresponde ao murete central, que divide as duas caixas sepulcrais.

0014 – Aterro de enchimento, composto por terra de matriz arenosa, compactação média e coloração castanha escura. Incorpora pontos de

carvão e de cal e fragmentos de tijolo, de telha e algum cascalho. Não foi escavada.

0015 – Idem (0014). Não foi escavada.

0102 – Piso térreo de matriz argilosa, homogénea, muito compacta e coloração castanha amarelada. Incorpora bolsas de cal e raros fragmentos de telhas.

0104 – Aterro de demolição, composto por um aglomerado de fragmentos irregulares de argamassa, de matriz granulosa grosseira, friável e coloração amarelada. Incorpora poucos fragmentos de telha e cascalho de calcário. Poderá corresponder a um nível de obra.

0106 – Aterro de abandono, de matriz arenosa fina, muito compacta e coloração acastanhada. Incorpora pontos de cal e de carvão, fragmentos de telha, cascalho e calhaus.

0166 + 0210 – Ver Corte CC`, leitura alçado (1000 de Zoreda).

0180 – Ver Corte CC`, leitura alçado (1551 de Zoreda).

Espólio

Nesta quadrícula recolheram-se 601 fragmentos de cerâmica doméstica, o que constitui uma quantidade apreciável, pois corresponde a cerca de 43 % do total de cerâmica recolhida em todas as quadrículas escavadas nesta campanha. Registe-se ainda a recolha de quase 30 kg de fragmentos de telhas, alguns pequenos fragmentos de ossos, o registo de apenas 3 fragmentos de ferro e ainda uma conta em osso.

A análise da sua distribuição revela algumas relações interessantes, nomeadamente:

a) Quase 70 % dos fragmentos de cerâmica doméstica são provenientes dos contextos de abandono (0005 + 0105 e 0106), registando-se uma presença significativa de vidrados estanhíferos (faianças) e de vidrados de chumbo, respectivamente com 123 e 80 fragmentos, correspondentes a 30 % e 20 %, aproximadamente. Distinguem-se fabricos regionais portugueses, designadamente dos centros de produção da zona de Coimbra e de Lisboa, com faianças tipo “aranhões”, “listadas”, “de rendas” e “contas-arabescos”, cerâmicas vermelhas e moldadas dos centros de produção do alto-Alentejo e das Caldas (tipo “Josefa de Óbidos”), cerâmicas com vidrado amarelo e verde e ainda faianças importadas da Flandres. Todos estes fabricos se datam entre o último terço do século XVII e os meados do século XVIII, revelando uma coerência cronológica perfeitamente concordante com os contextos de proveniência;

b) Nos contextos (0008 + 0108 e 0009 + 0109), associados ao abandono do templo e violação das caixas sepulcrais no decurso dos séculos XVI-XVII, com 46 fragmentos (8 % do total), dominam as cerâmicas comuns vermelhas, não se tendo recolhido cerâmicas vidradas de chumbo ou estanhíferas (destas últimas registaram-se 3

fragmentos, aceitando-se que possam ter origem nas camadas superiores, descendo por efeito da acção de roedores). É destes contextos que provêm a quase totalidade dos fragmentos de osso, bem como da conta também em osso.

c) Cerca de 90 % dos fragmentos de telha foram recolhidos nos contextos referidos nas duas alíneas anteriores, sendo que 18,65 kg (66 %) são provenientes dos contextos mais antigos (0008 + 0108 e 0009 + 0109), relacionando-se claramente com uma efectiva desactivação do templo, enquanto que os 7,50 kg (27 %) dos contextos mais modernos (0005 + 0105 e 0106) se poderão correlacionar com a contínua reutilização moderna do edifício, como se sabe, pela documentação, como anexo agrícola .

3.2.4 – x 108-112 / y 102,5-105 (Fig. 1, 21 e 22; Fotos 51 a 56 e 89 a 99)

Nesta quadrícula pretendia-se caracterizar a sequência estratigráfica no compartimento central da ala Norte do templo e verificar, em particular, se se conservavam vestígios de pavimentos e qual a sua eventual relação com a pavimentação de *opus signinum* do transepto.

Tal como na quadrícula contígua a poente, também aqui os trabalhos arqueológicos só foram possíveis depois da desmontagem da parede onde se apoiava o soalho do piso superior.

Após uma limpeza inicial do compartimento, que havia já sido parcialmente escavado nas campanhas arqueológicas conduzidas por Eduíno Borges Garcia no século XX, sobretudo na metade setentrional do compartimento, procedeu-se à retirada do aterro (0096) da fundação do muro que suportava o soalho do piso superior, seguindo-se a decapagem da camada de aterro de abandono subjacente (0097), sob a qual se evidenciou um piso térreo (0112), que incorporava uma bolsa de argamassa argilosa de cal (0111), na zona central-Sul do compartimento.

A partir deste contexto, que se registou no Plano 3 de escavação, foi escavada apenas a metade nascente do compartimento, de forma a conservar um testemunho do referido piso térreo (0112).

Sob este piso identificou-se uma camada homogénea de derrube de um telhado (0123), na qual se recolheram 91 kg de fragmentos de telhas, e por baixo desta um pavimento formado por lajes calcárias, de formas poligonais irregulares, colocadas na horizontal (0126). Incrustrada entre as lajes do pavimento recolheu-se uma ferradura de ferro (Achado n.º 011).

No terço meridional, este pavimento interrompia-se configurando uma compartimentação (0124 + 0127) delimitada por um alinhamento de lajes fincadas na vertical e, junto à soleira do vão da porta nascente, incorporava uma cavidade quadrangular estruturada (0128 + 0132), formando uma espécie de caixa pétreia rebaixada.

Na banda poente (0129 + 0125) e numa pequena zona central (0130 + 1031), o pavimento apresentava-se destruído, identificando-se nos aterros correspondentes maiores quantidades de carvões e cinzas.

Refira-se ainda que este pavimento lajeado preenchia o vão da porta nascente, configurando a própria soleira, identificando-se na base da ombreira meridional, centrada, uma cavidade para encaixe do eixo da porta.

Todos os sedimentos escavados se correlacionavam directamente com as paredes do edifício original (0166 + 0210), do qual aqui se identificou com rigor o vão da porta que estabelecia a ligação entre o compartimento central da ala Norte e o tramo do transepto do mesmo lado.

Tal como no compartimento poente (x104-108 / y102,5-105), também aqui os dados proporcionados pela escavação se revelaram de grande importância, especialmente por permitirem estabelecer a existência de uma diferenciada organização funcional de espaços, definida por distintos tipos e desenhos de pavimentação.

Pelas características técnico-construtivas e planimétricas da pavimentação identificada, considera-se que este compartimento central, a par do compartimento poente, não integrava os espaços de uso litúrgico. A sua funcionalidade específica, porém, ainda não está estabelecida.

Igualmente como no compartimento poente (x104-108 / y102,5-105), recolheu-se aqui uma quantidade significativa de espólio, designadamente cerâmicas tardo-antigas, medievais e modernas, relevando alguns fragmentos de produções regionais “calcíticas” dos séculos V e VI, um provável fragmento de fabrico árabe e produções regionais de faianças e de comuns vermelhas, testemunhando uma longa ocupação do lugar.

Estratigrafia

0096 – Idem contextos (0003 + 0110) da quadrícula x104-108; y102,5-105.

0097 – Idem contextos (0005 + 0105 e 0106) da quadrícula x104-108; y102,5-105.

0111 – Bolsa lenticular de argamassa de cal, de coloração branca, muito compacta.

0112 – Idem contextos (0006 + 0107) da quadrícula x104-108; y102,5-105.

0123 – Idem contextos (0008 + 0128) da quadrícula x104-108; y102,5-105.

0124 + 0127 – Aterro de terra de matriz arenosa, compacta, de coloração castanha, que incorpora fragmentos de telha, cascalho e raras lajes calcárias, bem como pontos de carvão. É delimitado a Norte pelo contexto (0127), correspondente ao interface de união definido pelo alinhamento de lajes fincadas.

0126 – Idem contexto (0011) da quadrícula x104-108; y102,5-105.

0128 + 0132 – Trata-se de uma cavidade de forma quadrangular (0128), estruturada por lajes que integram o pavimento (0126), com lados que variam entre os 30 e os 40 cm e com cerca de 16 cm de profundidade. O fundo é de terra de matriz arenosa, muito compacta, de coloração castanha escura, incorporando fragmentos de telha e de cascalho calcário (0132).

0129 + 0125 – Idem contextos (0009 + 0109) da quadrícula x104-108; y102,5-105.

0130 + 0131 – Interface de ruptura que corta o pavimento (0126), desenhando um covacho de formato irregular (0130), que é preenchido por um aterro (0131) de terra de matriz arenosa, pouco compacta, de coloração castanha avermelhada e que incorpora pequenas bolsas de carvões e cinzas contexto. Poderá tratar-se de uma estrutura provisória de combustão.

0166 + 0210 – Ver Corte CC`, leitura alçado (1000 de Zoreda).

Espólio

Nesta quadrícula recolheram-se 614 fragmentos de cerâmica doméstica, correspondente a cerca de 44 % do total de cerâmica recolhida em todas as quadrículas escavadas nesta campanha. Registe-se ainda a recolha de 128 kg de fragmentos de telhas, de alguns pequenos fragmentos de ossos, de apenas 4 fragmentos de vidro e o acima já referido achado de uma ferradura em ferro.

Da análise da sua distribuição extraímos resultados muito semelhantes aos proporcionados pela quadrícula x104-108; y102,5-105, relevando as seguintes relações:

a) 90 % dos fragmentos de cerâmica doméstica são provenientes dos contextos de abandono (0096 e 0097), registando-se uma presença significativa de vidrados estanhíferos (faianças) e de vidrados de chumbo, respectivamente com 158 e 88 fragmentos, correspondentes a 28,5 % e 15,8 %, aproximadamente. Distinguem-se fabricos regionais portugueses, designadamente dos centros de produção da zona de Coimbra e de Lisboa, com faianças tipo “aranhões”, “listadas”, “de rendas” e “contas-arabescos”, cerâmicas vermelhas e moldadas dos centros de produção do alto-Alentejo e das Caldas (tipo “Josefa de Óbidos”), cerâmicas com vidrado amarelo e verde e ainda cerâmicas vermelhas de possível fabrico em Ovar/Aveiro. Todos estes fabricos se datam entre o último terço do século XVII e os meados do século XVIII, em concordância com a cronologia relativa de base estratigráfica e com a cronologia fornecida pela documentação.

b) Nos contextos (0123 e 0125), associados ao abandono do templo e revolvimento do pavimento lajeado nos séculos XVI-XVII, com 49 fragmentos (7 % do total), dominam as cerâmicas comuns vermelhas (registou-se apenas 1 fragmento de faiança e 4 de vidrada

de chumbo, admitindo-se que estes 5 fragmentos sejam oriundos das camadas superiores, tendo penetrado nas camadas subjacentes por efeito da acção de roedores). É também destes contextos que provêm fragmentos de cerâmicas vermelhas “calcíticas”, datáveis do período suevo-visigótico, explicando-se a sua presença pelo facto de se estar em presença de aterros de revolvimento dos sedimentos inferiores.

c) Os fragmentos de telha foram recolhidos nos contextos referidos nas duas alíneas anteriores, sendo que 91 kg (71 %) são provenientes do nível mais antigo de abatimento do telhado (0123), enquanto que os restantes 37 kg (29 %) se dispersavam pelos contextos mais modernos (0096 e 0097).

3.2.5 – x 116-120 / y 94-96 (Fig. 1, 23 e 24; Fotos 57 e 58 e 100 a 103)

Esta zona já tinha sido objecto de intervenções arqueológicas, em 1965 dirigidas por Eduíno Borges Garcia e em 1981 por João Saavedra Machado. Os resultados então obtidos, no que concerne à delimitação do edifício na sua zona de cabeceira, não foram conclusivos, tendo-se aterrado novamente as “sanjas” escavadas.

Com a escavação da metade setentrional desta quadrícula pretendia-se verificar a configuração da zona Sul da cabeceira, procurando confirmar ou infirmar a existência de uma capela lateral. Pretendia-se ainda, definir a relação do edifício original com os vestígios de pavimento de *opus signinum* que se haviam colocado a descoberto a nascente, aquando da campanha de limpeza efectuada no ano 2000 e que não tinham sido detectados nos trabalhos arqueológicos do século passado.

Começou por se isolar os aterros das escavações de 1965 e de 1981, respectivamente (0077 + 0079) e (0076 + 0078), evidenciando-se uma série de camadas subjacentes, optando-se pela decapagem das mais elevadas que, a nascente, recobriam o pavimento de *opus*. Assim, retirou-se um aterro (0084) que se verificou corresponder ao saque da parede (0146) que delimitava o pavimento de *opus signinum* (0147), sobre o qual se identificou ainda um aterro de demolição (0086).

Com a parede e o pavimento visíveis, optou-se por deixar estas estruturas tal como se conservaram e prosseguiu-se a escavação com a decapagem de um aterro de demolição moderno, que incorporava blocos de *opus* do transepto Sul (0087) e sob o qual se vieram a identificar o aterro de revolvimento (0090 + 0148) e os restos da metade meridional de um sepultura, definida por uma caixa pétrea de formato trapezoidal, mais larga a NO (cabeceira) (0091).

Esta sepultura incorporava-se num aterro (0089), de que se escavou apenas parte, o qual continha restos osteológicos humanos. Verificou-se

ainda que este aterro preenchia o rompimento do pavimento de *opus signinum* que se conservava a nascente (0147).

Os objectivos que haviam orientado a escavação desta quadrícula foram plenamente atingidos, confirmando-se de modo claro os seguintes dados:

a) não se identificou qualquer parede ou indício da sua existência, que se pudesse relacionar com qualquer compartimento lateral na cabeceira, original ou acrescentado posteriormente;

b) o espaço exterior a nascente da quadra Sul do transepto, com a qual se comunicava através de uma porta, de que se conservam vestígios da ombreira setentrional, conheceu uma ocupação cemiterial, como evidenciam os restos de uma sepultura em caixa pétreia, de formato trapezoidal e orientada NO-SE, tipologicamente semelhante às sepulturas conservadas nos compartimentos poente das alas laterais do edifício;

c) a nascente préexistia um edifício, aqui testemunhado por uma parede e respectivo pavimento em *opus signinum*, que foi sobreposto pela construção do chamado edifício original, correspondente ao templo de São Gião da Nazaré. A parede mais antiga apresenta uma orientação ligeiramente diferente, divergindo cerca de 5 ° para Este.

No que concerne ao espólio, limitado a escassos 4 fragmentos de cerâmica vermelha recolhidos nos contextos de revolvimento (0076 e 0084), 10 fragmentos de ossos humanos provenientes também do contexto (0084), um fragmento de ferro indiferenciado, recolhido no contexto (0086) com o n.º de Achado 008 e uma moeda (Achado n.º 010) recolhida ainda num contexto de revolvimento (0087), pouco mais há a acrescentar para além da constatação da quase ausência de materiais, compreensível por se tratar de aterros de revolvimento exteriores ao edifício. A moeda, que pelo seu módulo e peso é medieval, poderá correlacionar-se, pelo local de achado, com a sepultura correspondente ao contexto (0091).

Estratigrafia

0076 + 0078 – Interface e aterro da escavação de 1981: o primeiro desenha uma forma sensivelmente circular, com orientação N/S e inclinação vertical; o segundo é composto por terra de matriz limo-arenosa, de coloração castanha escura, de calibragem irregular, muito compacta e incorpora cascalho, fragmentos de telha e de reboco.

0077 + 0079 – Idem (0076 + 0078), correspondente à intervenção de 1965.

0084 – Aterro de saque da parede (0146), composto de terra de matriz limo-arenosa de calibragem regular, muito compacta e coloração

castanha escura acinzentada; inclui fragmentos de tijoleira, cascalho de calcário, nódulos de argamassa e pontos de carvão.

0086 – Aterro de demolição. Terra de matriz limo-arenosa de calibragem irregular, compacta e coloração cinzenta rosada; inclui fragmentos de tijoleira, cascalho de calcário e nódulos de argamassa.

0087 – Aterro de demolição. Terra de matriz limosa, de calibragem regular, compacta e coloração cinzenta escura avermelhada; inclui fragmentos de tijoleira, cascalho de calcário, nódulos de argamassa e abundantes fragmentos de *opus signinum*.

0089 – Aterro de construção (?). Terra de matriz limosa, calibragem regular e muito compacta, de coloração castanha avermelhada. Incorpora fragmentos de tijoleira, de telha, elementos de calcário que atingem 15 cm de comprimento, pontos de carvão e nódulos de argila; inclui ainda, restos de *opus signinum*, conchas de moluscos e fragmentos de ossos humanos.

0090 + 0148 – Interface de violação de sepultura e respectivo aterro de terra de matriz limo-arenosa, compacta, de coloração castanha escura. Incorpora cascalho de calcário, fragmentos de tijoleira, nódulos de argamassa e pontos de carvão.

0091 – Parede de face única formada por blocos de calcário de talhe unifacial, preenchendo-se o miolo interior com cascalho, fragmentos de tijoleira e terra argilosa. Com dimensões que variam entre os 23 e os 43 cm de comprimento, os blocos formam um alinhamento que aparenta fazer um ângulo aproximado de 90° com uma das faces de um outro bloco de calcário que entra no perfil, no lado nascente, desenhando o que corresponderá aos pés de uma caixa pética com função sepulcral.

0146 – Parede em alvenaria de blocos calcários, com miolo e juntas largas preenchidas por cascalho e argamassa argilosa. De forma geral paralelepípedica, com dimensões que variam entre os 50x20 cm e os 30x15 cm, os blocos dispõem-se em fiadas regularmente horizontais. A parede tem um orientação ENE.

0147 – Pavimento de *opus signinum*, correlacionado com a parede (0146), à qual adossa formando um pequeno ressalto. É formado por argamassa de cal, areia e fragmentos de tijolo, assente sobre leito pouco espesso de cascalho miúdo. Oferece uma resistência média.

3.2.6 – x 116-120 / y 96-100 (Fig. 1 e 25; Foto 59)

A escavação desta quadrícula visava o mesmo objectivo que a das zonas contíguas, isto é, determinar a configuração da cabeceira do templo.

Na sequência do desaterro inicial feito com máquina retro-escavadora, que permitiu retirar os entulhos acumulados após as escavações de 1981 e face aos resultados obtidos na quadrícula x116-120 / y94-96, procedeu-se apenas á decapagem dos aterros (0095 e 0133) que sobrepunham a parede (0146) e o pavimento de *opus signinum* (0147) no

quadrante Sul, concluindo-se a intervenção com o registo planimétrico das estruturas e sedimentos assim evidenciados. Não se fez qualquer registo de estratigrafia vertical, dispensando-se igualmente a elaboração do diagrama de “Harris”.

Não se recolheu qualquer tipo de espólio.

Estratigrafia

0095 – Idem contexto (0084) de x116-120 / y94-96.

0133 – Idem contexto (0086) de x116-120 / y94-96.

0146 – Ver descrição em x116-120 / y94-96.

0147 – Ver descrição em x116-120 / y94-96.

3.2.7 – x 116-120 / y 100-104 (Fig. 1, 26 e 27, Fotos 60 a 69)

Com a escavação desta quadrícula pretendia-se definir a planimetria da cabeceira no seu lado setentrional e confirmar ou infirmar a existência de pavimento que prolongasse para o exterior o pavimento de *opus signinum* do tramo Norte do transepto e qual a sua eventual relação com a abertura do vão da porta nascente do mesmo tramo.

Tal como nas zonas contíguas, também aqui se procedeu à retirada dos entulhos recentes e da camada superficial do solo agrícola com recurso a máquina retroescavadora.

Procedeu-se depois à limpeza fina do plano inicial, no qual se identificaram diversas estruturas e sedimentos, a saber: troço de parede da cabeceira da ábside (0161), arranque da parede setentrional da ábside (0157), troço de muro adossado à parede setentrional da ábside (0156), aterro de revolvimento (0080) e área pavimentada com *opus signinum* (0155 + 0154) recoberta por aterro de abandono (0165) e por um piso térreo (0158).

Prosseguiu-se a escavação com a decapagem do contexto (0080), que se confirmou corresponder à vala de revolvimento e saque da cabeceira do templo, pois incorporava fragmentos de *opus signinum*, blocos de calcário afeiçoados, cerâmicas modernas, medievais e tardo-antigas e ainda moedas medievais, registadas com os n.º de Achado 005, 006 e 007.

Na sequência da decapagem colocou-se a descoberto, na banda nascente da quadrícula, parte de um pavimento de lajes calcárias (0152) e aterro subjacente (0151) e, no canto Sul, o aterro de violação de uma sepultura (0153), com restos da caixa pétreia que estruturava o enterramento e no seu interior as metades superiores de dois esqueletos humanos sobrepostos. Os esqueletos foram registados em desenho e fotografia, recolhendo-se uma fivela em ferro (Achado n.º 009), sendo depois novamente recobertos com areia de saibro e protegidos com tela geotêxtil.

Com a continuação da retirada do aterro de revolvimento (0080 + 0141 + 0142), foram ficando a descoberto os restos dos alicerces do cunhal Este da ábside (0157 + 0161 + 0145 + 0149) e de um outro alicerce que se desenvolvia para NE, no enfiamento da parede da cabeceira da ábside, desenhando um cunhal com a parede adossada à ábside (0156).

Após decapagem do referido aterro de revolvimento (0080 + 0141 + 0142), delimitaram-se bem os contornos dos alicerces acima mencionados, evidenciando-se então os aterros de enchimento associados à parede adossada à ábside pelo lado Norte (0143 + 0159 + 0160) e o aterro subjacente à construção da ábside (0219).

Por razões de segurança, entendeu-se conveniente suspender a escavação à cota aproximada dos 9,20 metros.

O conjunto dos dados obtidos na escavação desta sondagem revelaram-se cruciais para a compreensão da evolução arquitectónica do edifício original, devendo relevar-se os seguintes aspectos:

a) definiu-se com exactidão a planimetria da ábside, de forma rectangular, com o lado maior desenvolvendo-se paralelo à fachada. As paredes laterais, que sustentavam a cobertura abobadada, têm quase o dobro da espessura da parede da cabeceira;

b) determinou-se a existência de um compartimento adossado ao lado Norte da ábside, o qual se correlaciona directamente com a abertura da porta nascente do tramo setentrional do transepto, por via do pavimento comum de *opus signinum*, que se comprovou servir os dois espaços. Não foi possível determinar a planimetria total deste compartimento, que se estende para Norte;

c) confirmou-se a existência de estruturas anteriores à construção do chamado edifício original, como é o caso do pavimento lajeado identificado na banda SE da quadrícula, o qual se admite estar correlacionado com a parede e pavimento de *opus signinum* da quadrícula contígua a Sul (x119-120 / y96-98);

d) verificou-se existir uma sequência estratigráfica moderna semelhante à sequência estratigráfica estabelecida para o interior da ala Norte do edifício (ver resultados das quadrículas x104-108 / y102,5-105 e x108-112 / y102,5-105). Releva a identificação da sepultura no exterior da ábside, sobrepondo o saque do pavimento lajeado e encostando à cabeceira da ábside (esta sepultura, com dois esqueletos humanos sobrepostos, implanta-se ao lado do enterramento de criança que Saavedra Machado escavou em 1981, admitindo-se que possam ser contemporâneos).

Relativamente ao espólio, importa registar que, apesar da sua escassez relativa, revelou características tipológicas concordantes com a sequência estratigráfica estabelecida, proporcionando uma aproximação melhor fundamentada aos horizontes cronológicos mais recuados da ocupação do sítio, desde as cerâmicas dos séculos V-VI até às moedas da 1.^a dinastia.

Estratigrafia

0080 + 0141 + 0142 – Aterro de revolvimento composto por terra de matriz areno-limosa com calibragem irregular, muito compacta e de coloração dominante castanha. Incorpora abundantes fragmentos de telha e de tijolo, cascalho e blocos afeiçãoados de calcário, pontos de carvão e nódulos de argamassa de enchimento e de reboco.

0143 – Aterro de construção composto de terra de matriz areno-limosa, de calibre irregular, pouco compacta e de coloração acastanhada. Incorpora cascalho e blocos de calcário, fragmentos de tijolos e de telha e raros pontos de carvão.

0145 – Pequena bolsa de terra preta de carvões, pouco espessa e compacta.

0149 – Aterro de fundação, composto por terra de matriz limosa, muito homogénea, de coloração castanha, sem balastro.

0151 – Aterro / depósito de terra de matriz limo-arenosa, homogénea e compacta, de coloração avermelhada. Incorpora algum cascalho muito miúdo.

0152 – Pavimento de lajes calcárias, de formas poligonais irregulares e dimensões variáveis, dispostas na horizontal, formando uma superfície contínua, com juntas largas.

0153 – Aterro de revolvimento, de sepultura, incorporando alguns blocos de calcário correspondentes à cabeceira da caixa pétreia, bem como restos osteológicos das metades superiores de dois indivíduos sobrepostos.

0154 + 0155 – Pavimento de *opus signinum*, correlacionado com a parede (**0156**), à qual adossa sem ressalto. É formado por argamassa de cal, areia e fragmentos de tijolo, assente sobre leito bem estruturado de blocos e cascalho de calcário e escassilhos de tijolo. Oferece uma resistência elevada.

0156 – Parede do compartimento lateral Norte da cabeceira, em alvenaria de blocos calcários de dimensões variadas, montados em fiadas irregularmente horizontais e com miolo de argamassa argilosa, com escassilhos de tijolo, de calcário e nódulos de argamassa. O alicerce incorpora blocos de grandes dimensões, configurando um aparelho de alvenaria ciclópica.

0157 – Parede Norte da ábside, com 1,10 metros de espessura, em alvenaria irregular de blocos calcários, de tamanho variável, escassilhos de tijolo e calcário e argamassa de areia e cal (1000 de LCZ).

0158 – Piso térreo: idem contextos (**0006 + 0107**) da quadrícula x104-108 / y102,5-105 e contexto (**0112**) da quadrícula x108-112 / y102,5-105.

0159 – Aterro de construção composto por terra de matriz areno-limosa, muito compacta, de coloração castanha. Incorpora cascalho calcário, fragmentos de telha e de tijolo, nódulos de argamassa de cal e pontos de carvão.

0160 – Aterro de construção composto por terra de matriz arenosa, medianamente compacta, de coloração castanha matizada de amarelo-esbranquiçado. Incorpora muito cascalho calcário miúdo, alguns fragmentos de telha e abundantes nódulos de argamassa de cal.

0161 – Troço de muro que delimita o topo nascente da ábside, com 0,50 metros de espessura, em alvenaria irregular de blocos calcários, de tamanho variável, escassilhos de tijolo e calcário e argamassa de areia e cal (1000 de LCZ). No coroamento integra um elemento arquitectónico com decoração, sem que se perceba se foi reutilizado na construção original ou recolocado após a demolição setecentista.

0165 - Idem contextos (**0008 + 0128**) da quadrícula x104-108 / y102,5-105 e contexto (**0123**) da quadrícula x108-112 / y102,5-105.

0219 – Parede em alvenaria irregular de blocos calcários, com miolo e juntas preenchidas com cascalho e escassilhos de calcário e de tijolo, com argamassa argilosa (1026 e 1019 de LCZ).

Espólio

Nesta sondagem recolheu-se espólio em apenas 4 contextos, distinguindo-se, pela proveniência e pelas características tipológicas, dois conjuntos:

a) um primeiro grupo foi recolhido nos contextos (**0080 + 0141**), correspondentes ao aterro de revolvimento moderno do monumento, registando-se 98 kg de fragmentos de telha medieval e moderna, 150 fragmentos de ossos, 3 moedas medievais de finais do séc. XII – 1.º quartel do séc. XIII (Achados n.º 5, 6 e 7) e 36 fragmentos de cerâmica, distinguindo-se entre esta fabricos “calcíticos” tardo-antigos, fabricos vermelhos seiscentistas tipo Aveiro / Ovar, 4 fragmentos de vidro de chumbo e apenas 1 fragmento de faiança. A diversidade de tipologias e de cronologias que este espólio evidencia confirma o carácter de revolvimento do aterro de proveniência, sendo que a sua relativa escassez (apenas 2,6 % do total de fragmentos de cerâmica doméstica) torna mais relevante a concentração registada no interior do edifício.

d) o segundo grupo foi recolhido nos contextos (**0145 + 0149**), sendo constituído por apenas 5 fragmentos de cerâmica, sendo 1 de fabrico comum vermelho e os restantes 4 de fabrico comum “calcítico”, sendo ambos os fabricos atribuíveis ao período tardo-romano e/ou suevo-visigótico, isto é, séculos V-VI.

3.2.8 – x 120-121 / y 96-98 (Figs. 1 e 28; Fotos 70 a 72 e 104 a 105)

Trata-se de uma sondagem com apenas 1 x 2 metros, aberta junto ao canto formado pelas paredes mais antigas identificadas a nascente da igreja

cristã antiga, no lado oposto ao do pavimento de *opus signinum* correlacionado, com o duplo objectivo de verificar se do outro lado da parede também existia pavimento de *opus signinum* e de determinar a sequência estratigráfica associada e sua cronologia.

Identificou-se uma sequência simples, com uma primeira camada de aterro de abandono correspondente à base do solo agrícola (0134), sob a qual se conservava uma homogénea camada de demolição (0139), com abundância de blocos calcários de alvenaria na parte superior e de telhas fragmentadas na parte inferior, correspondentes, respectivamente, ao derrube do muro (0146) e do telhado da cobertura que lhe estaria associada. Esta camada de demolição repousava sobre uma pouco espessa mas compacta camada limosa, que se interpretou como piso térreo (0221), a que se seguia a sedimentação natural (0222).

O espólio recolhido nesta sondagem é raríssimo, registando-se apenas dois fragmentos de cerâmica de fabrico comum vermelho no contexto (0134) e uma moeda, recolhida no contexto (0139) com o n.º Achado 013, ilegível devido à corrosão das faces mas que se admite, considerando o módulo e o peso, seja de cunhagem tardo-romana.

Destaque-se ainda o facto de a totalidade (70 kg) das telhas fragmentadas recolhidas no contexto de demolição (0139), serem do tipo *imbrex*, de forma ligeiramente trapezoidal, espessas e frequentemente com sulcos digitados no extradorso.

O conjunto dos dados proporcionados pela escavação desta sondagem confirmaram a maior antiguidade relativa das estruturas aqui existentes, admitindo-se para o seu abandono / demolição uma cronologia em torno dos séculos V-VI. A ausência de pavimento estruturado a nascente do muro, configurando a existência de um simples piso térreo, poderá significar que se trata de uma zona exterior ao edifício, sem que nada mais se possa adiantar em relação às suas planimetria e funcionalidade.

Considerando que a sequência estratigráfica não apresenta qualquer complexidade, evidenciando-se com clareza no perfil y96, não se elaborou diagrama de “Harris”.

Estratigrafia

0134 – Aterro de abandono / solo agrícola composto por terra de matriz limo-arenosa, de calibragem regular, homogénea e de coloração castanha. Incorpora cascalho calcário e fragmentos de telha.

0139 – Aterro de abandono / demolição composto por uma primeira camada de fragmentos de telha (*imbrex*), sobreposta por outra de blocos poligonais de calcário, de várias dimensões e unifaciados, tudo envolto em terra de matriz limo-arenosa, de calibragem regular, pouco compacta e de coloração acastanhada. Recolheu-se aqui o Achado n.º 13.

0146 – Ver descrição em x116-120 / y94-96.

0221 – Piso térreo de matriz limo-arenosa, muito compacto, de calibragem regular, coloração castanha-acinzentada.

0222 – Idem contexto (0151) de x116-120 / y100-104.

4. Síntese interpretativa (Figs. 29, 30, 31 e 32)

Tal como já se previra na análise dos resultados da campanha de limpeza efectuada em 2000, em que se identificaram vestígios de um pavimento de *opus signinum* no talude a nascente do monumento, confirmou-se nesta campanha de 2002 a existência de restos correspondentes a uma ocupação anterior ao templo cristão antigo de São Gião.

Trata-se de restos de um edifício, do qual se colocaram a descoberto duas paredes ortogonais, que se encontram formando um cunhal. A parede mais comprida, com uma direcção que se desvia menos de 5° para nascente do eixo NE-SO, está directamente associada a um pavimento de *opus signinum*, de que se conserva apenas uma estreita banda paralela à parede, no lado poente. Um pavimento de lajes calcárias correlaciona-se indirectamente com estas paredes, desenvolvendo-se para ENE do cunhal. Sobre a funcionalidade e configuração geral do edifício correspondente a estes restos, nada se pode adiantar.

Considerando as características técnico-construtivas, a posição estratigráfica relativa e os escassos fragmentos de cerâmica correlacionados, a par da moeda recolhida no contexto de demolição, de módulo e peso de tipologia tardo-romana, apenas podemos propor para estes vestígios uma cronologia de abandono em torno dos séculos V-VI.

Estes vestígios confirmam a existência de uma ocupação antiga do local, que diversas referências entre os séculos XVI e XVIII a inscrições romanas e outros achados registados por Eduíno Borges Garcia no século XX, como são a ara anepígrafe, algumas *sigillatas* e os fragmentos de epígrafes paleo-cristãs (Garcia 1965, 23 e 1966, 631; Caballero Zoreda 2001, 23), permitem situar no período romano e de domínio suevo.

Estas edificações mais antigas já estariam abandonadas e arruinadas ao tempo da edificação do templo cristão, na construção do qual se terão reutilizado materiais dos edifícios pré-existentes, desde simples pedra de alvenaria até elementos arquitectónicos esculpturados.

O templo cristão

O edifício que se classifica como templo cristão é então edificado num local já com ocupação anterior, identificando-se pelo menos três etapas de construção / utilização, a saber:

I – Construção do edifício original, em zona desaterrada que rompeu edificações pré-existentes, que tinham, aliás, orientação ligeiramente diferente. O corpo principal do edifício apresenta uma forma aproximadamente quadrada, com 11,05 metros no eixo NO-SE e 10,65 metros no eixo NE-SO, a que se acrescenta, no lado SE, axialmente centrada, uma ábside de formato rectangular, mas com o eixo maior orientado NE-SO, com 5,05 metros e 2,75 metros no eixo menor, orientado NO-SE.

O edifício apresenta uma organização espacial interior complexa, definindo-se ao nível do rés-do-chão, cujo piso se desenvolve praticamente à mesma cota, um espaço em cruz latina, com nave central única, praticamente com o dobro da largura das alas laterais e um transepto organizado em três tramos, separados entre si por duplos arcos peraltados sobre coluna. O tramo central do transepto está separado da nave por uma parede, na qual se abre um estreito vão de porta central, ladeado por dois vãos mais pequenos tipo janelas, os três em arco peraltado, formando o que se interpreta como uma *iconostasis*. A ligação com a ábside faz-se através de um amplo arco triunfal, também peraltado, lateralmente enquadrado por duas colunas, actualmente desaparecidas. Nas paredes laterais da ábside conservam-se vestígios do que terão sido nichos ou, mais provavelmente, arcaturas cegas, como se poderá deduzir da referência a arcos sobre coluna na parede meridional da ábside, que ainda existiriam em 1780 (Penteado 1999, 113).

A ala lateral SO é mais estreita que a ala setentrional 0,15 metros, o que terá determinado o desvio de igual amplitude da coluna NE do transepto, que ficou descentrada em relação aos arcos que sustenta. Tal desvio terá resultado de se ter obtido o posicionamento medindo a partir das paredes laterais, cujas faces estão equidistantes das colunas 2,45 metros.

Diversos vãos de portas asseguravam a circulação interna e a comunicação com o exterior, abrindo-se em posição centrada relativamente aos eixos dos respectivos compartimentos. Merece destaque a existência de três vãos de porta no compartimento poente da ala lateral NE, a partir dos quais se comunicava com o exterior, com o interior da ala e com o interior da nave. Notar ainda que o vão da porta que comunica o referido compartimento com a nave, bem como a porta ocidental desta, apresentam padieiras horizontais, admitindo-se que os outros restantes vãos também a tivessem.

Refiram-se ainda quatro nichos semicirculares, de vão em arco peraltado, incorporados na espessura das paredes, servindo os compartimentos centrais das alas, com a seguinte distribuição: ala setentrional - 2 nichos no rés-do-chão e 1 nicho no piso superior, em posição centrada na parede; ala meridional - 1 nicho no piso superior, em posição centrada na parede.

O piso superior revela uma organização de espaços igualmente complexa, admitindo-se que o acesso se faria por uma escada no lado esquerdo da nave, que ligaria a uma varanda (tribuna ?), encostada à fachada norocidental (o resto da nave teria um pé-direito duplo). Daí comunicava-se com os pisos superiores das alas, através de vãos de portas de padieira horizontal, abertas em cada um dos lados da nave.

O pavimento do piso superior seria de madeira, apoiando-se em traves de madeira cravadas nas paredes e/ou suportadas por mísulas. Com excepção da nave e da ábside, admite-se que o piso superior circundaria todo o edifício, fazendo-se a comunicação com o compartimento superior do tramo central do transepto apenas pela ala lateral NE, através de um vão de porta mais pequeno que os outros. No espaço correspondente ao transepto, o piso desenvolver-se-ia a uma cota mais elevada, o que implica a existência de degraus na ligação às alas laterais.

A iluminação natural do piso superior era proporcionada, pelo menos, por três pequenas janelas rasgadas nas fachadas NO, SE e muro da *iconostasis*, alinhando-se pelo eixo longitudinal do edifício.

À utilização deste edifício devem associar-se, no exterior Sudoeste, as estruturas pétreas que se admite serem enterramentos, aparentemente com a mesma orientação NE-SO que o eixo transversal do templo.

A ocupação correspondente a estas construções deverá balizar-se entre os séculos VII e XII, tendo como fundamentação para o primeiro limite as cerâmicas calcíticas recolhidas na base da vala de fundação da parede da ábside e, para o segundo limite, as moedas da 1.^a dinastia associadas aos enterramentos com orientação NO-SE.

Deve notar-se, porém, que a orientação espacial de São Gião da Nazaré se aproxima bastante da das edificações pré-existentes, o que coloca a questão de saber se na definição dessa orientação terá prevalecido, de algum modo, a relação com o préexistente, que acima se admitiu estar abandonado e/ou arruinado, ou se, porventura, essa orientação, que hoje nos aparece como desviada do actual eixo E-O corresponderia, à data da construção, ao eixo E-O de então, como determinam os preceitos litúrgicos, explicando-se o desvio pela variação histórica da inclinação do eixo de rotação da terra e da declinação magnética.

Esta questão torna-se tanto mais relevante quanto se conhecem, no actual território português, templos cristãos antigos com a mesma configuração geral em termos de planimetria e que apresentam a mesma orientação NO-SE que o templo de São Gião, como é o caso da Falperra, junto a Braga e o Montinho das Laranjeiras, em Alcoutim, datando-se o primeiro dos séculos V-VI (Real 2001, 26) e o segundo de finais do século VI ou inícios do século VII (Maciel 1996, 94). Notar que o templo da Falperra apresenta um desvio acentuado em relação aos restantes edifícios contemporâneos, enquanto o do Montinho das Laranjeiras conserva os mesmos alinhamentos.

Assim, por analogia e se valorizarmos esta questão da orientação do eixo principal, haverá que aproximar a edificação original do templo de São Gião da Nazaré do primeiro limite cronológico balizado pelas cerâmicas calcíticas, o que corresponderá aos inícios do século VII.

II – Renovação (?) e ampliação do templo, com: abertura de uma porta na fachada NE do tramo Norte do transepto; acrescentamento de um compartimento na cabeceira, adossado ao lado Norte da ábside; repavimentação da nave, transepto, ábside e espaço colateral Norte da cabeceira, com *opus signinum*; e abertura de nicho rectangular na parede meridional da nave.

A nova porta no transepto Norte apresenta um arco ligeiramente em ferradura, determinado pelo estreitamento das ombreiras nos arranques, que no lado meridional configura quase uma imposta saliente. Do compartimento que se acrescenta na cabeceira não se conhece a planta integral, mas admite-se que correspondesse a uma pequena capela colateral. A pavimentação com *opus signinum* materializou no interior do templo um espaço claramente em cruz latina, diferenciado dos restantes espaços pavimentados com lajes de calcário. A abertura do nicho lateral na nave, de formato rectangular, com base em capialso, terá servido para enquadrar um pequeno altar ou retábulo (provavelmente dedicado a São Sebastião, como sugere a estátua encontrada enterrada no chão próximo).

Parece claro que o edifício funcionaria com as pavimentações de *opus signinum* e lajeada em simultâneo, correspondendo-lhe, contudo, afectações funcionais distintas – uso litúrgico na área pavimentada com *opus signinum* e uso “profano” na área pavimentada com lajes ?

Associa-se ainda a esta etapa a construção das caixas sepulcrais trapezoidais nos compartimentos poente das alas laterais, a remodelação da porta Norte do edifício (que se abre no compartimento poente da ala setentrional, em cuja pavimentação lajeada se reutilizam elementos arquitectónicos) e os enterramentos em caixa pétreo trapezoidal que se distribuem pela envolvente do edifício, especialmente na banda Sudoeste, onde parecem organizar-se em torno de uma espécie de pátio quadrangular central, delimitado por uma parede. Deve notar-se que todas estas estruturas de enterramento apresentam uma orientação NO-SE, concordante com o eixo principal do edifício.

A ocupação correspondente a esta fase construtiva está bem definida pela intensa utilização cemiterial do local, para a qual, à falta de datações C14 dos restos osteológicos, propomos uma cronologia alargada entre os finais do século XII e os meados do século XVI, com base nas moedas portuguesas recolhidas em contextos associados (a mais antiga um dinheiro de D. Sancho I e a mais recente um ceitel de D. João III – ver Fotos 110 e 108, respectivamente) e que se correlacionam com os enterramentos, confirmando, aliás, uma prática generalizada nos enterramentos medievais.

Esta cronologia, a confirmar-se, aponta para uma espécie de refundação plenamente medieval de São Gião, coincidindo com o aparecimento das primeiras referências documentais explícitas à existência da igreja de São Gião da Nazaré, e é especialmente concordante com as propostas de contextualização histórica do povoamento medieval cristão da região, que se considera executável a partir do século XII (Penteado 1999, 15-16).

III – O achado de uma estátua de São Sebastião enterrada no pavimento da nave, na banda Sudeste, por Eduíno Borges Garcia, em 1965 (Almeida e Garcia 1966, 407; Quadro II; Foto 6), poderá correlacionar-se com uma eventual adaptação do templo às reformas litúrgicas tridentinas, no âmbito das quais foi comum proceder-se ao enterramento de imagens medievais de santos. Pelo local de enterramento, a imagem de São Sebastião integraria o altar lateral correspondente ao amplo nicho rectangular existente na parede meridional da nave, exactamente sobre o local onde a imagem foi enterrada. Pelo cuidado colocado na reposição do nível do pavimento sobre o enterramento, o piso de *opus signinum* ter-se-á mantido em uso.

Considerando o facto de a moeda mais recente, associável à ocupação do templo, datar de D. João III (1521-1557), e que as cerâmicas que identificam a primeira ocupação pós-violação das sepulturas datam do último terço do século XVII até meados do século XVIII, poderemos balizar o abandono do templo e sua desactivação entre meados do século XVI e meados do século XVII. Terá sido neste intervalo temporal que se violaram as sepulturas no compartimento poente da ala Norte, hipótese que é reforçada pela ausência de faianças nos contextos de revolvimento 0009-0109.

O anexo agrícola

Os dados arqueológicos evidenciam uma reutilização do edifício entre meados do século XVII e meados do século XVIII, associada ao encerramento do vão da porta Norte da nave e a uma repavimentação térrea, que sobrepõe o abatimento do telhado anterior. Mas trata-se de uma reutilização que altera a função original do edifício, pois como bem evidenciam os documentos coevos, o antigo templo passou a funcionar como estábulo e palheiro – em 1702 é ordenada a desactivação da igreja de São Gião, com tapamento de portas e janelas (Penteado 2001, 30).

A leitura estratigráfica dos sedimentos e dos alçados conservados, a par dos documentos escritos informam-nos, em seguida, do colapso do edifício, que se situa criticamente em meados do século XVIII, tudo convergindo para que, na sua origem, tenha estado o forte terramoto de 1755, que destruiu parte significativa de Lisboa e de muitas cidades e vilas no Algarve. Na Nazaré, de acordo com os estudos conhecidos, o terramoto

terá atingido uma magnitude de grau VII / VIII (veja-se o site: http://einstein.física.ist.utl.pt/~sismo/imagens/JPEGs/Tagusnet/sismo1755_gr.jp), que se traduz em queda de coroamentos, ruptura de paredes e mesmo rotação e queda de paramentos de alvenaria (veja-se o site:

http://www.snbpc.pt/SNPC2000/Revistas/Frames/Revista4_EscalaMercalli.htm). Esta interpretação concorda com a documentação histórica, que refere estar a igreja demolida em 1758 (Penteado 2001, 103).

A mesma documentação refere que, cerca de 1766, se teria construído o primeiro anexo agrícola a Norte (Penteado 2001, 113), portanto, depois do terramoto.

Após este episódio destrutivo, na sequência do qual o edifício apenas conservou a nave central, ter-se-á procedido ao aterro parcial dos escombros, de que resultou a elevação do nível de circulação em cerca de 0,5 metros. Foi sobre este aterro que se processou a definitiva adaptação do edifício a anexo agrícola, ampliando-o para Norte. Nesta obra reutilizaram-se elementos construtivos do edifício original, reutilização que determinou mesmo o saque das paredes da ala Sul até aos alçerces.

A descrição do edifício após esta adaptação/ampliação setecentista é feita com relativo pormenor e manifesto desencanto por um monge de Alcobaça, em 1780, descrição da qual relevamos a classificação do edifício como palheiro, o encerramento dos vãos laterais da *iconostasis* e a utilização de uma peça romana na ombreira da porta do edifício ampliado para Norte (Penteado 2001, 113).

Em momento posterior, que se poderá situar nas duas primeiras décadas do século XX, como apontam as datas gravadas na janela baixa ocidental da parede NE do edifício e no letreiro tipo cartela poligonal, riscado no cimento do reboco, junto ao vértice da empena da fachada Sudeste, no qual parece ler-se a data de 1919, acrescentou-se um piso na metade setentrional do edifício, estendendo-se o pavimento sobradado à nave e tramo central do transepto. Esta ampliação foi acompanhada da construção de uma escada exterior alpendrada para acesso ao piso superior, encerrando-se a antiga porta central na fachada NE, ao mesmo tempo que se rasgava um novo vão de porta na fachada ocidental, para comunicar com o piso térreo, agora elevado e pavimentado com tijoleiras. Neste programa de remodelação poderão ainda incluir-se o encerramento dos vãos do arco triunfal e da arcatura meridional do transepto, bem como a transformação em janela da porta SO da tribuna/varanda da nave.

Identificam-se mais algumas remodelações e acrescentos posteriores, relacionáveis com a exploração agrícola do local e decorrentes da utilização do espaço como anexo agrícola por parte do quinteiro que se instalou na casa construída na zona contígua a SO. Entre as que tiveram maior impacto no monumento refiram-se o encerramento de janelas, o contraventamento parcial do pátio alpendrado no topo das escadas de

acesso ao primeiro piso, a construção da eira e sua adaptação parcial a estábulo/pocilga, com o levantamento do murete no canto nascente.

Feita a descrição genérica da evolução do edificado, concluiremos esta síntese afirmando que São Gião da Nazaré constitui, com base nos dados até agora conhecidos, um exemplar único na arquitectura cristã antiga da Europa ocidental. Efectivamente, as suas planimetria geral e organização funcional de espaços revelam um conjunto de características particulares, que não encontram paralelo em nenhum outro monumento do género.

As semelhanças formais, organizacionais e estilísticas, com outros monumentos europeus, especialmente com os peninsulares (Arias 1993; Caballero y Mateos 2001; Dodds 1994; Kingsley 1979; Schlunk e Hauschild 1978), são semelhanças pontuais, de um aspecto em relação a um monumento ou de um outro aspecto em relação a outro monumento, não permitindo identificar influências determinantes ou filiações exclusivas.

O “ar de família” resultará, sobretudo da sua função, isto é, do seu uso como espaço de culto cristão e, nesta perspectiva, enquanto edifício de culto cristão, São Gião da Nazaré parece inscrever-se no tipo de igrejas de planta orientada que se difunde na Europa ocidental mediterrânica, tanto por via continental como por via marítima, a partir dos séculos VI-VII. Se integrava ou não um complexo monástico, é uma questão que fica em aberto, aguardando estudos comparativos da organização litúrgica de espaços em igrejas cristãs antigas, bem como a realização futura de escavações arqueológicas nas áreas contíguas, que permitam determinar a existência e planimetria de construções conexas.

5. Considerações finais e recomendações ao projecto de intervenção arquitectónica

O conjunto de dados acima descritos, analisados e interpretados, confirma toda a importância científica que sempre se atribuiu a São Gião da Nazaré, acrescentada agora com a identificação de uma longa sequência de ocupação do local e com a obtenção de novos dados que possibilitam avançar na interpretação das características arquitectónicas do monumento e da evolução do edificado.

Contudo, é preciso completar os estudos da planimetria e afinar cronologias, o que se conseguirá com sondagens “cirúrgicas” e recolha de materiais para datação em laboratório.

Efectivamente, consideramos imprescindível efectuar mais uma leitura dos paramentos, agora facilitada pela retirada do antigo escoramento, para refinar a análise já feita e integrar os referidos novos

dados. Esta nova leitura deve ser realizada, naturalmente, sob coordenação de Luis Caballero Zoreda.

É igualmente necessário proceder a sondagens para recolha de amostras de ossos e de carvões, que permitam obter cronologias absolutas, nomeadamente por datação C14 e que se admite ser fácil recolher, particularmente na zona dos enterramentos, a Sudoeste - a obtenção de datações absolutas, a conseguir-se, constituirá um avanço determinante na fixação da cronologia do monumento, fundamentando com rigor acrescido as interpretações da sua evolução arquitectónica.

Afigura-se também do maior interesse proceder a prospecções geofísicas, pelo método da resistividade eléctrica, pois o sítio parece reunir condições de sedimentação com grande probabilidade de proporcionar a obtenção de bons resultados, neste caso a planimetria das estruturas soterradas.

É ainda necessário completar os estudos dos materiais, particularmente das cerâmicas, de que existem inúmeros perfis completos, procedendo à sua classificação, desenho, restauro e acondicionamento.

Verificada a longa ocupação do lugar, que pode recuar-se, como testemunham os vestígios arqueológicos, pelo menos à época romana, é conveniente efectuar um estudo de contextualização do arqueossítio de São Gião da Nazaré no quadro do povoamento romano regional, tendo especialmente em consideração a sua localização de charneira entre os territórios das *civitas* de *Collippo* e de *Eburobrittium* (Bernardes 1996).

Ainda que seja mais difícil, por falta de estudos, deve igualmente ensaiar-se uma contextualização histórica do povoamento da região durante o período de ocupação árabe e sua transição para o novo domínio cristão.

Ainda nesta perspectiva de longa duração da ocupação do sítio de São Gião, importará identificar as relações entre o povoamento da orla marítima e as variações geomorfológicas da linha de costa, atentando especialmente na questão da formação das restingas, dos cordões dunares e das lagoas interiores.

O conjunto dos dados apresentados neste relatório confirmam, também, o acerto da decisão de proceder ao estudo preliminar do monumento, com vista a informar os projectos de arquitectura e engenharia, que assim beneficiarão de informação actualizada e rigorosa, contribuindo para a escolha da solução mais adequada.

Desde logo, os trabalhos arqueológicos até agora realizados em São Gião da Nazaré, independentemente de faltar executar a fase final do plano de trabalhos arqueológicos pré-estabelecido, permitem já estabelecer um conjunto de condicionantes, cuja observância deve ser entendida numa perspectiva de salvaguarda das autenticidade e riqueza histórica do monumento.

Do mesmo modo, é possível identificar as principais potencialidades que as ruínas de São Gião encerram, especialmente no que concerne à sua

fruição interpretada como monumento/palimpsesto, de características verdadeiramente únicas na Europa.

Alertando para o facto de que a apreciação das condicionantes e das potencialidades não deve fazer-se dissociando umas das outras, pois são interdependentes, apresentamos em seguida aquelas que identificamos como essenciais à definição dos critérios que deverão orientar o projecto de conservação e valorização de São Gião da Nazaré:

1 – O monumento de São Gião da Nazaré, com o terreno envolvente, já reúne as condições jurídico-administrativas e de acompanhamento técnico-científico que permitem elaborar um projecto integrado de restauro, tendo em vista não só a sua conservação, como também a sua oferta para visita pública.

Nesta perspectiva, cremos que a aquisição pelo Estado da quinta de São Gião, contígua por ocidente ao monumento, não é pertinente. Cremos mesmo que, fazer depender qualquer projecto de valorização e fruição da igreja cristã antiga de São Gião da Nazaré, da integração da referida quinta nesse projecto como elemento determinante, seria bloquear todo o processo e adiar por muitos anos a concretização daquilo que justificou a intervenção do Estado – salvar São Gião da Nazaré da ruína total e mostrá-la ao público.

2 - As ruínas existentes, particularmente as respeitantes à àbside e aos compartimentos laterais, admitem facilmente a sua restituição volumétrica, o que é importante não apenas para a compreensão da arquitectura do edifício original como para assegurar a imprescindível conservação do existente: essa restituição volumétrica deverá conceber-se na dupla perspectiva de sugerir formas e proteger o edifício, sendo especialmente recomendada no lado Sul da igreja.

Com imaginação, esta obra nova deverá servir para suportar a estrutura de cobertura do monumento, que poderá ser simples, por exemplo em duas águas (evocando, aliás, a provável forma original). Esta solução de cobertura asseguraria ainda a manutenção de todas as existências, designadamente as interessantes coberturas de madeira subsistentes, bem como a imagem que é vulgarmente transmitida do monumento.

3 – A obra nova não deve impedir ou distorcer a leitura arquitectónica do monumento tal qual ele chegou até á actualidade, isto é, deve potenciar a sua leitura diacrónica. Nesta perspectiva, a obra nova deve assumir-se claramente como tal, como solução contemporânea, devendo rejeitar-se reconstruções e/ou acrescentos que mimetizem as soluções técnico-construtivas precedentes (cumprindo, aliás, as mais recentes recomendações da *Carta de Cracóvia 2000*).

Assim, entende-se que os volumes devem ser sugeridos e não necessariamente reconstruídos na sua totalidade, isto é, não se devem levantar paredes novas mas simplesmente apontar os seus planos e organização espacial (por exemplo, sob a forma do esqueleto de uma

estrutura, que marcaria exactamente a estrutura do edifício que se pretende restituir).

4 – A acumulação estratigráfica de elementos construtivos é muito interessante, possibilitando a leitura da evolução construtiva do monumento, o que significa que se deverão conservar todas as paredes, respectivos rebocos, coberturas, pavimentos e vãos, admitindo-se para estes dois últimos elementos algumas alterações selectivas, com vista a facilitar a leitura do edifício original, nomeadamente da tribuna e do alçado distal da nave.

Por exemplo, em nossa opinião, deveria desmontar-se todo o soalho actual da nave e da quadra do transepto, repondo-se nas dimensões e cotas originais; deveria também encerrar-se alguns vãos (porta superior da iconostasis e porta poente do anexo agrícola) e reabrir-se outros (porta norte da nave, porta nascente do transepto norte, porta sul da tribuna e pequena porta superior Norte na quadra do transepto).

5 – O monumento conserva pisos e vãos que possibilitam a organização de um percurso de visita interpretado, que pode ser concretizado com novos materiais sem riscos de deterioração do existente – a solução da “passerelle” parece-nos a mais correcta, tanto porque permite mostrar os pisos originais sem os deteriorar, porque não há contacto directo, como porque, sendo concebida como amovível, poderá facilmente ser redesenhada (se se quiser proporcionar um diferente percurso de visita) ou até substituída por outras soluções que venham a considerar-se mais adequadas.

6 – Os estudos já feitos e a completar, a par de outros que se possam vir a fazer, oferecem um importante conjunto de dados de grande interesse científico e histórico, que podem e devem ser explorados de formas pedagógica e interactiva pelos visitantes (p.ex., em conteúdos multimedia)

7- O subsolo deve ser preservado e proteger-se toda a zona de obra; os paramentos devem ser mantidos como se encontram, devendo ser objecto de análises detalhadas, possíveis agora que se retiraram os escoramentos antigos e que se fizeram sondagens nos seus alçados.

8- A zona meridional do monumento, onde se concentram inúmeras sepulturas, não se deve manter a descoberto nem deve ser destruída – recomenda-se que seja aterrada, até à cota do pavimento interior do templo, constituindo-se como zona de reserva arqueológica, a par de todo o terreno envolvente.

9 - O actual piso de cimento na zona ocidental do monumento, deve ser removido, por inestético e arquitectonicamente espúrio, recuperando-se o piso subjacente, apenas 5 centímetros abaixo, em calçada pétreo, piso este que será contemporâneo da ampliação do anexo agrícola do lado Norte, como se evidenciou na sondagem arqueológica efectuada junto à porta ocidental. O pavimento pétreo parece-nos ser, do ponto de vista técnico-construtivo e estético, mais concordante com as restantes construções e

servirá igualmente as necessidades de circulação e de limpeza perimetral do monumento, bem como de conservação do subsolo arqueológico.

10 - A drenagem na zona imediatamente contígua ao edifício, na sua banda Sudeste e Sudoeste, deve fazer-se sem danificar as ruínas existentes – recomenda-se que se faça de acordo com o traçado coincidente com as fundações da parede meridional, vazando para os terrenos a NO (em alternativa e se for tecnicamente exequível, um poço sumidouro na zona correspondente à quadrícula x104 / y100);

11 - Todos os trabalhos de obra que impliquem remoção de terras, deverão recolher parecer de arqueólogo, recomendando-se mesmo que quaisquer valas, caboucos ou covas sejam executadas por técnicos de arqueologia e de acordo com os procedimentos estabelecidos pela disciplina.

12 – A definição de um percurso de visita, a par da disponibilização de recursos multimedia para apoio ao visitante, só serão possíveis com um posto de recepção, o que exige instalações adequadas, nomeadamente ao nível dos equipamentos e rede de infra-estruturas (saneamento, abastecimento de água, electricidade, climatização, etc.). Estas instalações deverão ser construídas de raiz, sendo a zona onde actualmente se encontra o contentor de apoio o local que nos parece mais adequado à sua implantação.

13 – O casebre próximo do templo não deve, em nossa opinião, ser demolido. Não tem escala nem expressão arquitectónica que lhe permitam “competir” com o templo sendo, nessa perspectiva, “inofensivo”. Por outro lado, faz parte da história da ocupação do lugar, vinculando-se estreitamente com algumas alterações de uso acontecidas na segunda metade do século XX.

Finalmente, porque faz falta uma instalação de apoio ao estudo e à manutenção do monumento – parece-nos que o edifício existente comportaria bem os seguintes três espaços: um para depositar os elementos arquitectónicos avulso e mesmo as cerâmicas recolhidas (que não se podem deitar fora), outro para uma pequena oficina de apoio (banca de lavagem, mesas), e um terceiro para vestiários e sanitários, de apoio a futuros trabalhos de estudo e conservação (escavações, restauros, diagnósticos técnicos, monitorização, etc.).

14 – Tanto por questões de drenagem, como de circulação e visibilidade do monumento, o talude oriental deve ser recuado, entre 4 a 6 metros em relação à fachada do edifício. A sua configuração deveria ser definida com o contributo determinante do(a) arquitecto(a) paisagista que projectasse o arranjo ou ordenamento da paisagem envolvente de São Gião. Não vejo qualquer inconveniente em que possa desenvolver-se, por exemplo, em arco de círculo e que seja em rampa e não cortado na vertical.

Braga, 2003.DEZEMBRO

Luis F. de Oliveira Fontes
Arqueólogo / Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

André Paes Machado
Arqueólogo

6 – Bibliografia

ALARCÃO (1974), Jorge – Cerâmica Comum local e regional de Conimbriga, **BIBLOS**, (Suplementos, 8), Faculdade Letras Universidade Coimbra, Coimbra, pp.110-111.

ALMEIDA e GARCIA (1966), Fernando de e Eduíno Borges – Igreja Visigótica de São Gião (Estremadura – Portugal). Campanha de Escavações durante Agosto de 1965, in actas do **IX Congreso Nacional de Arqueologia**, Secretaria General de los Congresos Arqueologicos Nacionales, Zaragoza, pp.405-407.

ARIAS (1993), Lorenzo – **Prerrománico Asturiano. El Arte de la Monarquía Asturiana**, Ediciones Trea, S.L., Gijón.

BERNARDES (1996), João Pedro – **A Civitas de Collippo**, (Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica), Universidade dos Açores, Ponta Delgada, (policopiado).

CABALLERO ZOREDA (2001), Luis (coord.) – **La Iglesia Altomedieval de São Gião de Nazaré (Portugal). Lectura de Paramentos**, 2 vols. CSIC / IPPAR, Madrid / Lisboa, (relatório policopiado).

CABALLERO y MATEOS (2001), Luis y Pedro (eds.) – **Visigodos y Gnevas. Un Debate entre la Antigüedad Tardía y la Alta Edad Media**, Anejos de Archivo Español de Arqueología, XXIII, CSIC/CCMM, Madrid.

CASTRO e SEBASTIAN (2002), Ana Sampaio e Luis – Mosteiro de São João de Tarouca: 700 anos de história da cerâmica, **Património. Estudos**, 3, Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa, pp.165-177.

DODDS (1994), Jerrilynn D. – **Architecture and Ideology in Early Medieval Spain**, 2.^a ed., Pennsylvania State University, Pennsylvania.

GARCIA (1966), Eduíno Borges - Novos elementos sobre a igreja visigótica de São Gião (Famalicão da Nazaré Estremadura), in Actas do IV

Colóquio Portuense de Arqueologia, *LVCERNA*, V, Centro de Estudos Humanísticos, Porto, pp.625-634.

GOMES (2001), Aberto - *Moedas Portuguesas e do Território Português antes da Fundação da Nacionalidade*, (3.^a ed.), Associação Numismática de Portugal, Lisboa.

KAREN (1979), Kingsley – *Visigothic Architecture in Spain and Portugal: a study in masonry, documents and form*, University Microfilms International / University of California, Berkeley, (facsimile).

MACHADO (1981), João Saavedra (dir.) – *Relatório das Escavações em São Gião (Nazaré). Campanha de 1981*, IPPAR, Lisboa, (policopiado).

MACIEL (1996), Justino M. – *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*, Lisboa.

PENTEADO (1999), Pedro – *A Igreja e a Quinta de São Gião (Nazaré). Fontes Documentais para a sua História*, IPPAR, Lisboa, (policopiado).

PERES, (1929) Damião – *Catálogo das Moedas Portuguesas do Museu Municipal do Porto*, Tomo I, Museu Municipal do Porto, Porto.

REAL (2001), Manuel Luis – Portugal: Cultura Visigoda e Cultura Moçárabe, in *Visigodos y Omeyas. Un Debate entre la Antigüedad Tardía y la Alta Edad Media*, (Luis Caballero e Pedro Mateos Eds.), Anjos de Archivo Español de Arqueología, XXIII, CSIC/CCMM, Madrid, pp.21-75.

SCHLUNK e HAUSCHILD (1978), Helmut e Theodor – *Hispania Antiqua. Die Denkmäler der frühchristlichen und westgotischen Zeit*, Verlag Philipp von Zabern, Mainz am Rhein.

VAZ e SALGADO (1987), J. Ferraro e Javier - *Livro das Moedas de Portugal*, Braga.

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 3, 2010

7 – Ilustrações

7.1 – Fotografias



Foto 1 - Equipa de arqueologia, junto ao monumento de São Gião da Nazaré



Foto 2 - Alçado noroeste (NW) do monumento



Foto 3 - Alçado nordeste (NE) do monumento



Foto 4 - Alçado sudeste (SE) do monumento



Foto 5 - Alçado sudoeste (SO) do monumento



Foto 6 – Fase de desaterro com retroescavadora, na zona a SE da cabeceira



Foto 7 - Fase de protecção das estruturas com tela geotêxtil



Foto 8 – Perspectiva final da zona da cabeceira, protegida com estrado de madeira e oleado



Foto 9 - Alçado NO, sondagem 1, plano 1.



Foto 10 - Alçado NO, sondagem 1, plano final



Foto. 11 - Alçado NO, sondagem 2, plano 1



Foto 12 - Alçado NO, sondagem 2, plano final



Foto 13 - Alçado NE, sondagem 1, plano 1



Foto 14 - Alçado NE, sondagem 1, plano final



Foto 15 - Alçado NE, sondagem 2, plano 1



Foto 16 - Alçado NE, sondagem 2, plano final



Foto 17 - Alçado SE, sondagem 1, plano 1



Foto 18 - Alçado SE, sondagem 1, plano final



Foto 19 - Alçado SE, sondagem 2, plano 1

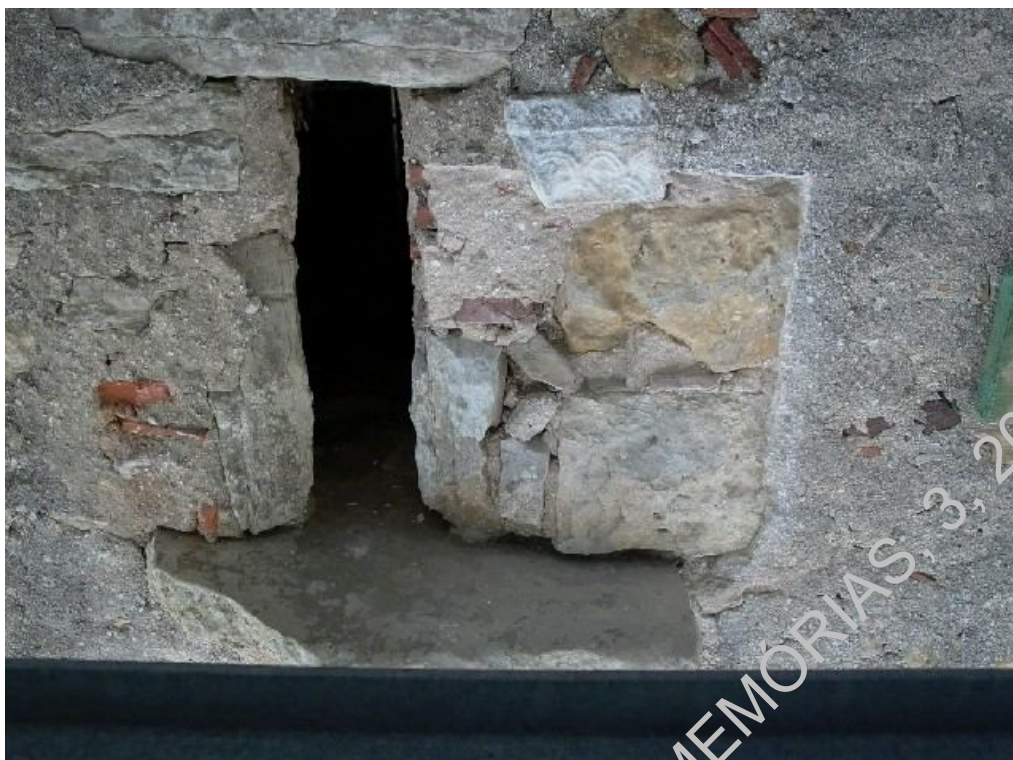


Foto 20 - Alçado SE, sondagem 2, plano final



Foto 21 - Alçado SE, sondagem 3, plano 1



Foto 22 - Alçado SE, sondagem 3, plano final



Foto 23 - Alçado SE, sondagem 4, plano 1



Foto 24 - Alçado SE, sondagem 4, plano final



Foto 25 - Alçado SE, sondagem 5, plano 1



Foto 26 - Alçado SE, sondagem 5, plano 1



Foto 27 - Corte longitudinal BB', sondagem 1, plano 1



Foto 28 - Corte longitudinal BB', sondagem 1, plano final



Foto 29 - Corte longitudinal CC', sondagem 1, plano 1



Foto 30 - Corte longitudinal CC', sondagem 1, plano 2



Foto 31 - Corte longitudinal CC', sondagem 1, plano final



Foto 32 - Corte transversal JJ', sondagem 1, plano 1



Foto 33 - Corte transversal JJ', sondagem 1, plano 2



Foto 34 - Corte transversal JJ', sondagem 1, plano final



Foto 35 - Quadrícula x103-104 / y99-100, plano 1



Foto 36 - Quadrícula x103-104 / y99-100, plano 3



Foto 37 - Quadrícula x103-104 / y99-109, plano 6



Foto 38 - Quadrícula x103-104 / y99-100, plano final



Foto 39 - Quadrícula x103-104 / y99-100, plano final, pormenor da zona da soleira



Foto 40 - Quadrícula x104-106 / y99-100, plano 1



Foto 41 - Quadrícula x103-104 / y99-100, plano 3, evidenciando rasgo no pavimento para remoção da soleira.



Foto 42 - Quadrícula x103-104 / y99-100, plano final



Foto 43 - Ala NE, ainda com parede de suporte do piso superior



Foto 44 - Quadrícula x104-108 / y102,5-105, plano 1 (primeira fase da intervenção – Abril)



Foto 45 - Quadrícula x104-108 / y102,5-105, plano final (primeira fase da intervenção – Abril)



Foto 46 - Quadrícula x104-108 / y102,5-105, plano 1 (segunda fase da intervenção - Setembro)



Foto 47 - Quadrícula x104-108 / y102,5-105, plano final (segunda fase da intervenção - Setembro)



Foto 48 - Quadrícula x104-108 / y102,5-105, plano final, perspectiva de SSE



Foto 49 - Quadrícula x104-108 / y102,5-105, plano final, pormenor da porta de comunicação com nave



Foto 50 - Quadrícula x108-112 / y102,5-105, plano 1



Foto 51 - Quadrícula x108-112 / y102,5-105, pormenor Achado nº 11 (contexto 0123), *in situ*.



Foto 52 - Quadrícula x108-112 / y102,5-105, plano 2 (piso térreo)



Foto 53 - Quadrícula x108-112 / y102,5-105, plano 3 (derrube telhado)



Foto 54 - Quadrícula x108-112 / y102,5-105, plano final, vista de NO



Foto 55 - Quadrícula x108-112 / y102,5-105, plano final, vista de NE



Foto 56 - Quadrícula x116-120 / y94-96, plano 1



Foto 57 - Quadrícula x116-120 / y94-96, plano final



Foto 58 - Quadrícula x116-120 / y96-100, plano inicial



Foto 59 - Quadrícula x116-120 / y100-104, plano 1, vista de S



Foto 60 - Quadrícula x116-120 / y100-104, plano 1, vista de E



Foto 61 - Quadrícula x116-120 / y100-104, plano 2, fase de escavação



Foto 62 - Quadrícula x116-120 / y100-104, pormenor do enterro (contexto 0153)



Foto 63 - Quadrícula x116-120 / y100-104, plano final, vista de SE



Foto 64 - Quadrícula x116-120 / y100-104, plano final, vista de S



Foto 65 - Quadrícula x116-120 / y100-104, plano final, evidenciando alicerces da parede norte da ábside e do adossamento lateral



Foto 66 - Quadrícula x116-120 / y100-104, plano final parcial, vista de SO



Foto 67 - Quadrícula x116-120 / y100-104, perfil NO



Foto 68 - Quadrícula x116-120 / y100-104, plano final, pormenor do pavimento de *opus signinum* junto à porta nascente do tramo NE do transepto



Foto 69 - Quadrícula x119-120 / y96-98, plano inicial, fase de escavação



Foto 70 - Quadrícula x119-120 / y96-98, plano 2



Foto 71 - Quadrícula x119-120 / y96-98, plano final



Foto 72 – Fragmento de alguidar, com vidrado amarelo-acastanhado (contexto 0088), sécs. XVII-XVIII



Foto 73 – Fragmentos de malga carenada, com vidrado amarelo-esbranquiçado (contexto 0005), sécs. XVII-XVIII



Foto 74 - Fragmento de tigela carenada, com vidro amarelo-mel mosqueado (contexto 0005), sécs. XVII-XVIII



Foto 75 – Fragmentos de alguidar, com vidro verde interior (contexto 0005), sécs. XVII-XVIII



Foto 76 – Frgamentos de pratos de faiança (contexto 0005/0105), sécs. XVII-XVIII



Foto 77 - Fragmentos de tigelas de faiança, tipo “Monte Sinay” (?) (contexto 0005/0105)



Foto 78 – Fragmentos de púcara de cerâmica vermelha fina moldada (contextos 0005 e 0006), sécs.XVII-XVIII



Foto 79 - Fragmentos de púcara de cerâmica vermelha fina moldada (contextos 0005 e 0006), sécs.XVII-XVIII



Foto 80 - Fragmento de prato de faiança, de fundo com omfalo (contexto 0006), séc. XVII



Foto 81 - Fragmento de prato de faiança (contexto 0101), séc. XVII-XVIII



Foto 82 - Fragmentos de alguidar, com vidrado verde interior (contexto 0101), sécs. XVII-XVIII



Foto 83 - Fragmentos de alguidar, com vidrado verde escuro e pasta rosada (contexto 0101), sécs. XVII-XVIII



Foto 84 – Fragmento de tigela de faiança (contexto 0105), sécs. XVII-XVIII



Foto 85 - Fragmentos de prato de faiança, com decoração pintada a vinhático, tipo “aranhões” (contexto 0106), sécs. XVII-XVIII



Foto 86 – Fragmentos de tigela de faiança (contexto 0106), sécs. XVII-XVIII



Foto 87 - Fragmento de prato de faiança, importado da Flandres (contexto 0106), séc. XVIII (face externa)



Foto 88 - Fragmento de prato de faiança, importado da Flandres (contexto 0106), séc. XVIII (face interna)



Foto 89 - Fragmentos de tigelinhas de faiança (contexto 0096), séc. XVIII



Foto 90 - Fragmentos de alguidar de cerâmica vermelha (contexto 0096), sécs. XVII-XVIII



Foto 91 - Fragmentos de prato e tigela de faiança, de fundo com ônfalo (contexto 0097), séc. XVII



Foto 92 P- Fragmentos de pratos de faiança, com decoração pintada de ramagens (contexto 0097), sécs. XVII-XVIII



Foto 93 - Fragmentos de tigela carenada de faiança, com decoração listada (contexto 0097), séc. XVII



Foto 94 - Fragmentos de fundos de malgas, com “marca” em manganês (contexto 0097), sécs. XVII-XVIII



Foto 95 - Fragmentos de prato e tigela de fainça, de pasta rosada (contexto 0097), sécs. XVII-XVIII



Foto 96 - Prato de fainça, com decoração pintada a azul, tipo “aranhões” (contexto 0097), sécs. XVII-XVIII



Foto 97 - Fragmentos de frigideira de cerâmica vermelha (contexto 0097), sécs. XVII-XVIII



Foto 98 - Fragmentos de diversas peças de cerâmica vermelha, de fabrico tipo Ovar/Aveiro (contexto 0097), sécs. XVII-XVIII



Foto 99 – Fragmentos de tigela carenada com vidrado amarelo no interior e verde mosqueado no exterior (contexto 0097), sécs. XVI-XVIII



Foto 100 - Tijolos (contexto 0080), período romano e/ou suevo-visigótico ?



Foto 101 - Fragmento de tijolo, com marcas de ungulado (contexto 0080), período romano ?



Foto 102 – Fragmento de pote de cerâmica vermelha (contexto 0145), período romano tardio



Foto 103 – Fragmentos de pote de cerâmica vermelha calcítica, tipo “Conímbriga” (contexto 0149), período romano tardio e/ou suevo visigótico



Foto 104 - Imbrex completo (contexto 0139), período romano tardio e/ou suevo visigótico



Foto 105 - Fragmentos de imbrexes com sulcos digitados (contexto 0139), período romano tardio e/ou suevo visigótico



Foto 106 - Anverso e reverso do achado nº 002: 5 Réis de D. Carlos I, cunhada em 1893



Foto 107 - Anverso e reverso de uma das moedas do achado nº 003: Ceitil de D. Afonso V (1438-1481)



Foto 108 - Anverso e reverso de uma das moedas do achado nº 003: Ceitil D. João III (1521-1557)



Foto 109 - Anverso e reverso do achado nº 001: Real de 3 ½ libras de D. João I (1398-1408)



Foto 110 - Anverso e reverso do achado nº 006: Dinheiro de D. Sancho I (1185-1211)



Foto 111 - Anverso e reverso do achado nº 007: Dinheiro de D. Afonso II (1211-1223) ou D. Afonso III (1248-1279)



Foto 112 - Anverso e reverso do achado nº 014: Dinheiro de D. Sancho I (1185-1211) ou D. Sancho II (1223-1245)



Foto 113 - Anverso e reverso do achado nº 010: fragmento de moeda ilegível e não identificável



Foto 114 - Anverso e reverso do achado nº 013: moeda ilegível, mas que se crê de cunhagem romana



Foto 115 - Anverso e reverso do achado nº 005: Dinheiro de D. Afonso II (1211-1223)

7 – Ilustrações

7.2 – Desenhos

FIG. 1 – Planta geral de São Gião com implantação das zonas escavadas

FIG. 2 – Alçados com implantação das sondagens realizadas

FIG. 3 – Diagrama de “Harris” das sondagens no Alçado Noroeste

FIG. 4 – Plano final das sondagens no Alçado Nordeste

FIG. 5 – Diagrama de “Harris” das sondagens no Alçado Nordeste

FIG. 6 – Plano final das sondagens no Alçado Sudeste

FIG. 7 – Diagrama de “Harris” das sondagens no Alçado Sudeste

FIG. 8 – Plano final da sondagem no Corte Longitudinal BB´

FIG. 9 – Diagrama de “Harris” da sondagem do Corte Longitudinal BB´

FIG. 10 – Desenho do paramento do Corte Longitudinal CC´, incluindo plano final da sondagem

FIG. 11 – Leitura estratigráfica do paramento do Corte Longitudinal CC´

FIG. 12 – Diagrama de “Harris” do paramento do Corte Longitudinal CC´

FIG. 13 – Plano final da sondagem no Corte Transversal JJ´

FIG. 14 – Diagrama de “Harris” da sondagem do Corte Transversal JJ´

FIG. 15 – Plano final e leitura estratigráfica dos perfis da quadrícula x103-104 / y99/100

FIG. 16 – Diagrama de “Harris” da quadrícula x103-104 / y99/100

FIG. 17 – Plano final e leitura estratigráfica dos perfis da quadrícula x104-106 / y99/100

FIG. 18 – Diagrama de “Harris” da quadrícula x104-106 / y99/100

FIG. 19 – Plano final e leitura estratigráfica dos perfis da quadrícula x104-108 / y102,5-105

FIG. 20 – Diagrama de “Harris” da quadrícula x104-108 / y102,5-105

FIG. 21 – Plano final da quadrícula x108-112 / y102,5-105

FIG. 22 – Diagrama de “Harris” da quadrícula x108-112 / y102,5-105

FIG. 23 – Plano final e leitura estratigráfica do perfil da quadrícula x116-120/ y94-96

FIG. 24 – Diagrama de “Harris” da quadrícula x116-120/ y94-96

FIG. 25 – Plano final da quadrícula x116-120/ y96-100

FIG. 26 – Plano final e leituras estratigráficas dos perfis da quadrícula x116-120/ y100-104

FIG. 27 – Diagrama de “Harris” da quadrícula x116-120/ y100-104

FIG. 28 – Plano final e leitura estratigráfica do perfil da quadrícula x120-121/ y96-98

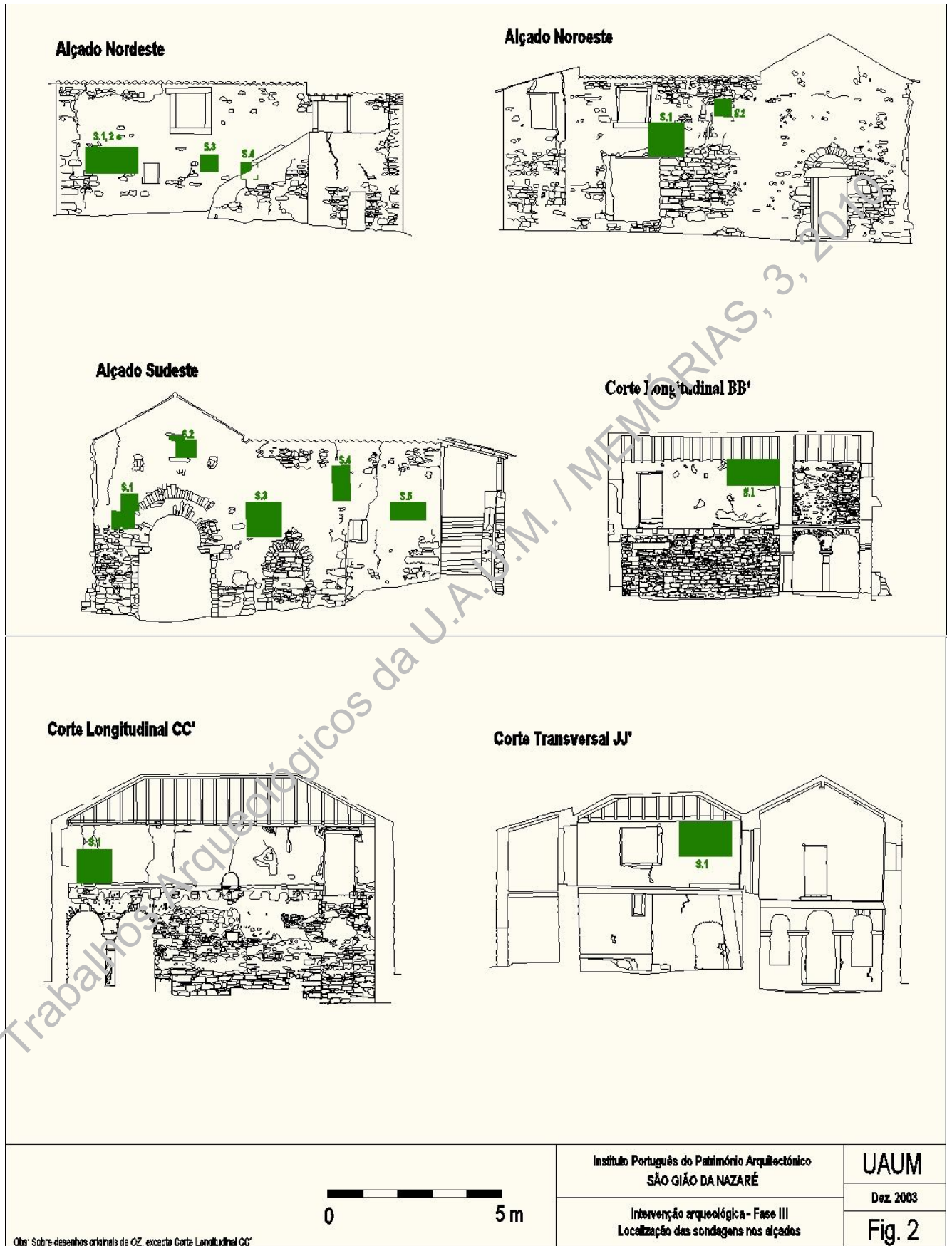
FIG. 29 – Planta geral de São Gião da Nazaré, incluindo todos os vestígios identificados na campanha arqueológica de 2002

FIG. 30 – Planta geral de São Gião da Nazaré, com interpretação das principais fases construtivas.

FIG. 31 – Representação 3D de proposta de restituição do modelo arquitectónico correspondente à Fase I do templo cristão antigo de São Gião da Nazaré

FIG. 32 – Representação 3D, esquemática, das grandes fases de construção do monumento de São Gião da Nazaré





Alçado Noroeste

Diagrama estratigráfico das Sondagens 1 e 2

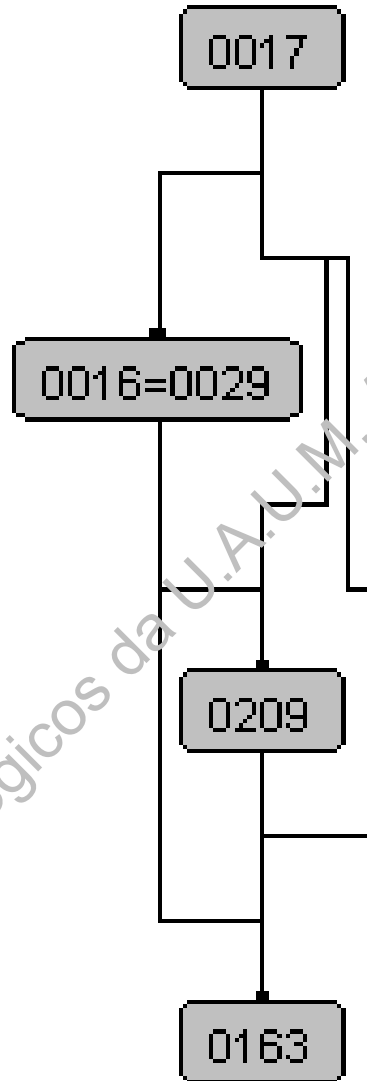
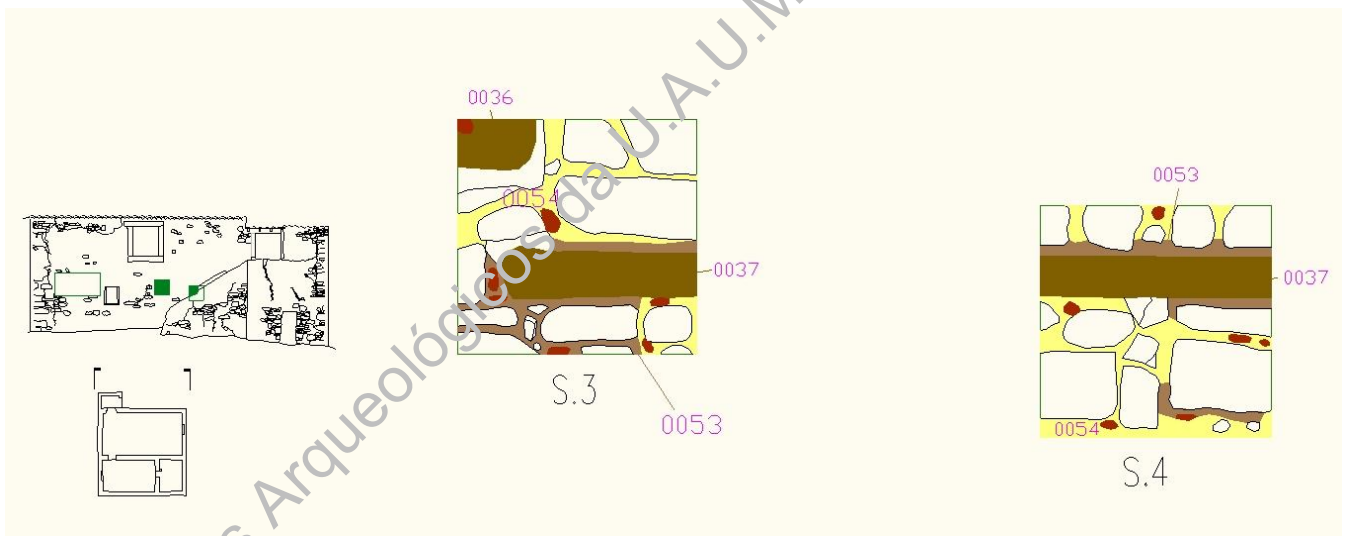
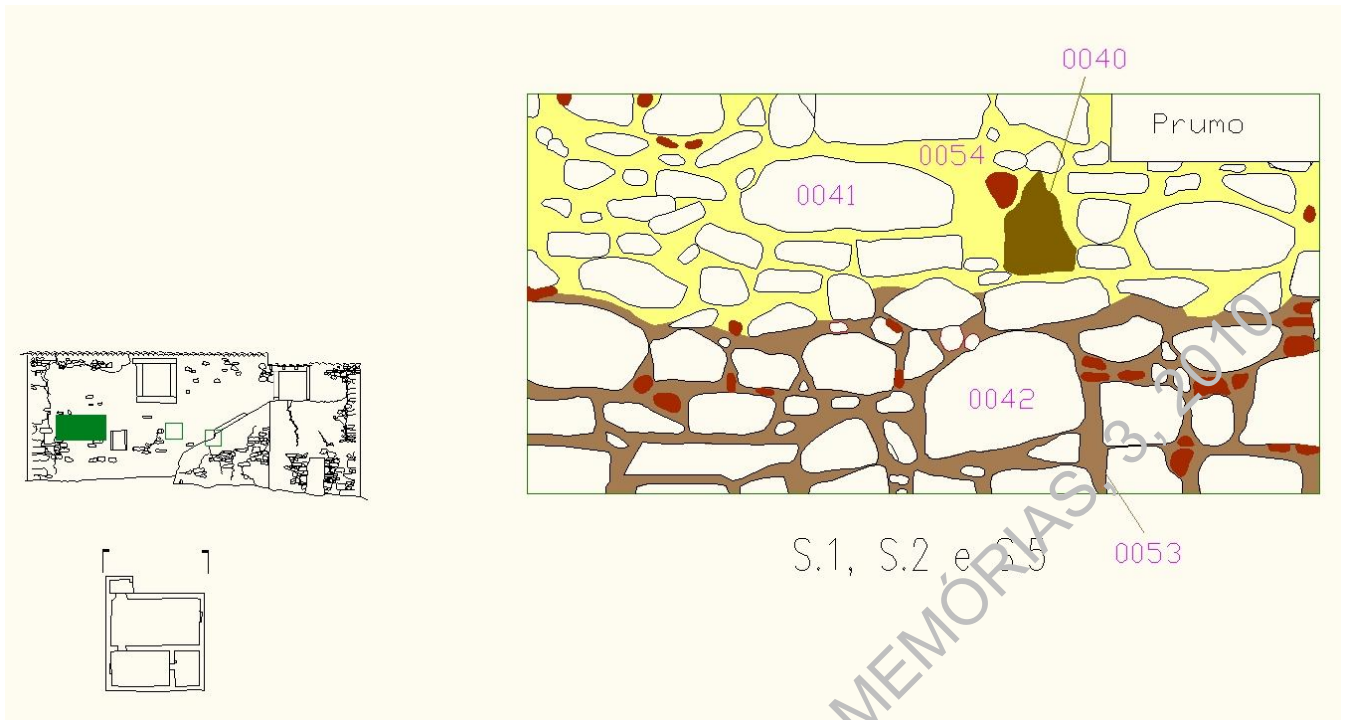


FIG. 3



	Instituto Português do Património Arquitectónico SÃO GIÃO DA NAZARÉ	UAUM Dez. 2003
■ Argamossa limosa ■ Argamossa arenosa ■ Madeira	Intervenção arqueológica - Fase III Alçado Nordeste - Sondagens 1, 2, 3, 4 e 5: Plano final	Fig. 4

Alçado Nordeste

Diagrama estratigráfico das Sondagens 1, 2, 3, 4 e 5

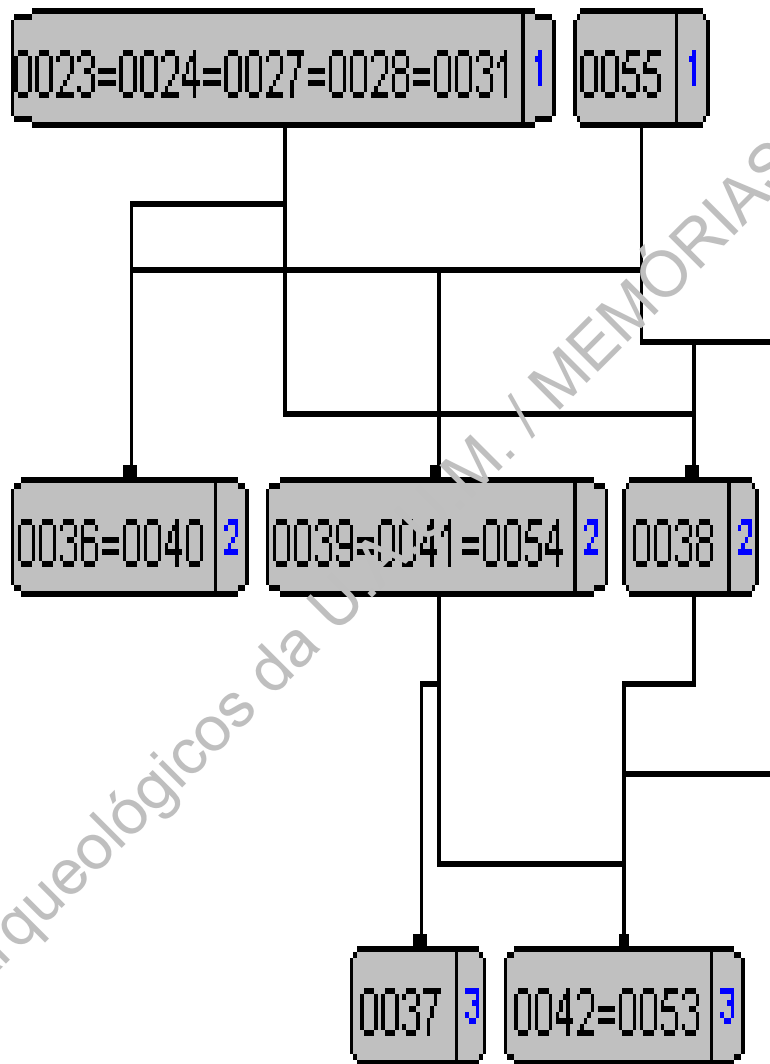
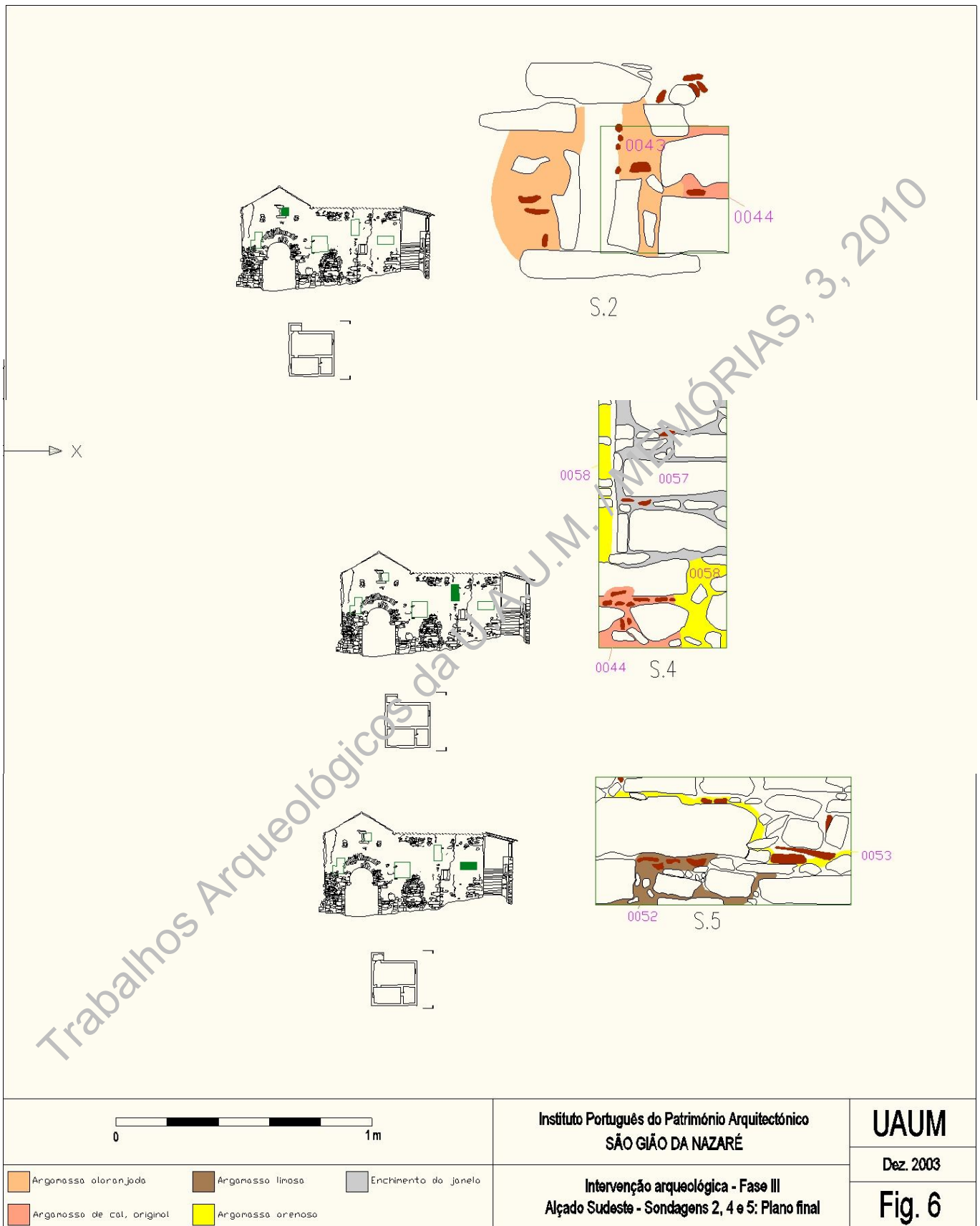


FIG. 5



Instituto Português do Património Arquitectónico
SÃO GIÃO DA NAZARÉ

Intervenção arqueológica - Fase III
Alçado Sudeste - Sondagens 2, 4 e 5: Plano final

UAUM

Dez. 2003

Fig. 6

Alçado Sudeste

Diagrama estratigráfico das Sondagens 1, 2, 3, 4 e 5

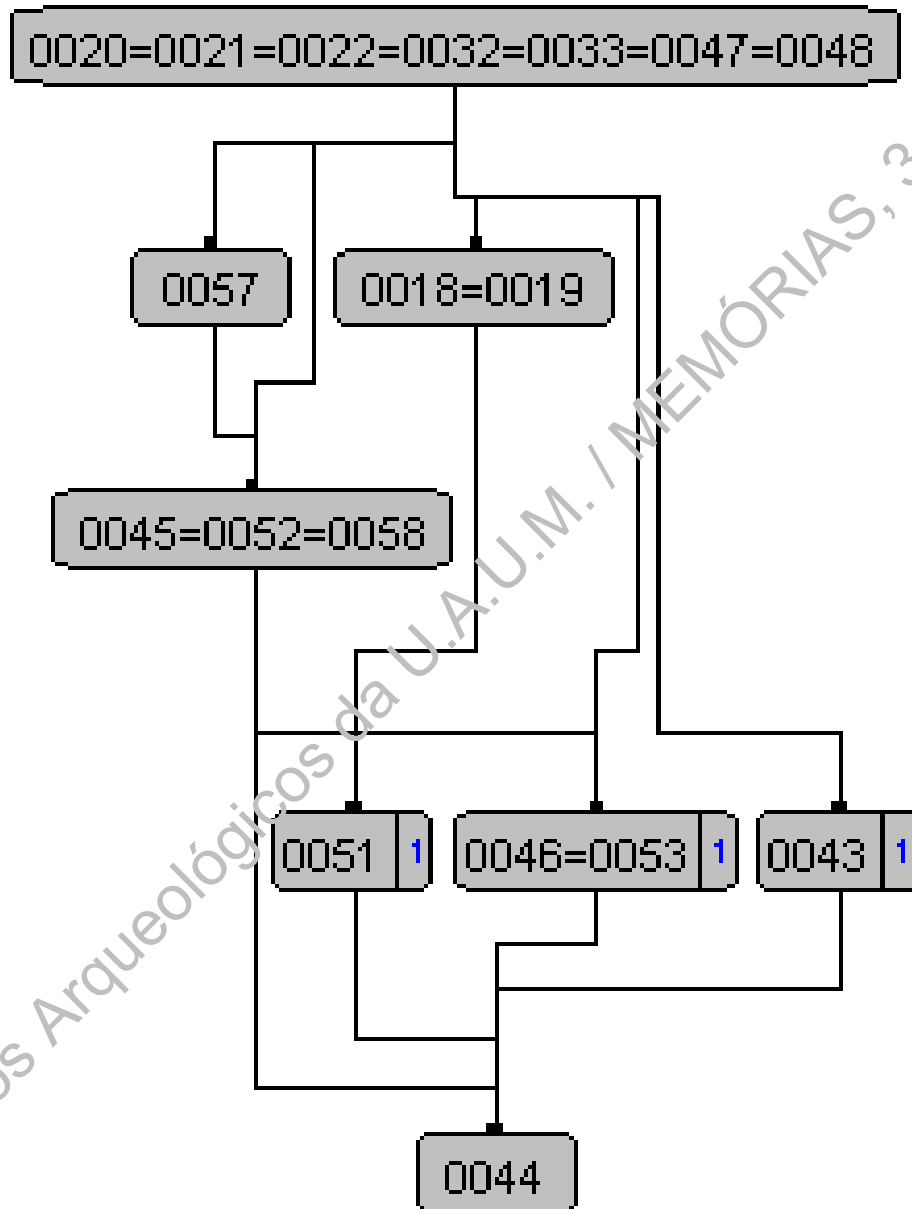
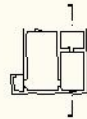
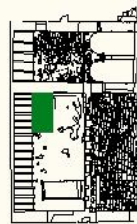
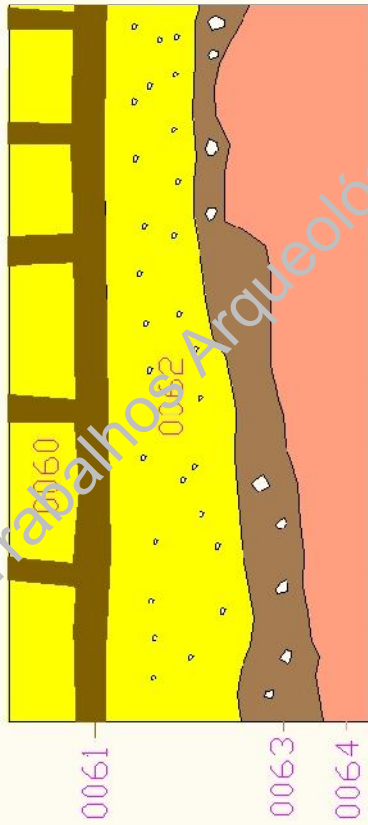
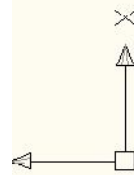


FIG. 7



Y



- Argamassa arenosa
- Madeira
- Argamassa línosa
- Argamassa de col. original

UAUM
Dez. 2003

Instituto Português do Património Arquitectónico
SÃO GIÃO DA NAZARÉ

Intervenção arqueológica - Fase III
Corte Longitudinal BB' - So. de gem 1: Plano final

Fig. 8

Corte Longitudinal BB'

Diagrama estratigráfico da Sondagem 1

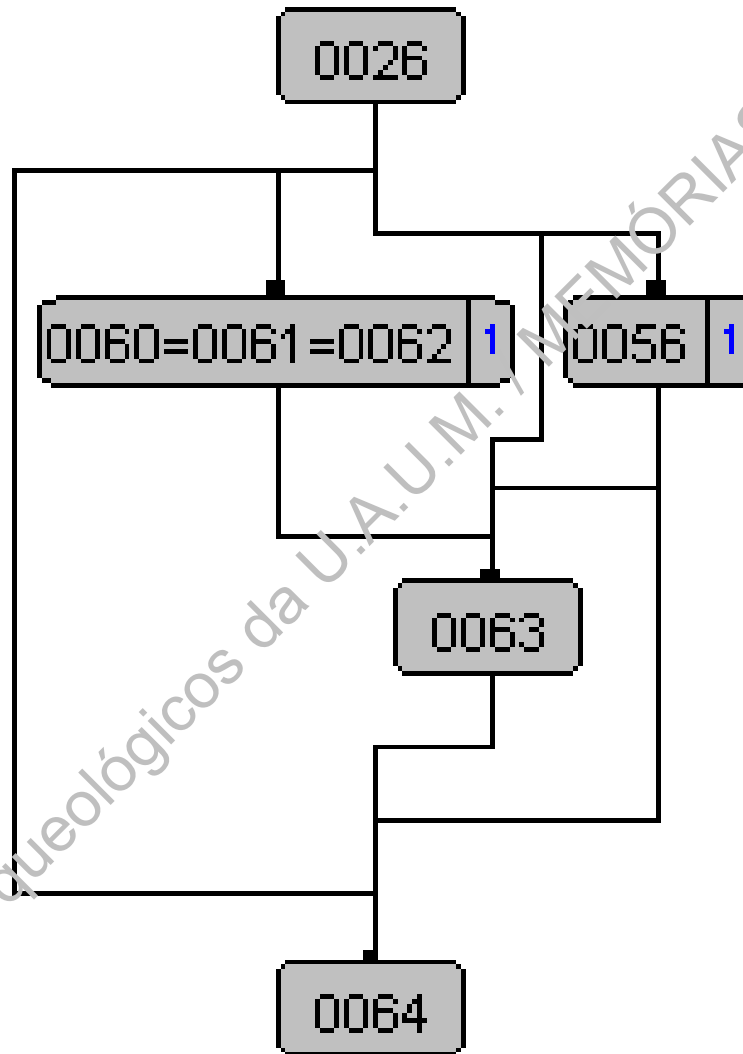

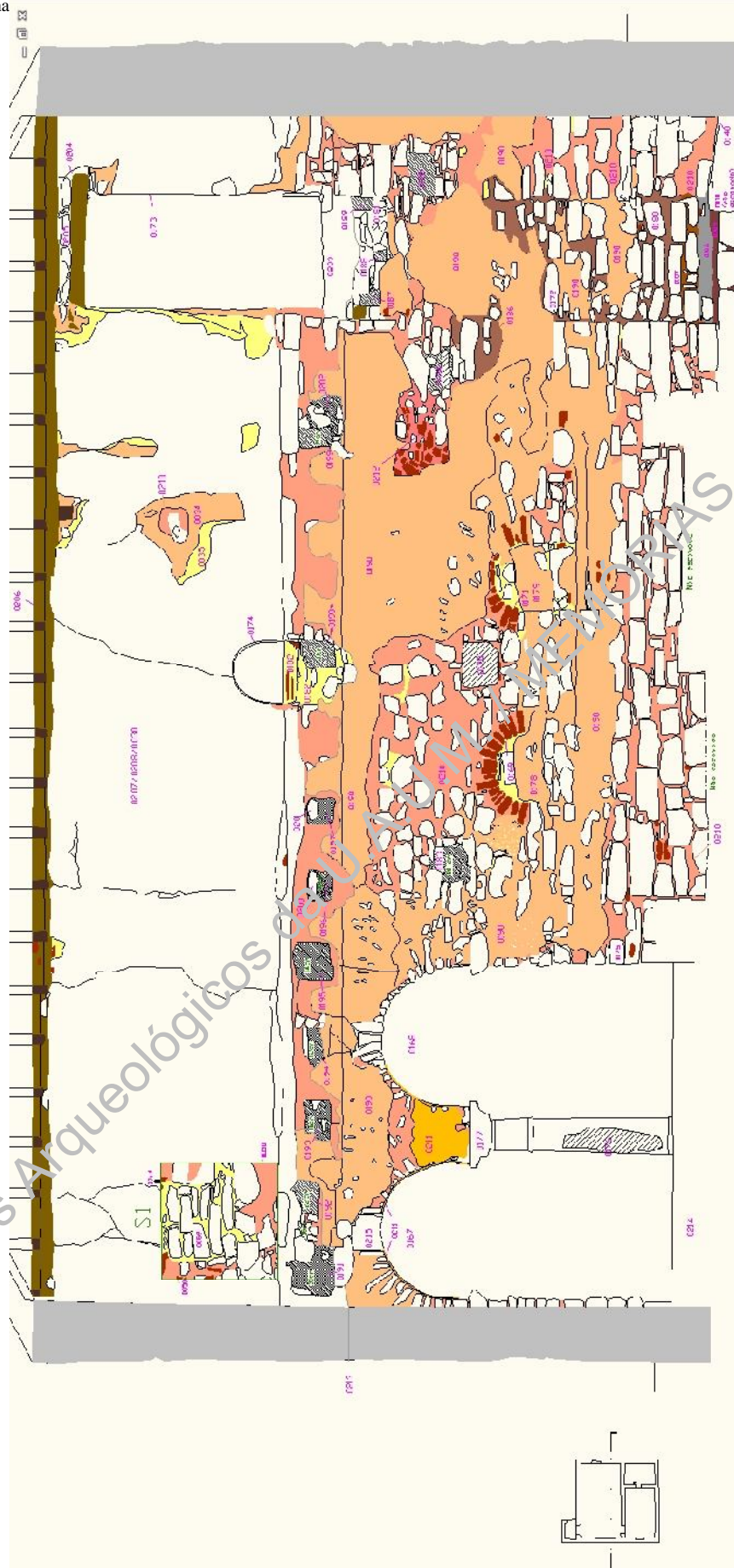


FIG. 9



Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 3, 2010

	Instituto Português do Património Arquitectónico SÃO GIÃO DA NAZARÉ	UAUM
	Intervenção arqueológica - Fase III Corte Longitudinal CC' - Desenho do paramento e plano final de Sondagem 1	Dez. 2003 Fig. 10



Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 3, 2010

	<p>Instituto Português do Património Arquitectónico SÃO GIÃO DA NAZARÉ</p> <p>Intervenção arqueológica - Fase III Corte Longitudinal CC - Leitura estratigráfica do paramento</p>	<p>UAUM</p> <p>Dez. 2003</p> <p>Fig. 11</p>
<p>■ Telha/Tijolo ■ Borratos ▨ Fractura ■ Paredes dos fechados ● Contextos</p>		

Corte Longitudinal CC'

Diagrama estratigráfico do paramento e da Sondagem 1

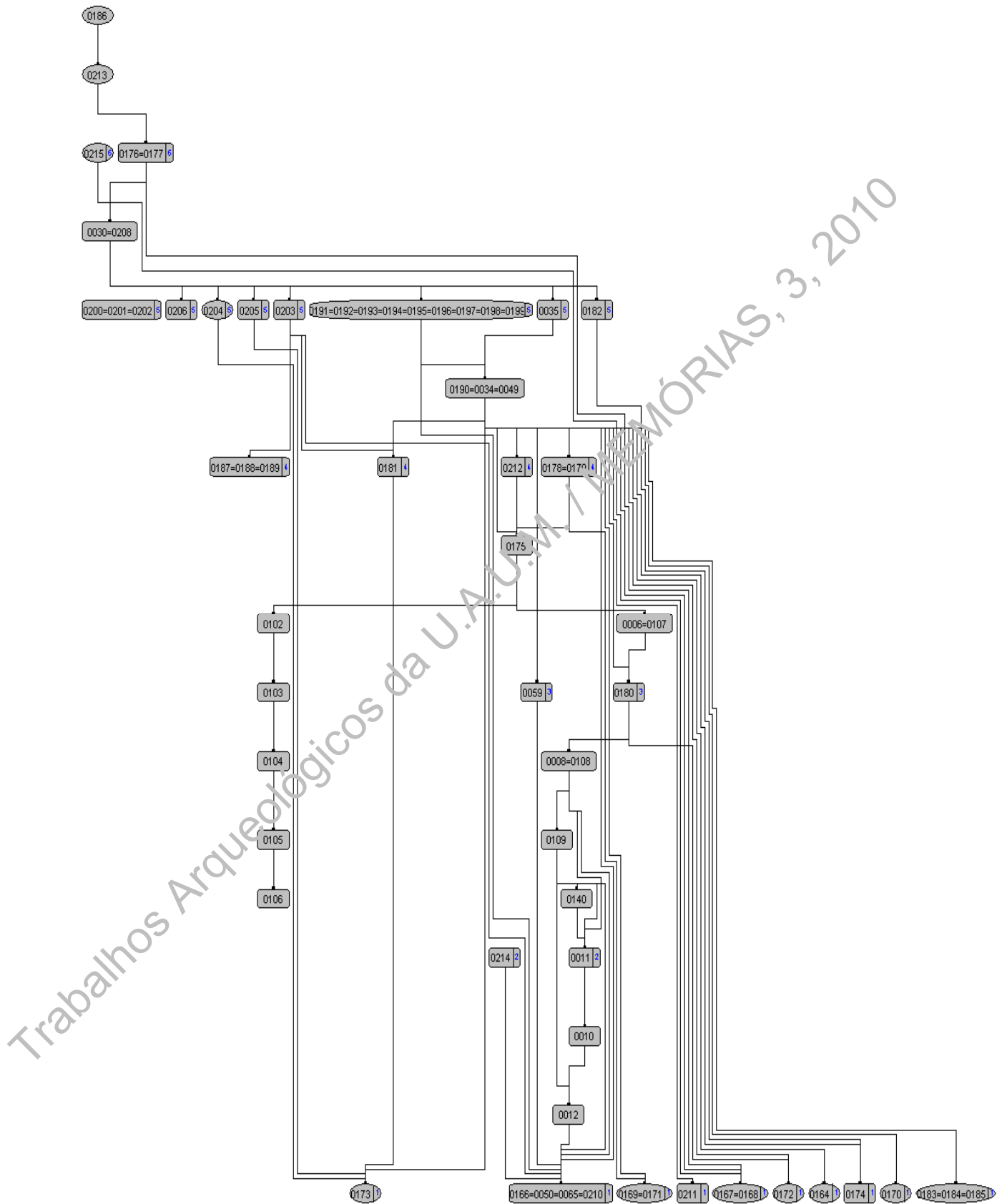
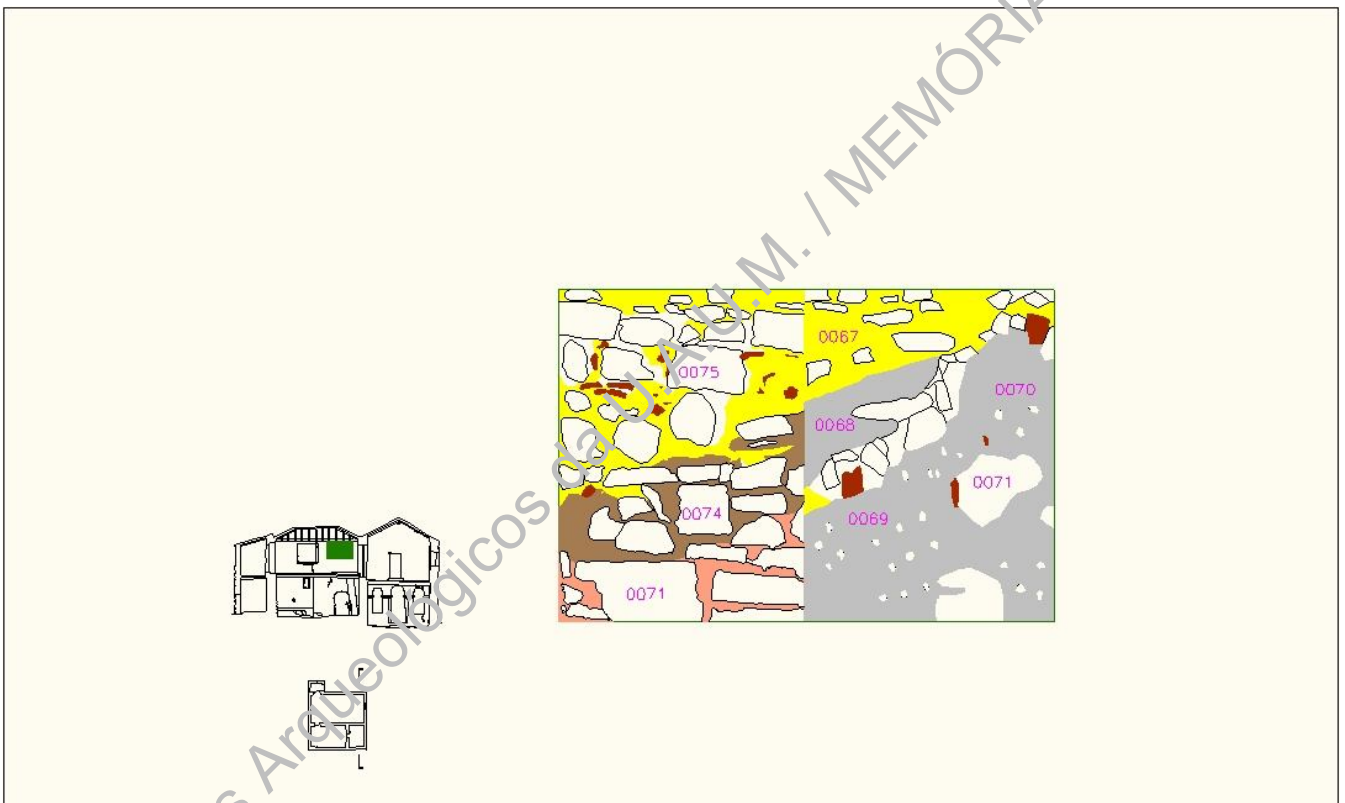
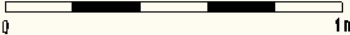






FIG. 12



		Instituto Português do Património Arquitectónico SÃO GIÃO DA NAZARÉ		UAUM Dez. 2008
 Argamassa de construção	 Argamassa limosa	 Argamassa segunda onexa	 Argamassa picada de reboco	Intervenção arqueológica - Fase III Corte Transversal JJ' - Sondagem 1: Plano final Fig. 13

Corte Transversal JJ'

Diagrama estratigráfico da Sondagem 1

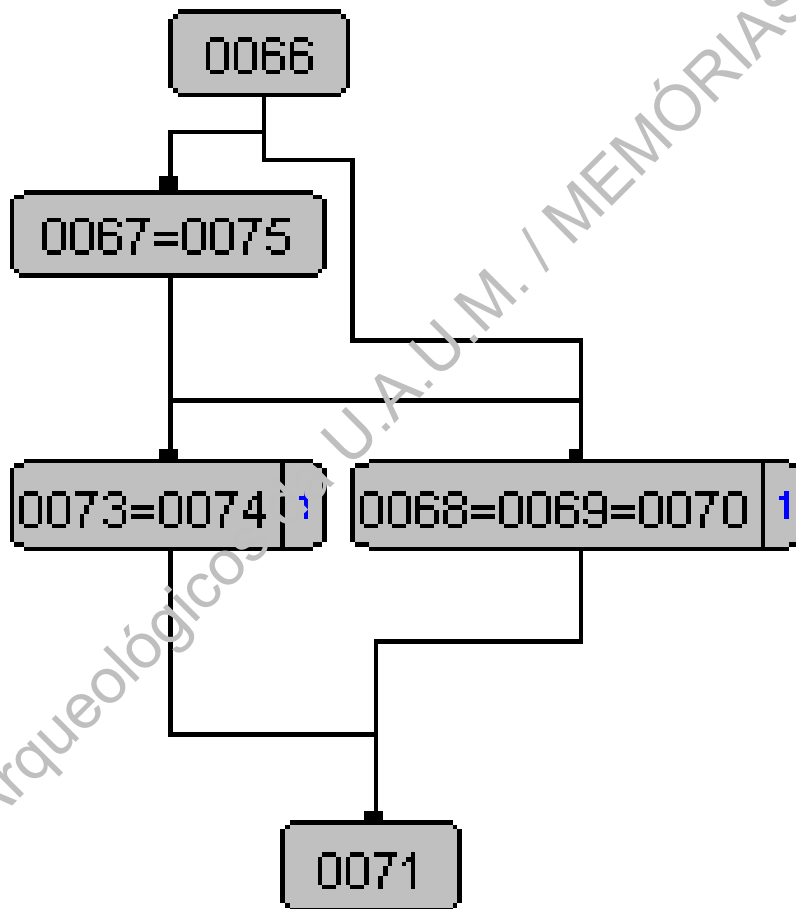


FIG. 14



Quadricula x103-104 / y99-100

Diagrama estratigráfico

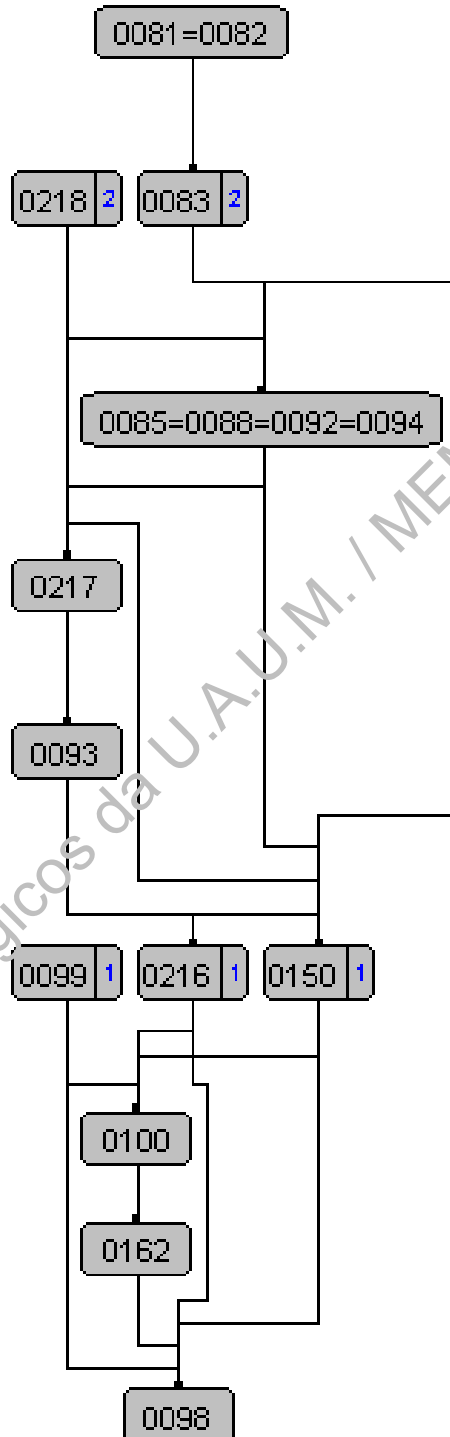
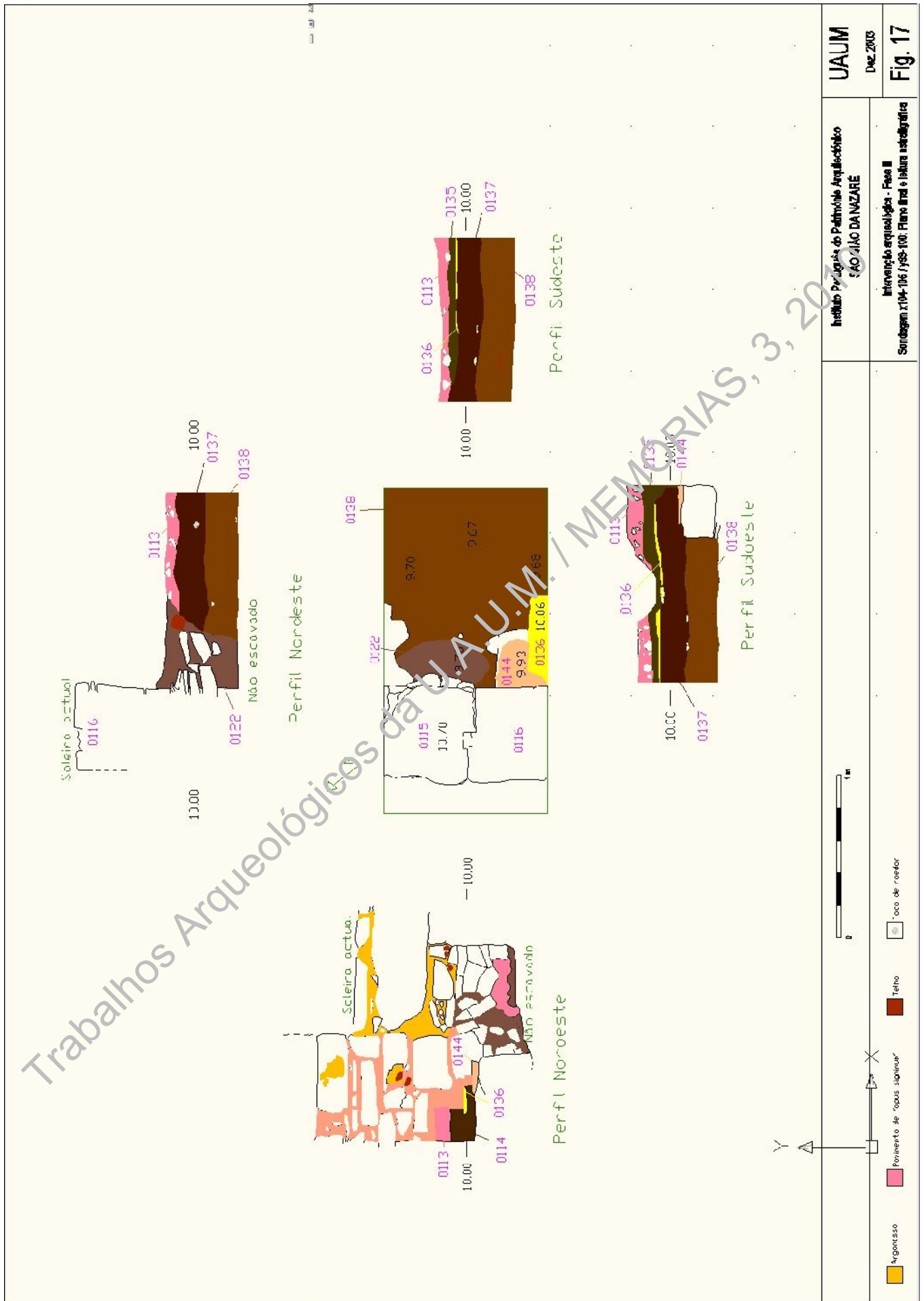


FIG. 16



Quadricula x104-106 / y99-100

Diagrama estratigráfico

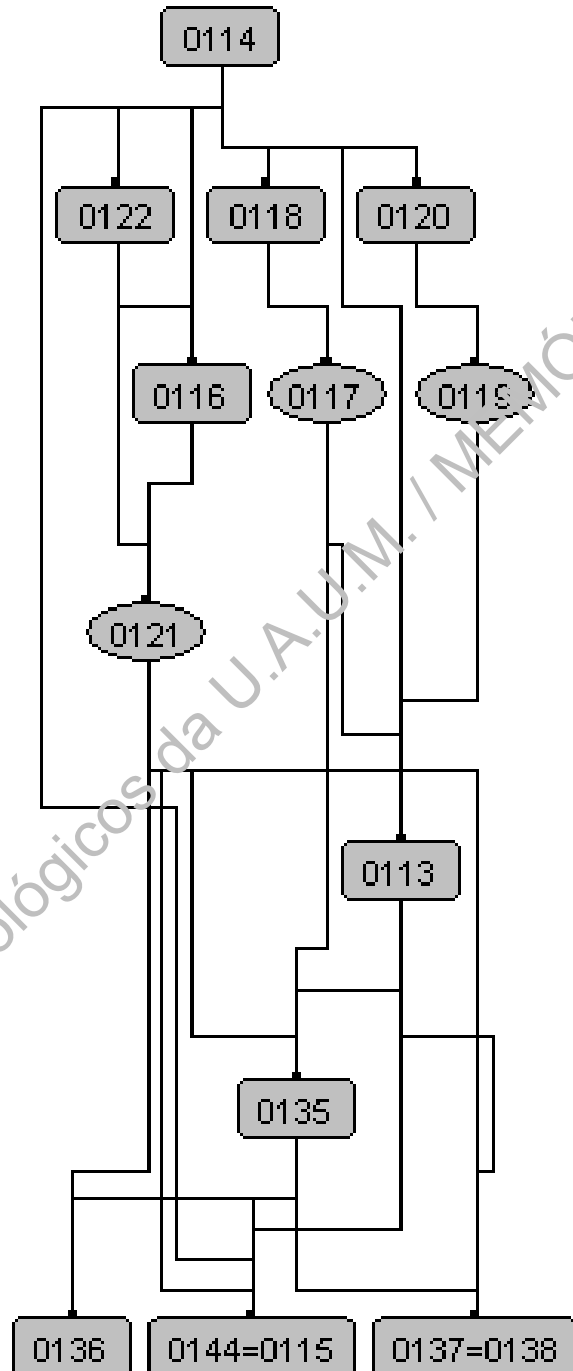
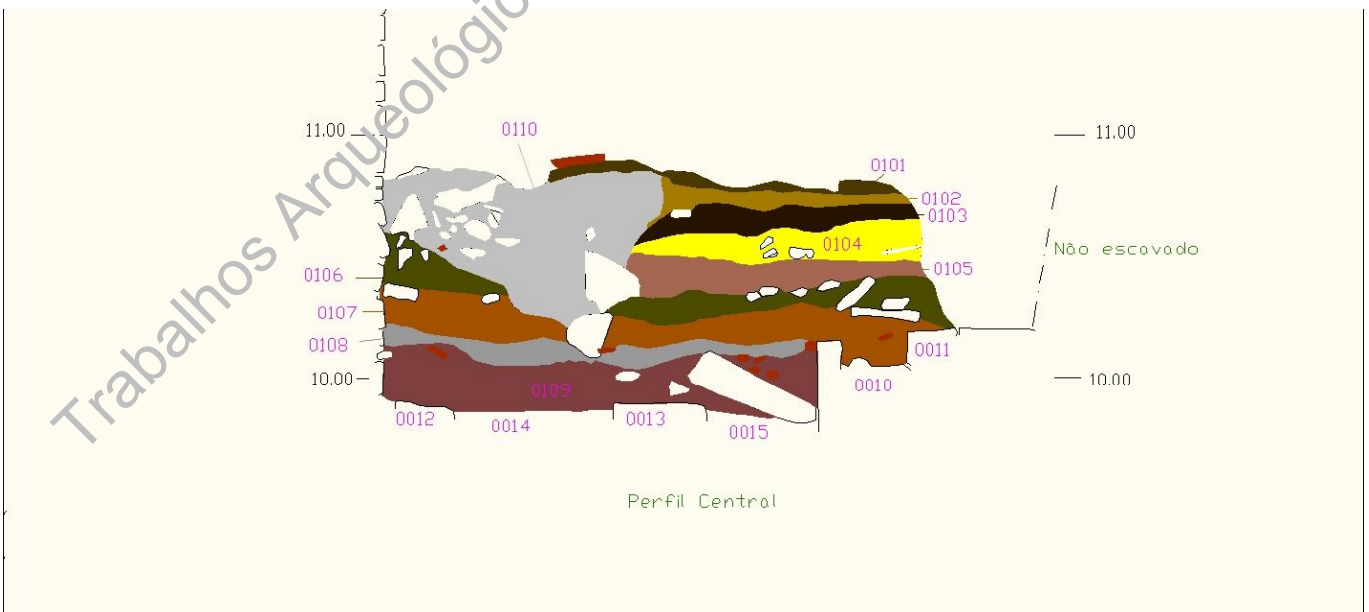


FIG. 18



	Instituto Português do Património Arquitectónico SÃO GIÃO DA NAZARÉ	UAUM Dez. 2003
	Intervenção arqueológica - Fase III Sondagem x104-108 / y102.5-105: Plano final e leitura estratigráfica	Fig. 19

Quadrícula x104-108 / y102,5-105

Diagrama estratigráfico

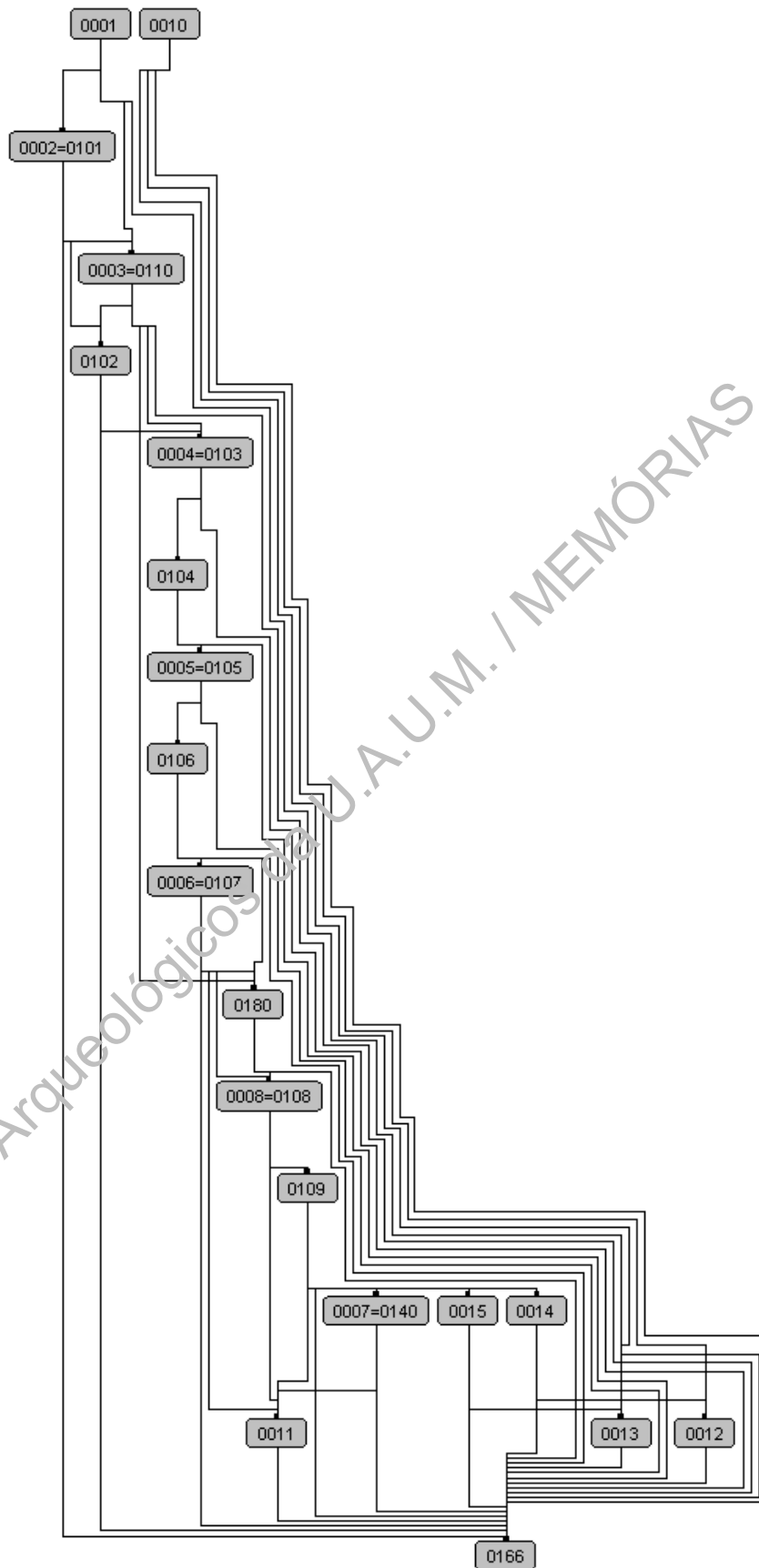
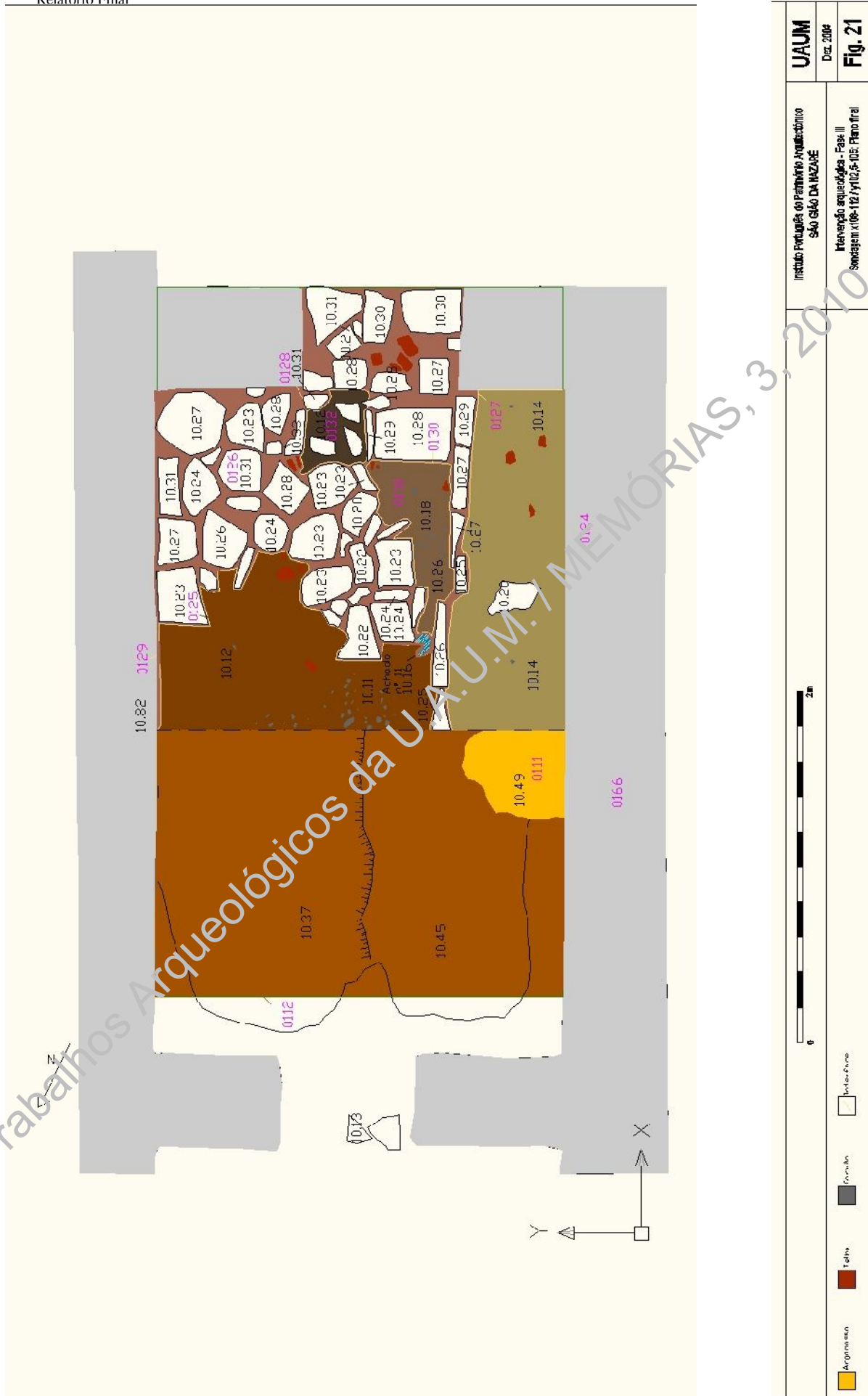


FIG. 20



UAUM
Dez. 2004
Fig. 21

Instituto Português do Património Arquitectónico
SÃO GIÃO DA NAZARÉ
Intervenção arqueológica - Fase III
Sondagens: 108-112 / 102, 15-105; Plano final

Quadrícula x108-112 / y102,5-105

Diagrama estratigráfico

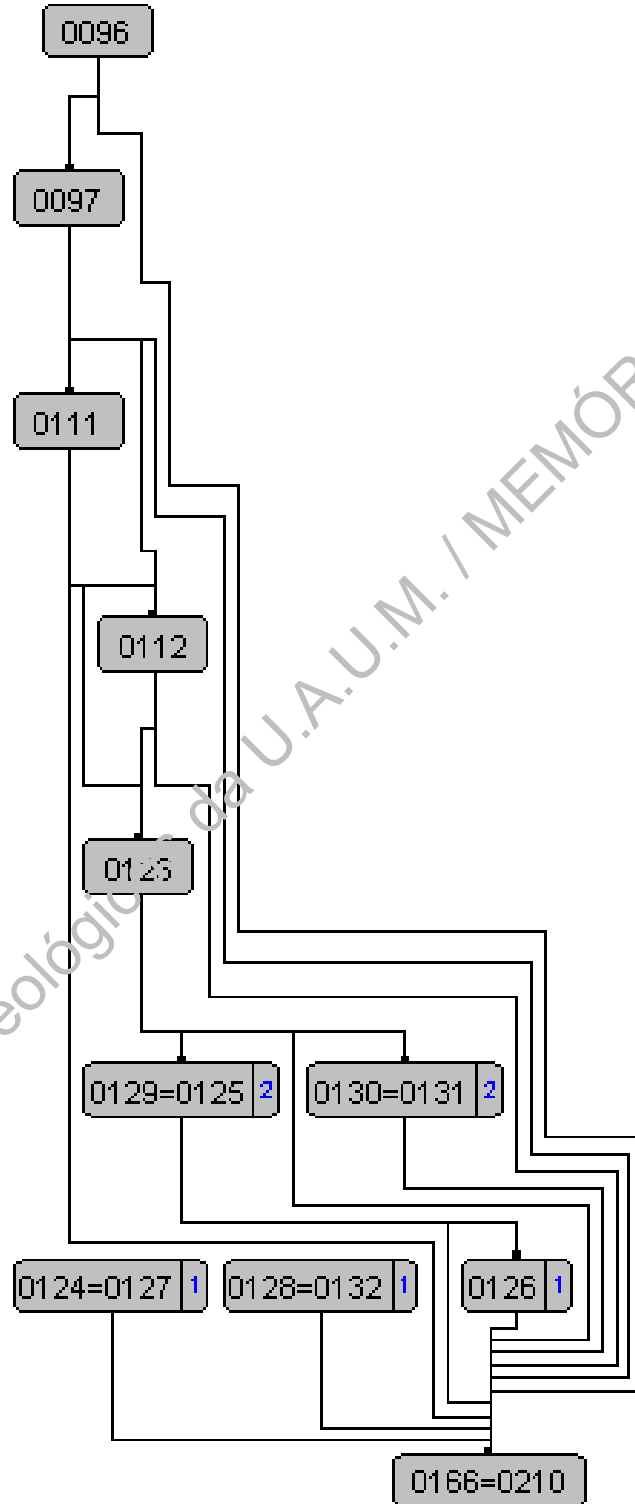


FIG. 22



Quadrícula x116-120 / y94-96

Diagrama estratigráfico

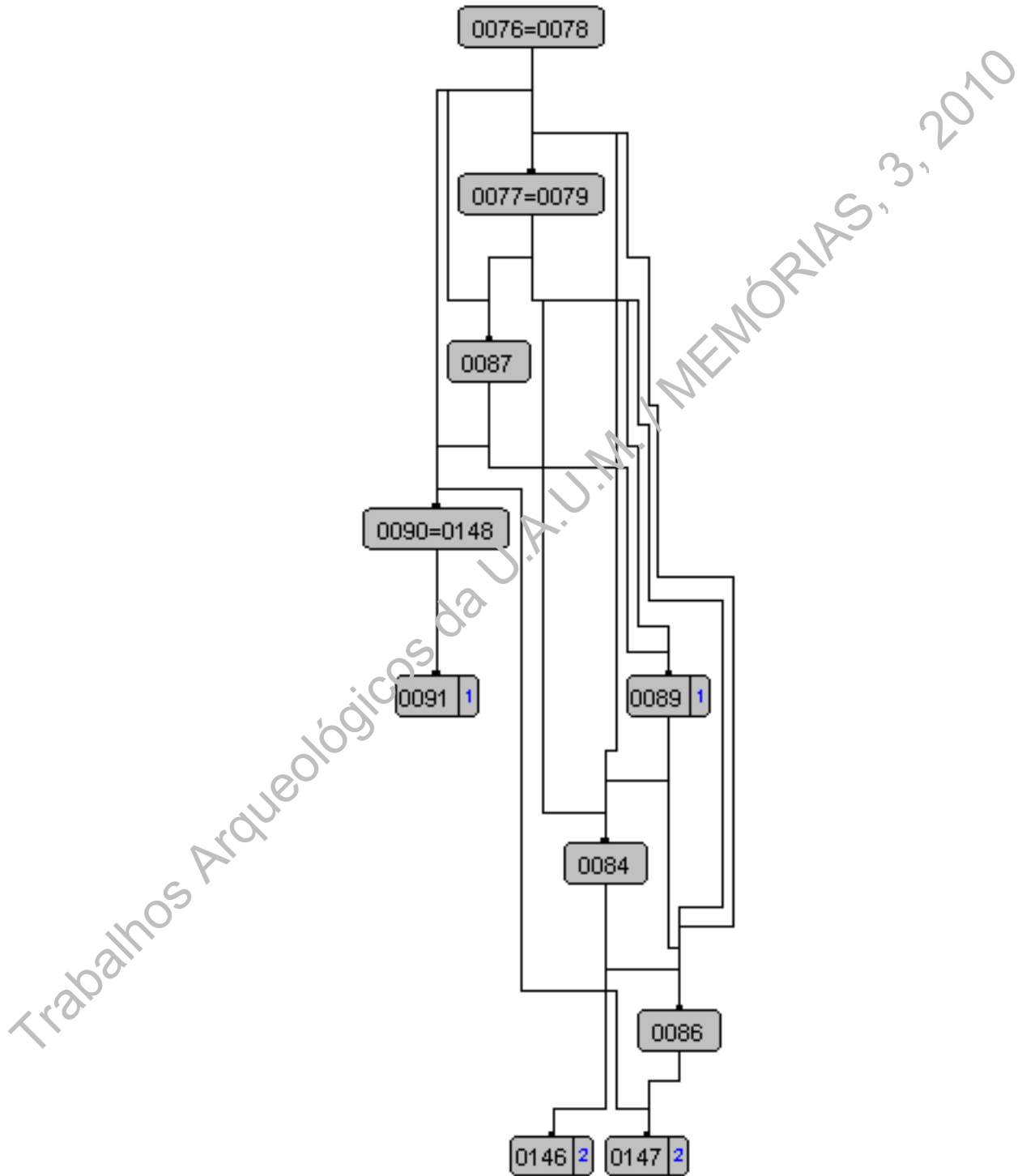
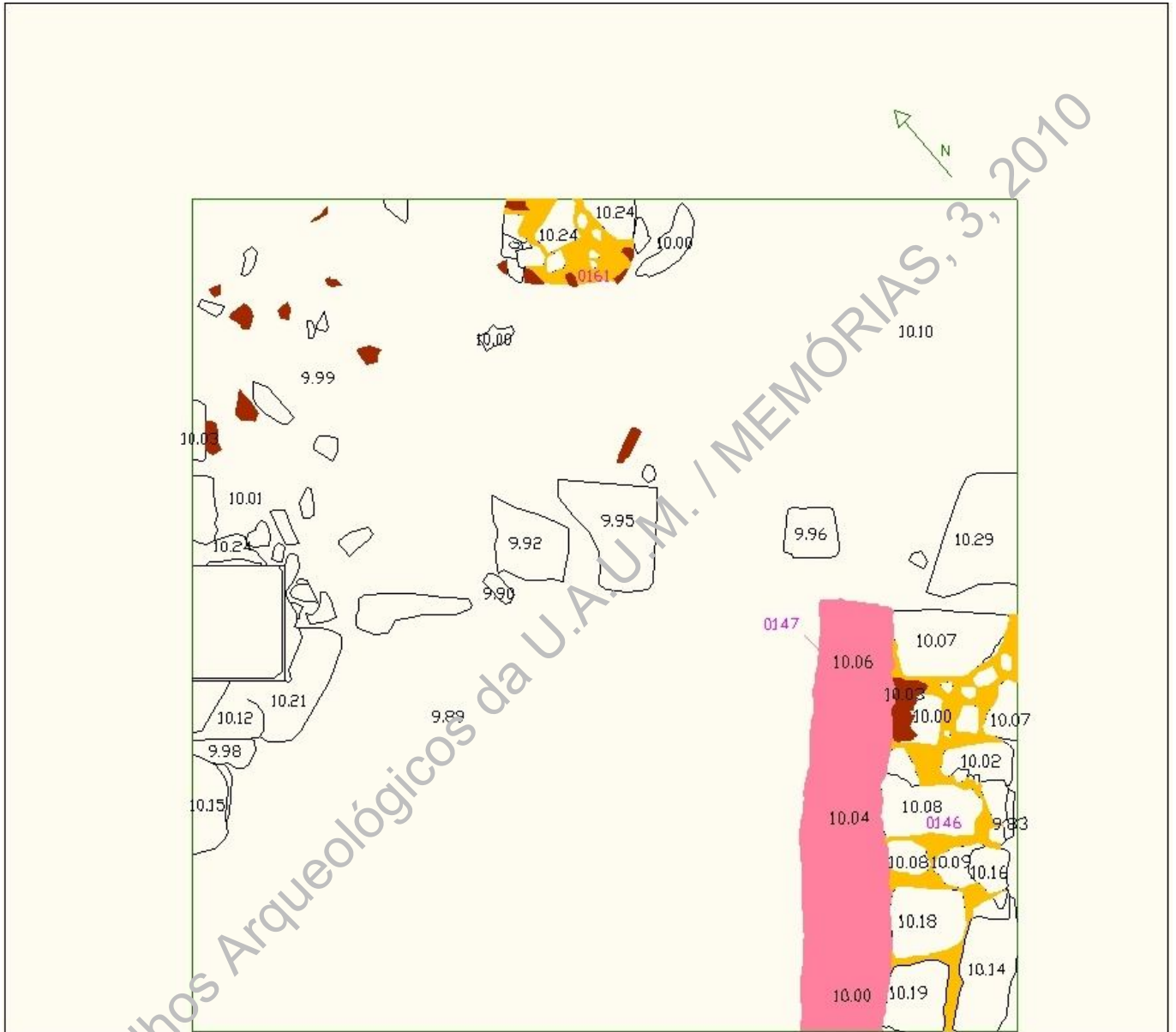


FIG. 24



			Instituto Português do Património Arquitectónico SÃO GIÃO DA NAZARÉ	UAUM			
<table border="0"> <tr> <td style="text-align: center;"> Argonosso</td> <td style="text-align: center;"> Telho</td> <td style="text-align: center;"> Opus</td> </tr> </table>				Argonosso	Telho	Opus	Intervenção arqueológica - Fase III Sondagem x116-120/y96-100: Plano final
Argonosso	Telho	Opus					



	Instituto Português de Património Arquitectónico SÃO GIÃO DA NAZARÉ	UAUM Dez. 2003 Fig. 26
Argamossa de construção Argamossa Telha "Opus signinum" "Canas" de pedras Malço de betto	Intervenção arqueológica - Fase II Sondagens nº 15-120 / nº 160-180: Plano final e leitura estratigráfica	

Quadrícula x116-120 / y100-104

Diagrama estratigráfico

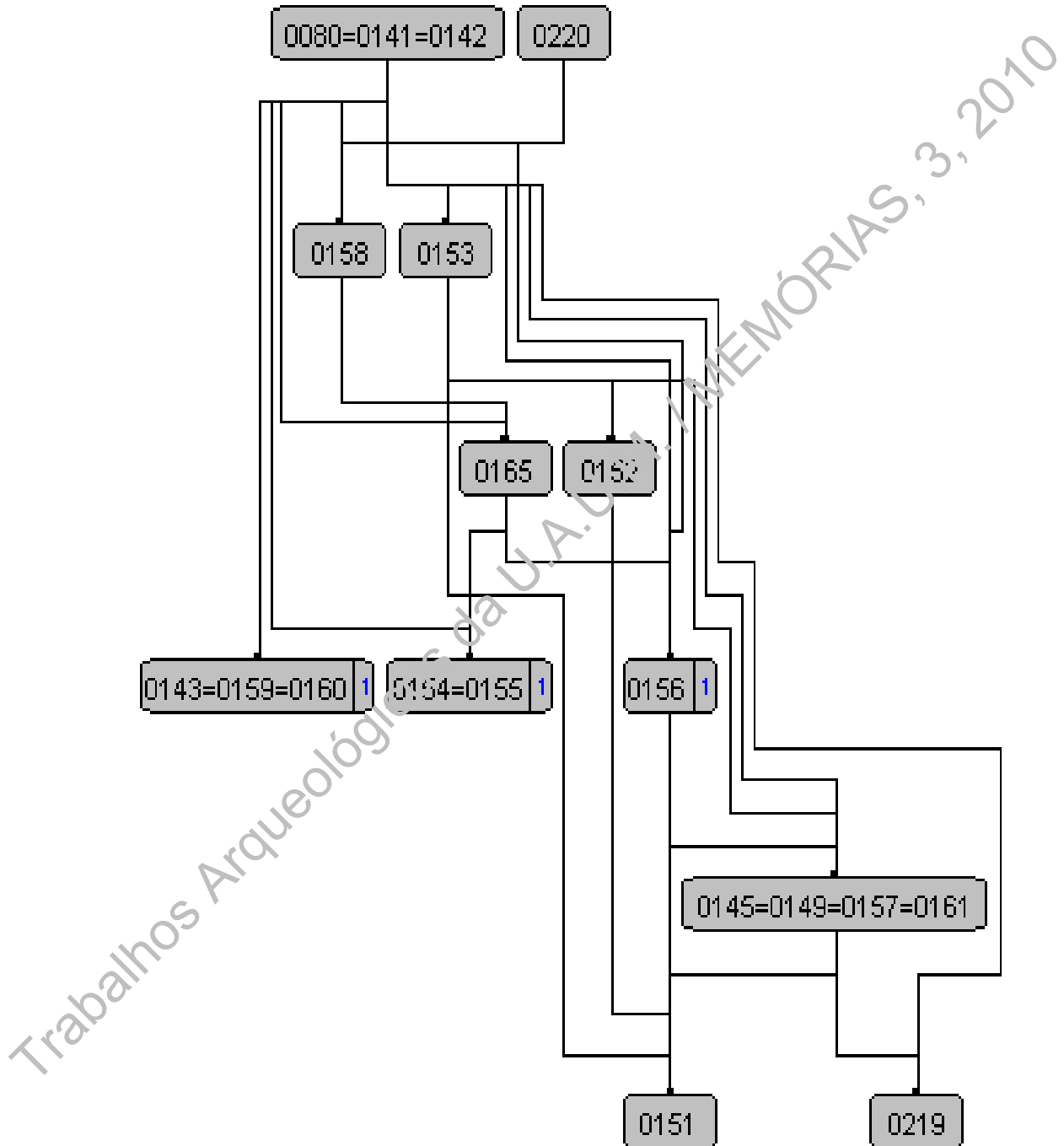
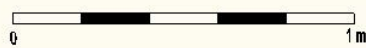
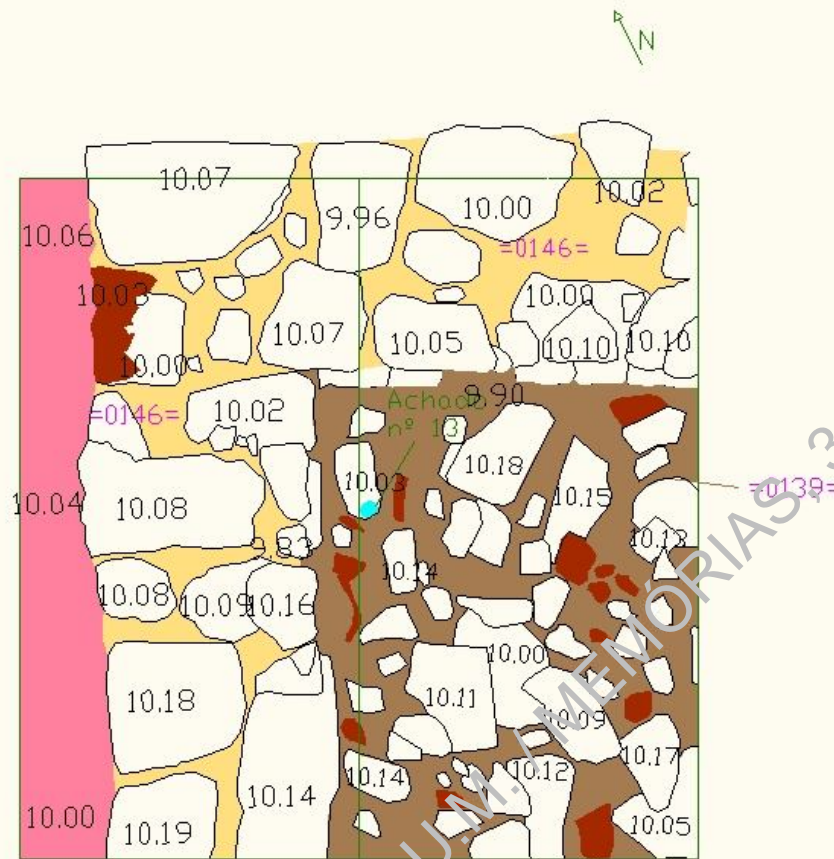


FIG. 27

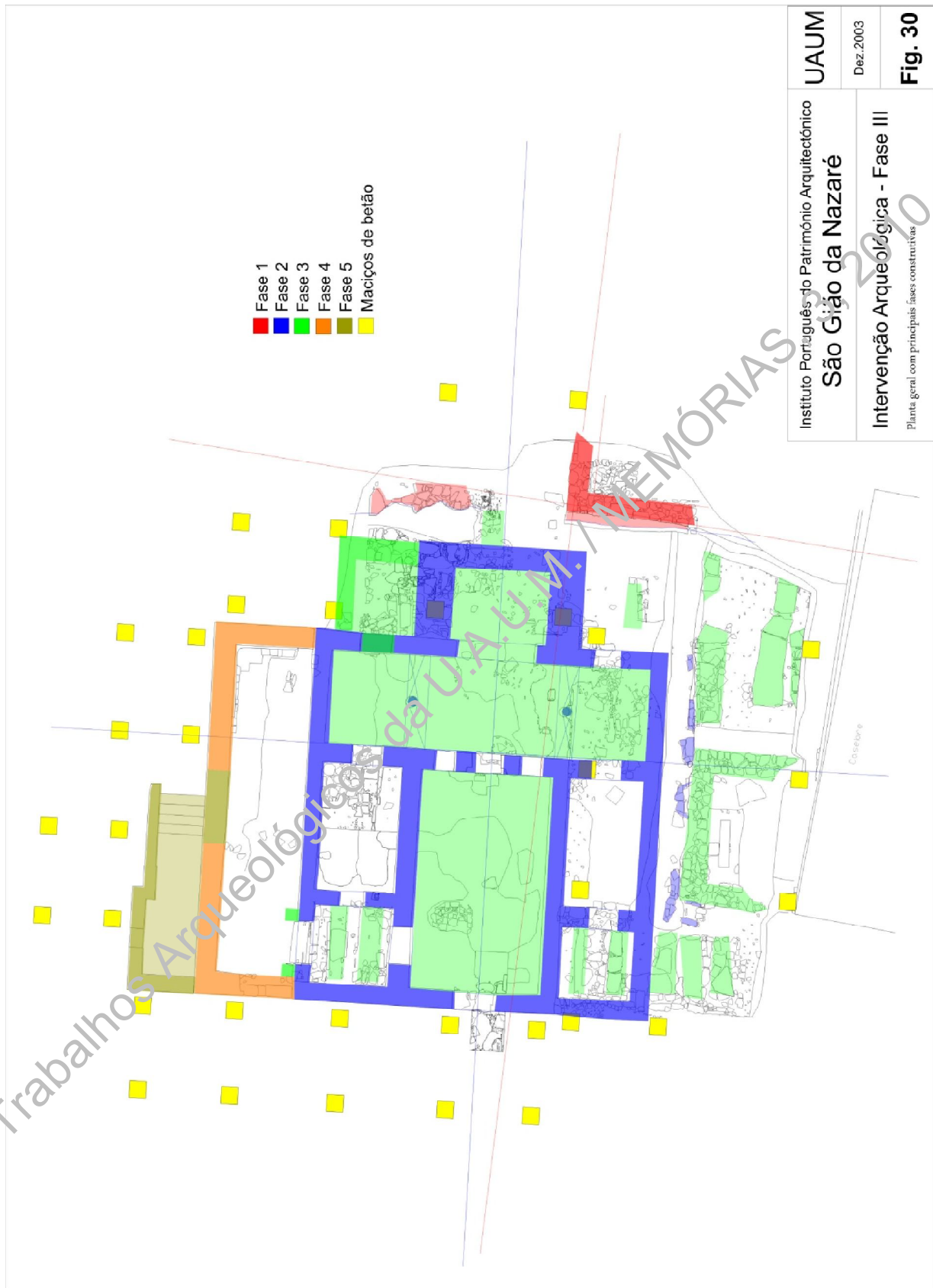


Argamossa Telha Opus

Instituto Português do Património Arquitectónico
SÃO GIÃO DA NAZARÉ
Intervenção arqueológica - Fase III
Sondagem x120-121 / y96-98: Plano final e leitura estratigráfica

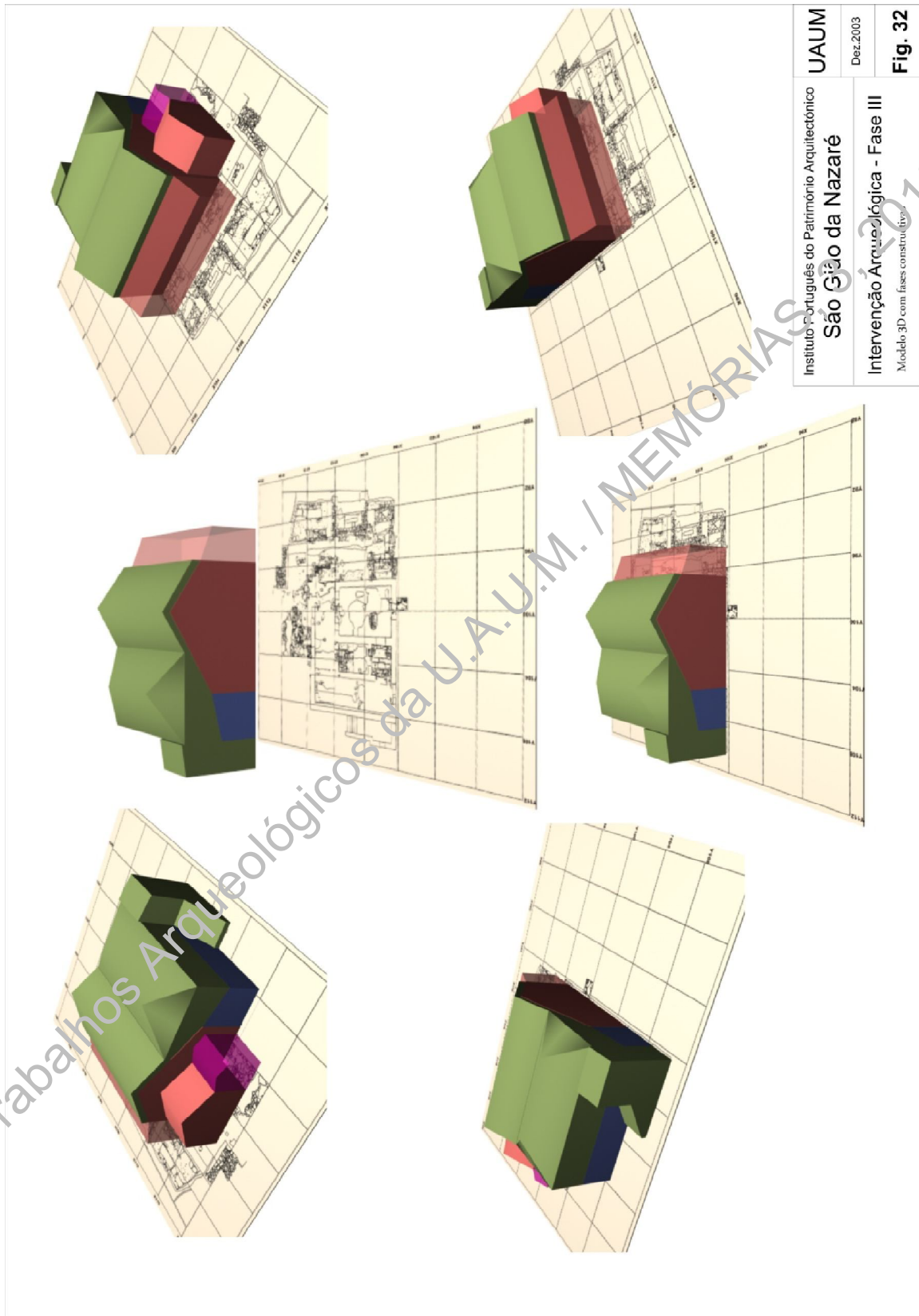
UAUM
Dez. 2003
Fig. 28







Instituto Português do Património Arquitectónico São Gião da Nazaré	UAUM Dez. 2003
Intervenção Arqueológica - Fase III Modelo 3D de proposta de restituição	Fig. 31



8 – Anexos

8.1 – Lista de contextos

Contexto	Zona-Quadrícula	Plano	Nome (Definição)
0001	x 104-108 / y 102,5-105	1	Areia e gravilha onde assentam os prumos
0002	x 104-108 / y 102,5-105	1	Camada de aterro
0003	x 104-108 / y 102,5-105	1	Alicerce da parede adossada de suporte ao soalho
0004	x 104-108 / y 102,5-105	1	Camada castanha escura, compacta
0005	x 104-108 / y 102,5-105	1	Terra preta com pontos de carvão
0006	x 104-108 / y 102,5-105	1	Terra castanha argilosa
0007	x 104-108 / y 102,5-105	2	Lentícula de cal
0008	x 104-108 / y 102,5-105	2	Terra castanho escuro com pontos de carvão
0009	x 104-108 / y 102,5-105	2	Terra castanha com muita argamassa (violação das sepulturas?)
0010	x 104-108 / y 102,5-105	3	Leito de assentamento das lajes do pavimento
0011	x 104-108 / y 102,5-105	3	Lajes do pavimento
0012	x 104-108 / y 102,5-105	3	Murete sul de uma sepultura
0013	x 104-108 / y 102,5-105	3	Murete central das sepulturas
0014	x 104-108 / y 102,5-105	3	Enchimento das caixas sepulcrais
0015	x 104-108 / y 102,5-105	3	Enchimento das caixas sepulcrais
0016	Alçado NW	S.1	Argamassa (3c+3d ou 3b de Mário cruz)
0017	Alçado NW	S.1	Argamassa nova, injectada
0018	Alçado SE	S.1	Argamassa (3c de Mário Cruz)
0019	Alçado SE	S.2	Argamassa (3c? de Mário cruz)
0020	Alçado SE	S.3	Argamassa (2a ou 3h?, 3c de Mário Cruz)
0021	Alçado SE	S.4	Argamassa (3h? de Mário Cruz)
0022	Alçado SE	S.5	
0023	Alçado NE	S.3	Argamassa (3h de Mário Cruz)

0024	Alçado NE	S.4	Argamassa (3h de Mário Cruz)
0025	Corte transversal II'	S.1	Argamassa (cimento/ 4d, 1 de Mário Cruz)
0026	Corte longitudinal BB'	S.1	Cal (pintura parede)
0027	Alçado NE	S.1	Argamassa (3c+3h de Mário Cruz)/ Igual ao contexto =0031=
0028	Alçado NE	S.2	Argamassa (3c+3h de Mário Cruz)/ Igual ao contexto =0031=
0029	Alçado NW	S.2	Argamassa (3c+3d ou 3b de Mário Cruz)
0030	Corte longitudinal CC'	S.1	Camada de cal
0031	Alçado NE	S.5	Igual ao contexto =0027=, =0028= (sondagem 1 e 2)
0032	Alçado SE	S.5	Argamassa (2a de Mário Cruz)
0033	Alçado SE	S.5	Argamassa (3h de Mário Cruz)
0034	Corte longitudinal CC'	S.1	Argamassa de reboco
0035	Corte longitudinal CC'	S.1	Argamassa de reboco
0036	Alçado NE	S.3	Viga de madeira
0037	Alçado NE	S.3 e S.4	Padieira de madeira
0038	Alçado NE	S.3 e S.4	Enchimento da porta
0039	Alçado NE	S.3 e S.4	Parede
0040	Alçado NE	S.5	Viga de madeira
0041	Alçado NE	S.3, S.4 e S.5	Parede superior
0042	Alçado NE	S.3, S.4 e S.5	Parede inferior
0043	Alçado SE	S.2	Argamassa
0044	Alçado SE	S.2	Argamassa
0045	Alçado SE	S.5	Parede superior
0046	Alçado SE	S.5	Parede inferior
0047	Alçado SE	S.4	Argamassa
0048	Alçado SE	S.4	Argamassa
0049	Corte longitudinal CC'	S.1	Argamassa de reboco
0050	Corte longitudinal CC'	S.1	Argamassa de enchimento de juntas da parede original
0051	Alçado SE	S.3	Argamassa
0052	Alçado SE	S.5	Argamassa de enchimento da parede
0053	Alçado SE	S.5	Argamassa limosa, igual à do alçado NE
0054	Alçado NE	S.3, S.4 e S.5	Argamassa de cal, provavelmente igual à do alçado SE (=0052=)
0055	Alçado NE	S.5	Argamassa de areia
0056	Corte longitudinal BB'	S.1	Cal com argamassa dura
0057	Alçado SE	S.4	Argamassa
0058	Alçado SE	S.4	Argamassa

0059	Corte longitudinal CC'	S.1	Parede de enchimento da porta
0060	Corte longitudinal BB'	S.1	Argamassa
0061	Corte longitudinal BB'	S.1	Trave de madeira
0062	Corte longitudinal BB'	S.1	Argamassa branca com telhas pelo meio
0063	Corte longitudinal BB'	S.1	Argamassa limosa
0064	Corte longitudinal BB'	S.1	Argamassa da parede original
0065	Corte longitudinal CC'	S.1	Parede original
0066	Corte transversal JJ'	S.1	Argamassa de reboco (=0035=)
0067	Corte transversal JJ'	S.1	Argamassa de ampliação do anexo agrícola
0068	Corte transversal JJ'	S.1	Segunda argamassa do primeiro anexo (não picada)
0069	Corte transversal JJ'	S.1	Segunda argamassa do primeiro anexo (picada)
0070	Corte transversal JJ'	S.1	Primeira argamassa do primeiro anexo
0071	Corte transversal JJ'	S.1	Parede original
0072	x 116-120 / y 92-104	Limpeza	Terras revolvidas por máquina e entulhos
0073	Corte transversal JJ'	S.1	Argamassa limosa com uma mão de cal
0074	Corte transversal JJ'	S.1	Parede de aumento do primeiro anexo agrícola
0075	Corte transversal JJ'	S.1	Parede de aumento do segundo anexo agrícola
0076	x 116-120 / y 94-96	P1	Aterro
0077	x 116-120 / y 94-96	P1	Aterro
0078	x 116-120 / y 94-96	P1	Interface sedimentar, aterro de 1981
0079	x 116-120 / y 94-96	P1	Interface sedimentar, aterro de 1965
0080	x 116-120 / y 100-104	P1-2	Aterro de demolição da capela-mor
0081	x 103-104 / y 99-100	P1-2	Chão da eira (cimento)
0082	x 103-104 / y 99-100	P2	Areia para receber o cimento
0083	x 103-104 / y 99-100	P3	Pedras, argamassa (preparação para o cimento)
0084	x 116-120 / y 94-96	P2	Aterro de abandono
0085	x 103-104 / y 99-100	P4	Camada de terra com fragmentos de madeira, carvões, telha e argamassa
0086	x 116-120 / y 94-96	P3	Bolsa de argamassa
0087	x 116-120 / y 94-96	P4	Aterro de demolição
0088	x 103-104 / y 99-100	P5	Camada de terra com muita argamassa e telha, poderá corresponder à anterior
0089	x 116-120 / y 94-96	P5	Enchimento

0090	x 116-120 / y 94-96	P5	Interface construtivo
0091	x 116-120 / y 94-96	P5	Muro de uma face
0092	x 103-104 / y 99-100	P6	Pavimentação
0093	x 103-104 / y 99-100	P6	Pavimento
0094	x 103-104 / y 99-100	P6	Terra
0095	x 116-120 / y 96-100	P2	Aterro de abandono
0096	x 108-112 / y 102,5-105	P1	Aterro de abandono, igual ao contexto =0003=
0097	x 108-112 / y 102,5-105	P1	Aterro de abandono, igual ao contexto =0005=
0098	x 103-104 / y 99-100	Plano Final	Camada de terra situada à volta da sepultura
0099	x 103-104 / y 99-100	Plano Final	Camada de terra com fragmentos de argamassa e telha
0100	x 103-104 / y 99-100	Plano Final	Camada de terra dentro da sepultura
0101	x 104-108 / y 102,5-105	Perfil Central	Ver =0002=
0102	x 104-108 / y 102,5-105	Perfil Central	Camada sedimentar castanha clara e argilosa
0103	x 104-108 / y 102,5-105	Perfil Central	Ver =0004=
0104	x 104-108 / y 102,5-105	Perfil Central	Camada de aterro
0105	x 104-108 / y 102,5-105	Perfil Central	Ver =0005=
0106	x 104-108 / y 102,5-105	Perfil Central	Camada castanha escura e argilosa
0107	x 104-108 / y 102,5-105	Perfil Central	Ver =0006=
0108	x 104-108 / y 102,5-105	Perfil Central	Ver =0008=
0109	x 104-108 / y 102,5-105	Perfil Central	Ver =0009=
0110	x 104-108 / y 102,5-105	Perfil Central	Ver =0003=
0111	x 108-112 / y 102,5-105	P2	Cal deposta ?
0112	x 108-112 / y 102,5-105	P2	Solo de terra batida ?
0113	x 104-106 / y 99-100	P1	Pavimento em <i>opus signinum</i>
0114	x 104-106 / y 99-100	P1	Aterro de abandono
0115	x 104-106 / y 99-100	P1	Parede “ombreira”
0116	x 104-106 / y 99-100	P1	Soleira elevada
0117	x 104-106 / y 99-100	P2	Interface sedimentar e de ruptura
0118	x 104-106 / y 99-100	P2	Terra queimada
0119	x 104-106 / y 99-100	P2	Interface sedimentar e de ruptura
0120	x 104-106 / y 99-100	P2	Violação do pavimento
0121	x 104-106 / y 99-100	P2	Interface sedimentar e de ruptura
0122	x 104-106 / y 99-100	P2	Enchimento
0123	x 108-112 / y 102,5-	P3	Derrube do telhado da nave lateral,

	105		provavelmente
0124	x 108-112 / y 102,5-105	P4	Aterro de abandono
0125	x 108-112 / y 102,5-105	P4	Derrube do telhado, pode ser equivalente ao contexto =0123=
0126	x 108-112 / y 102,5-105	P4	Pavimento
0127	x 108-112 / y 102,5-105	P4	Interface de ruptura
0128	x 108-112 / y 102,5-105	P4	Interface de ruptura
0129	x 108-112 / y 102,5-105	P4	Interface de ruptura
0130	x 108-112 / y 102,5-105	P4	Interface de ruptura
0131	x 108-112 / y 102,5-105	P4	Aterro com cinzas
0132	x 108-112 / y 102,5-105	P4	Caixa
0133	x 116-120 / y 96-100	P3	Derrube (demolição)
0134	x 120-121 / y 96-98	P1	Aterro
0135	x 104-106 / y 99-100	P4	Aterro de enchimento
0136	x 104-106 / y 99-100	P5	Lentícula de argamassa de areia e de cal (piso de obras)
0137	x 104-106 / y 99-100	P5	Aterro
0138	x 104-106 / y 99-100	P5- cota -9,80m	Aterro
0139	x 120-121/ Y 96-98	P2	Aterro de demolição, sala “romana”?
0140	x 104-108 / y 102,5-105	P8	Camada sedimentar de demolição-abandono
0141	x 116-120 / y 100-104	P3	Aterro de demolição
0142	x 116-120 / y 100-104	P3	Aterro de demolição
0143	x 116-120 / y 100-104	P3	Aterro de enchimento
0144	x 104-106 / y 99-100	P5- cota =9,93m	Lentícula de argamassa de areia (piso de obras)
0145	x 116-120 / y 100-104	Plano Final	Aterro preto por baixo da capela-mor
0146	x 116-120 / y 96-100	Plano final	Muro romano (?)
0147	x 116-120 / y 96-100	Plano final	Pavimento de “opus signinum”
0148	x 116-120 / y 94-96	Plano final	Aterro violação de sepultura (?)
0149	x 116-120 / y 100-104	Plano final	Aterro de fundação da capela-mor
0150	x 103-104 / y 99-100	Plano final	Parede original
0151	x 116-120 / y 100-	Plano	Terra avermelhada que suporta o

	104	final	lajeado
0152	x 116-120 / y 100-104	Plano final	Lajeado
0153	x 116-120 / y 100-104	Plano final	Enterramento
0154	x 116-120 / y 100-104	P1	Piso de opus
0155	x 116-120 / y 100-104	P1	Leito de assentamento do piso de opus
0156	x 116-120 / y 100-104	P1	Muro adossado que corresponde à implantação da porta nascente do topo da nave Norte.
0157	x 116-120 / y 100-104	P1	Muro norte da capela-mor
0158	x 116-120 / y 100-104	Perfil	Camada argilosa que cobre o piso de opus
0159	x 116-120 / y 100-104	Perfil	Camada de aterro pós-construção do muro
0160	x 116-120 / y 100-104	Perfil	Camada de aterro pós-construção do muro
0161	x 116-120 / y 96-100	Plano 1	Murete que fecha o topo nascente da capela-mor
0162	x 103-104 / y 99-100	Plano Final	Interface de abertura de uma sepultura na terra
0163	Alçado Noroeste	Plano Final	Cunhal da parede original
0164	Corte longitudinal CC'	Plano Final	Interface do vão da porta original
0165	x 116-120 / y 100-104	Perfil	Terra preta com telhas, junto ao piso de <i>opus</i>
0166	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Parede norte da nave central (original)
0167	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Arco nascente do transepto norte
0168	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Arco poente do transepto norte
0169	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Nicho nascente do piso térreo
0170	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Pedra de secção quadrada entre os nichos térreos
0171	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Nicho poente do piso térreo
0172	Alçado distal da parede norte da nave	Leitura do paramento	Porta de acesso à nave central (encerrada)

	central		
0173	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Porta superior, de acesso à tribuna
0174	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Nicho piso superior
0175	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Interface de demolição da nave norte
0176	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Interface de ruptura da coluna central dos arcos do transepto
0177	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Interface de ruptura do ábaco da coluna dos arcos do transepto
0178	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Enchimento do nicho =0169=
0179	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Enchimento do nicho =01701=
0180	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Enchimento da porta =0172=
0181	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Enchimento da zona da soleira da porta =0173=
0182	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Enchimento do nicho =0174=
0183	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Cavidades de apoio a vigas
0184	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Agulheiro associado ao primeiro piso original
0185	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Agulheiro associado ao primeiro piso original
0186	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Perturbação causada pelo desmonte da parede adossada
0187	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Cavidades de apoio a barrotos
0188	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Cavidades de apoio a barrotos
0189	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Cavidades de apoio a barrotos

0190	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Reboco da parede
0191	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Cavidade para apoio de vigas
0192	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Cavidade para apoio de vigas
0193	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Cavidade para apoio de vigas
0194	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Cavidade para apoio de vigas
0195	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Cavidade para apoio de vigas
0196	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Cavidade para apoio de vigas
0197	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Cavidade para apoio de vigas
0198	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Cavidade para apoio de vigas
0199	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Cavidade para apoio de vigas
0200	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Enchimento das cavidades =0196=
0201	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Enchimento das cavidades =0197=
0202	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Enchimento das cavidades =0199=
0203	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Enchimento do alteamento da soleira da porta =0173=
0204	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Interface de remoção da padieira da porta =0173=
0205	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Enchimento de colocação da padieira da porta =0173=
0206	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Madeiramento do telhado
0207	Alçado distal da	Leitura do	Reboco

	parede norte da nave central	paramento	
0208	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Caiações
0209	Alçado Noroeste	Plano final	Parede “moderna”
0210	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Argamassa de construção nas juntas da parede original
0211	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Reboco original da parede
0212	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Argamassa de preenchimento associada ao primeiro anexo
0213	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Interface de ruptura do reboco =0190= ao nível do soalho
0214	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Piso de <i>opus signinum</i>
0215	Alçado distal da parede norte da nave central	Leitura do paramento	Cavidade correspondente ao derrube de aduelas do arco =0167=
0216	x 103-104 / y 99-100	P6	Pavimento pétreo sobre a sepultura
0217	x 103-104 / y 99-100	P5	Aterro sobre abandono
0218	x 103-104 / y 99-100	Perfil Este	Argamassa do reboco exterior moderno da parede original
0219	x 116-120 / y 100-104	Plano Final	Deposição natural de areia da ábside
0220	x 116-120 / y 100-104	Perfil Oeste	Encerramento da porta nascente do transepto norte
0221	x 116-120 / y 96-98	Perfil Sul	Piso térreo (?)
0222	x 116-120 / y 96-98	Perfil Sul	Depósito natural arenoso

8 – Anexos

8.2 – Lista de achados

Nº	Achado	Quadrícula	Contexto	Cota	Data	Responsável
1	Moeda	x 112-116 / y 92-96	Limpeza	--	17/02/00	Mário Cruz
2	Moeda (1893)	x 108-112 / y 92-96	Limpeza	--	22/02/00	Mário Cruz
3	2 moedas	x 108-112 / y 92-96	Limpeza	--	22/02/00	Mário Cruz
4	Medalhão	x 108-112 / y 104-108	Limpeza	--	04/03/00	Mário Cruz
5	Moeda	x 116-120 / y 100-104	0080	10m	11/09/02	--
6	Moeda	x 112-120 / y 100-104	0080	10,16m	11/09/02	--
7	Moeda	x 112-120 / y 100-104	0080	11,08m	11/09/02	--
8	Ferro	x 116-120 / y 94-96	0086	11,92m	12/09/02	--
9	Fivela de ferro	x 116-120 / y 100-104	0080	9,95m	12/09/02	Luís Fontes
10	Moeda	x 116-120 / y 94-96	0087	9,42m	12/09/02	--
11	Ferradura	x 108-112 / y 102,5-105	0123	10,16m	19/09/02	Pedro Silva
12	Ferro	x 116-120 / y 96-100	0133	10,02m	24/09/02	--
13	Moeda	x 120-124 / y 96-100	0139	9,93m	24/09/02	--
14	Moeda	x 116-120 / y 92-104	0072	--	--	--
15	Osso (conta)	x 104-108 / y 104	0009	--	--	Luís Fontes

8 – Anexos

8.3 – Lista de classificação de moedas (Classificação provisória, por David Ribeiro Mendes)

Campanha	SGN2002	Sondagem X 120-121/ Y 96-98	Contexto 0139
Nº achado	013		
Valor nominal	--	Matéria	Bronze
Cronologia	Ilegível		
Peso	5,4g	Diâmetro	23/24mm
		Eixo	--
Ref. Bibliográfica		--	
Campanha	SGN2002	Sondagem X 116-120/ Y 94-96	Contexto 0087
Nº achado	010		
Valor nominal	--	Matéria	Cobre
Cronologia	Ilegível		
Peso	0,7g	Diâmetro	16/17mm
		Eixo	--
Ref. Bibliográfica		--	
Campanha	SGN2002	Sondagem X 116-120/ Y 100-104	Contexto 0080
Nº achado	006		
Valor nominal	Dinheiro	Matéria	Bolhão
Cronologia	D. Sancho I (1185-1211)		
Peso	0,6g	Diâmetro	15/17mm
		Eixo	--
Ref. Bibliográfica	A. G. S1 04.01		

Campanha **SGN2002** Sondagem **X 116-120/ Y 92-104** Contexto **0072**

Nº achado **014**

Valor nominal **Dinheiro** Matéria **Bolhão**

Cronologia **D. Sancho I (1185-1211) ou D. Sancho II (1223-1245)**

Peso **0,8g** Diâmetro **15/16mm** Eixo **--**

Ref. Bibliográfica **Damião Peres. Pág 29, nº 15**

Campanha **SGN2002** Sondagem **X 116-120/ Y 100-104** Contexto **0080**

Nº achado **005**

Valor nominal **Dinheiro** Matéria **Bolhão**

Cronologia **D. Afonso II (1211-1223)**

Peso **0,6g** Diâmetro **15/15mm** Eixo **--**

Ref. Bibliográfica **A.G. A2. 09**

Campanha **SGN2002** Sondagem **X 116-120/ Y 100-104** Contexto **0080**

Nº achado **007**

Valor nominal **Dinheiro** Matéria **Bolhão**

Cronologia **D. Afonso II (1211- 1223) ou D. Afonso III (1248- 1279)**

Peso **1,1g** Diâmetro **17/17mm** Eixo **--**

Ref. Bibliográfica **--**

Campanha **SGN2000** Sondagem **X 112-116/ Y 92-96** Contexto **Limpeza**
Nº achado **001**
Valor nominal **Real de 3 1/2** Matéria **Cobre**
Cronologia **D. João I (1398-1408)**
Peso **2,1g** Diâmetro **22/23mm** Eixo **--**
Ref. Bibliográfica **--**

Campanha **SGN2000** Sondagem **X 108-112/ Y 92-96** Contexto **Limpeza**
Nº achado **003 (duas moedas)**
Valor nominal **Ceítal** Matéria **Cobre**
Cronologia **D. Afonso V (1438-1481)**
Peso **1,1g** Diâmetro **16/20mm** Eixo **16h**
Ref. Bibliográfica **A. G. A5 10.94**

Campanha **SGN2000** Sondagem **X 108-112/ Y 92-96** Contexto **Limpeza**
Nº achado **003 (duas moedas)**
Valor nominal **Ceítal** Matéria **Cobre**
Cronologia **D. João III (1521-1557)**
Peso **1,3g** Diâmetro **17/18mm** Eixo **23h**
Ref. Bibliográfica **A.G. J3 06.08**

Campanha	SGN2000	Sondagem X 116-120/ Y 94-96	Contexto	Limpeza
Nº achado	002			
Valor nominal	5 Réis	Matéria	Bronze	
Cronologia	D. Carlos I (1893)			
Peso	2,7g	Diâmetro	20/20mm	Eixo 6h
Ref. Bibliográfica A.G. C1 01.04				

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 3, 2010

8 – Anexos

8.4 – Lista geral de inventário e classificação de espólio

Conteúdo	Lítico	Ossos	Metal	Vidro	T. Vermelha	T. Preta	Tijolo	C. Vermelha	C. Preta	Falanga	C. Vitrada	Outros	(descrição)	Total
0004								24			11			35
0005	1	4		2				55	1	59	56			178
0006		3						21		5			7 (1 tegula e 6 conchas)	41
0008		3						19					7 (conchas)	29
0009	1	1						13					15 (conchas)	30
0072	1			1				2						4
0076								1						1
0080	1	150		3	2	1	16,00 Kg	29		1	4		1 (tijolo)	191
0083					3		18,00 Kg	1		1				5
0084	1	10					1,00 Kg	3						14
0085				1	1		3,00 Kg	53		5	9			69
0087				1										1
0088		28					2,00 Kg	34		1	1			64
0089		1												1
0092		2												2
0094		3					3,00 Kg	33					1 (cubo de mosaico)	37
0096				3			11,00 Kg	141		52	50			246
0097		1		1			26,00 Kg	165	2	106	38			313
0100		1						4						5
0101		7					2,00 Kg	30		11	19			69
0104		1		1				7		1	1			11
0105				2			1,10 Kg	36		9	8			54
0106							6,40 Kg	107		55	13			175
0107								4						4
0108		2					10,75 Kg	3		3				8
0109		9					7,90 Kg	8						17
0112								11						11
0122								4						4
0123		6		2			91,00 Kg	43		1				56
0125								1						1
0133		7		4			4,50 Kg							11
0134							3,50 Kg	2		2				2
0135														0
0138		3						1					7 (3 tijolos e 1 concha)	11
0139				1			70,00 Kg							1
0141								2						2
0145								1						1
0149								4						4
Total	5	242	13	6	9	1	18,2	863	3	310	219	38		1708

Sondagem X 108-112; Y 102.5-105													
Contexto	Lítico	Oso	Metal	Moeda	Vidro	T. Vermelha	T. Preta	T. Vidrada	Tijolo	C. Vermelha	C. Preta	Falanga	Total
0096					3	11,00 Kg				141		52	246
0097	1				1	26,00 Kg				165	2	106	313
0112		6				91,00 Kg				43		1	56
0123			2							1			1
0125					4		128	0	0	361	2	159	627

Sondagem X 103-104; Y 99-100													
Contexto	Lítico	Oso	Metal	Moeda	Vidro	T. Vermelha	T. Preta	T. Vidrada	Tijolo	C. Vermelha	C. Preta	Falanga	Total
0083			3			18,00 Kg				1			6
0085			1		1	3,00 Kg				53		5	6
0088		28				2,00 Kg				34		1	6
0092		2								33			3
0094		3				3,00 Kg							3
0092		2											2
0100		1			1			0	0	4			18

Sondagem X 107-108; Y 97-98													
Contexto	Lítico	Oso	Metal	Moeda	Vidro	T. Vermelha	T. Preta	T. Vidrada	Tijolo	C. Vermelha	C. Preta	Falanga	Total
0004										24			3
0005	1	4			2					55	1	59	17
0006		3								21		5	4
0008		3								19			7 (1 tegula e 6 conchas)
0009	1	1								13			7 (conchas)
0101		7				2,00 Kg				32		11	15 (conchas)
0104		1								7			6
0105			2			1,10 Kg				35		9	1
0106						6,40 Kg			2,20 Kg	107		55	5
0107										17			8
0108		2				10,75 Kg				3			13
0109		9				7,90 Kg				8		3	17
Total	2	30	3	0	2	28,15	0	0	2,2	328	1	143	65

Sondagem X 107-108; Y 97-98													
Contexto	Lítico	Oso	Metal	Moeda	Vidro	T. Vermelha	T. Preta	T. Vidrada	Tijolo	C. Vermelha	C. Preta	Falanga	Total
0122										4			4
0135													0
0138		3								1			7 (6 tijolos e 1 concha)
Total	0	3	0	0	0	0	0	0	0	5	0	0	11

Sondagem x 116-120, y 94-98																
Contexto	Lítico	Ossos	Metal	Moeda	Vidro	T. Vermelha	T. Preta	T. Vidrada	Tijolo	C. Vermelha	C. Preta	Falança	C. Vidrada	Outros	(descrição)	Total
0076										1						1
0084	1	10				1,00 Kg				3						14
0087				1												1
0089																1
Total	1	11	0	1	0	1	0	0	0	4	0	0	0	0	0	17

Sondagem x 116-120, y 96-100																
Contexto	Lítico	Ossos	Metal	Moeda	Vidro	T. Vermelha	T. Preta	T. Vidrada	Tijolo	C. Vermelha	C. Preta	Falança	C. Vidrada	Outros	(descrição)	Total
0133			7	4		4,50 Kg										11
Total	0	7	4	0	0	4,50 Kg	0	0	0	0	0	0	0	0	0	11

Sondagem x 116-120, y 100-104																
Contexto	Lítico	Ossos	Metal	Moeda	Vidro	T. Vermelha	T. Preta	T. Vidrada	Tijolo	C. Vermelha	C. Preta	Falança	C. Vidrada	Outros	(descrição)	Total
0080	1	150		3		98,00 Kg	1		16,00 Kg	29		1	4	1 (tijolo)		191
0141										2						2
0145										1						1
0149										4						4
Total	1	150	0	3	2	98	1	0	16	36	0	1	4	1	0	198

Sondagem x 120-121, y 96-98																
Contexto	Lítico	Ossos	Metal	Moeda	Vidro	T. Vermelha	T. Preta	T. Vidrada	Tijolo	C. Vermelha	C. Preta	Falança	C. Vidrada	Outros	(descrição)	Total
0134						3,50 Kg										2
0139				1		70,00 Kg										1
Total	0	0	0	1	0	73,5	0	0	0	2	0	0	0	0	0	3

8 – Anexos

8.5 – Relatório e desenhos em CD-ROM

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 3, 2010

8 – Anexos

8.6 – Fotocópias desenhos campo

8 – Anexos

8.7 – Ficha de Sítio / Trabalho Arqueológico

Designação

Igreja de São Gião da Nazaré.-----

Distrito Leiria **Concelho** Nazaré-----

Freguesia Nazaré **Lugar** Quinta de São Gião-----

CMP 1:25.000 folha nº 306- B **Latitude N** 39° 34'-----

Longitude W (Greenwich) 9° 5'20" **Altitude (m)** 20-----

Tipo de Sítio** Igreja----- **Período cronológico**** Romano - Medieval- Moderno-----

Descrição do sítio (15 linhas) A Igreja de São Gião da Nazaré localiza-se ao centro de uma ampla veiga agrícola, formada por depósitos aluvionares que se acumularam entre os cordões dunares e o sopé da Serra da Pescaria. Até à sua aquisição pelo estado, em 1998, a Igreja foi usada como arrecadação, paiheiro e estábulo da exploração agrícola em que se incluía. A zona de implantação da Igreja de São Gião terá sido, em época romana, marginal a uma enseada.-----

Bibliografia Ver apêndice bibliográfico.-----

Proprietários Estado Português. Imóvel afecto ao IPPAR – Instituto Português do Património Arquitectónico.-----

Classificação Monumento Nacional **Legislação** Decreto Nº 1/86 de 03/01-----

Estado de conservação**----- **Uso do solo**** Agrícola-----

Ameaças**----- **Protecção/Vigilância****-----

Acessos** Caminho vicinal em terra batida, desde a EN. 242 (na Ponte da Barca)-----

Descrição Cerâmicas calcíticas tardo-romanas, moedas portuguesas e cerâmicas vermelhas, cinzentas, vidradas de chumbo e estanhíferas (faianças) de época moderna (séculos XVI a XVIII).-----

Local de depósito Museu Regional Arqueologia D. Diogo de Sousa, Braga e Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga-----

Trabalho Arqueológico Anual 2002

Arqueólogo responsável Luís Fernando Oliveira Fontes -----

Tipo de trabalho** Sondagens nos Alçados e no Solo -----

Datas: de início meses de Abril e Setembro **de fim** ----- **duração (em dias)** 50 -----

Projecto de Investigação Estudo Arqueológico de São Gião da Nazaré -----

Objectivos (10 linhas) Determinar a sequência da evolução arquitectónica do monumento e definir a planimetria do conjunto, através de sondagens selectivas em alçados e no solo. Para além do interesse científico de “per se”, interessava informar as especialidades de arquitectura e de engenharia, para desenvolvimento dos respectivos projectos de intervenção.-----

Resultados (15 linhas) Confirmou-se a existência de restos de um edifício (paredes+pavimento “opus”), cujo abandono está associado a cerâmicas calcíticas tardo-romanas.-----
Determinou-se a existência de três fases construtivas para o templo cristão: uma primeira correspondente ao edifício com nave central, transepto e ábide, mais alas laterais compartimentadas; uma segunda, com acrescentamento de compartimento lateral na cabeceira e pavimentação com “opus” desenhando uma espacialidade em cruz latina, acrescentando-se-lhe também espaços sepulcrais com caixas de enterramento trapezoidais; uma terceira fase corresponde a adaptações parciais, como a abertura de um altar lateral na nave.-----
Determinou-se a sequência pós-abandono do templo, identificando-se a construção de um primeiro anexo acrescentado a norte e depois a sua ampliação com a edificação de um piso superior.-----

** Preencher de acordo com a lista do thesaurus do ENDOVÉLICO. Essa lista poderá ser consultada no site do IPA: www.ipa.min-cultura.pt